

**MARIA ANGÉLICA ALVES DA SILVA E SOUZA**

**INFORMALIDADE E REDES SOCIAIS: FAMÍLIAS PRODUTORAS DE  
CACHAÇA DO MUNICÍPIO DE RIO POMBA - MG**

Dissertação apresentada à  
Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do  
Programa de Pós-Graduação em  
Extensão Rural, para obtenção do  
título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2012

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

S729i  
2012

Souza, Maria Angélica Alves da Silva e, 1961-  
Informalidade e redes sociais: famílias produtoras de  
cachaça do município de Rio Pomba-MG / Maria Angélica  
Alves da Silva e Souza. – Viçosa, MG, 2012.  
xiii, 139f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui anexo.

Orientador: Douglas Mansur da Silva

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 130-135

1. Agricultura familiar. 2. Redes sociais. 3. Cachaça.  
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de  
Economia Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão  
Rural. II. Título.

CDD 22. ed. 338.1

MARIA ANGÉLICA ALVES DA SILVA E SOUZA

INFORMALIDADE E REDES SOCIAIS: FAMÍLIAS PRODUTORAS DE  
CACHAÇA DO MUNICÍPIO DE RIO POMBA – MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 14 de setembro de 2012

---

José Manoel Martins  
(Coorientador)

---

Luciano Rodrigues Costa

---

Douglas Mansur da Silva  
(Orientador)

**Dedico ao meu amado marido,  
amigo e parceiro Maurício  
Novaes; aos filhos queridos  
Clarissa, Rodrigo, Gabriela; e  
ao meu queridíssimo neto  
Antônio Lucas.**

## AGRADECIMENTOS

A execução desta dissertação é resultado do somatório de várias forças: familiares, amigos, colegas e professores, cada uma na sua proporcionalidade, resultando na sua consolidação. A força sustentadora veio do Criador que, certamente, retribuirá a todos em meu nome.

Queria mencionar o espírito colaborativo dos atores da pesquisa, os entrevistados das famílias produtoras de cachaça do município de Rio Pomba, MG, com quem tive todo o prazer em trocar experiências e saberes díspares; expressar opiniões diversas sobre os assuntos em causa e atualização dos conhecimentos e compreensão nas interligações estabelecidas nesta forma de produção - a da cachaça; e, por fim, a receptividade positiva nas entrevistas realizadas, e também dos sujeitos responsáveis pelas instituições e comércios.

A todos os professores que contribuíram decisivamente para a minha, e nossa, formação profissional e pessoal. Em especial ao meu orientador inicial, Professor José Norberto Muniz, e ao orientador que aceitou a dar continuidade ao trabalho, professor Douglas Mansur, pelas orientações constantes da minha dissertação; aos co-orientadores, professores José Manoel Martins Silva e Luciano Rodrigues Costa; e a um professor que colaborou de forma não oficial, mas fundamental, Maurício Novaes Souza, incansável em suas atenções.

Gostaria, ainda, de aproveitar esta página para prestar um agradecimento muito especial a uma companheira de curso e que se fez amiga de vida, Silvia Nascimento, pelo apoio moral e estímulo que me permitiram levar até ao fim este trabalho de dissertação.

Agradeço à Universidade Federal de Viçosa; a Coordenadora do Curso de Extensão Rural, Ana Louise Carvalho Fiuza; ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas campus Rio Pomba; ao Professor Carlos Miranda Carvalho; e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo fato de nos ter facultado essa formação tão útil às nossas vidas, por meio do aprendizado e formação no curso de pós-graduação *Magister Scientiae* em Extensão Rural do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa.

As sociedades se mantêm porque são capazes de transmitir seus princípios e seus valores de uma geração a outra. A partir do momento em que se sentem incapazes de transmitir alguma coisa, ou não sabem mais o que transmitir e confiam nas gerações que a sucedem, elas estão doentes.

(Levi-Strauss 1990, 205)

## SUMÁRIO

|                               |      |
|-------------------------------|------|
| <b>LISTA DE FIGURAS</b> ..... | vii  |
| <b>LISTA DE QUADROS</b> ..... | viii |
| <b>LISTA DE TABELAS</b> ..... | ix   |
| <b>LISTA DE SIGLAS</b> .....  | x    |
| <b>RESUMO</b> .....           | xii  |
| <b>ABSTRACT</b> .....         | xiii |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....       | 01   |

### CAPÍTULO 1

|  |    |
|--|----|
| 1. O processo de pesquisa, os lugares e os personagens .....                             | 06 |
| 1.1. Lugares e personagens .....   | 07 |
| 1.1.1. O município.....  | 08 |
| 1.1.2. As fazendas, as famílias, as histórias contadas e o sentido de <i>lugar</i> ..... | 10 |
| 1.1.3. Os personagens e os primeiros contatos no processo de pesquisa                    | 17 |
| 1.2. Método e técnica de coleta de dados .....   | 20 |
| 1.3. Método de análise de dados .....  | 23 |
| 1.4. Limitações dos métodos de coleta e análise dos dados .....                          | 24 |

### CAPÍTULO 2

|   |    |
|---|----|
| 2. Produção da Cachaça: informalidade e redes sociais .....     | 27 |
| 2.1. Introdução .....   | 27 |
| 2.2. Informalidade e formalidade .....                          | 29 |
| 2.3. Redes sociais e suas relações formais e/ou informais ..... | 39 |
| 2.4. Redes sociais e informalidade na produção da cachaça ..... | 44 |

|  |            |
|--|------------|
| 2.5.Considerações .....  | 53         |
| <b>CAPÍTULO 3</b>  |            |
| 3. Ofícios e Saberes .....   | 55         |
| 3.1. Competência (s) .....   | 56         |
| 3.2. Desenvolvimento Rural: novas perspectivas? .....  | 62         |
| 3.3. Percepção da representação da cachaça na pluriatividade rural ...                                 | 66         |
| 3.4. O Papel do Extensionista Rural .....  | 71         |
| 3.5. Alambiqueiros Mineiros .....  | 79         |
| 3.6. Os saberes das famílias produtoras de cachaça de Rio Pomba.....                                   | 81         |
| 3.7. Considerações .....   | 84         |
| <b>CAPÍTULO 4</b>  |            |
| 4. Análise das Controvérsias na Produção da Cachaça em Rio Pomba                                       | 86         |
| 4.1. Produtores: sucesso <i>versus</i> obstáculo.....  | 87         |
| 4.2 Famílias Produtoras da Cachaça: semelhanças e diferenças.....                                      | 90         |
| 4.3. Distribuição - gargalos: produtores ou atravessadores.....  | 99         |
| 4.4. Certificação da cachaça artesanal: vantagens e desvantagens.....                                  | 104        |
| 4.5. Consumo: sociabilidade <i>versus</i> contravenção.....  | 109        |
| 4.6. O envolvimento do Estado como incentivador do agricultor familiar na<br>produção de cachaça ..... | 112        |
| 4.7. Análise das representações sociais no contexto da produção da<br>cachaça.....                     | 116        |
| 4.8. Considerações .....   | 121        |
| <b>5. CONCLUSÃO GERAL .....</b>  | <b>124</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>130</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>  | <b>136</b> |

## LISTA DE FIGURAS

|                            |  |     |
|----------------------------|--|-----|
| <b>FIGURA 1</b>            | Localização de Minas Gerais e de Rio Pomba   | 08  |
| <b>FIGURAS 2 a 5</b>       | Produtor Moenda  | 13  |
| <b>FIGURAS 6 a 9</b>       | Produtor Dorna   | 15  |
| <b>FIGURAS 10 e 11</b>     | Fazenda Moenda   | 16  |
| <b>FIGURAS 12 e 13</b>     | Fazenda Dorna  | 16  |
| <b>FIGURAS 14 e 15</b>     | Fazenda Capelo   | 16  |
| <b>FIGURA 16</b>           | Rede Social: Famílias produtoras de cachaça do município de Rio Pomba                  | 44  |
| <b>FIGURA 17</b>           | População Urbana e Rural do Município Rio Pomba nos anos das décadas 1970, 1980 e 2010 | 65  |
| <b>FIGURA 18</b>           | Mesorregiões do Estado de Minas Gerais   | 79  |
| <b>FIGURAS 19 e 20</b>     | Tradição e informalidade   | 82  |
| <b>FIGURA 21</b>           | Grau de escolaridade dos produtores entrevistados                                      | 84  |
| <b>FIGURA 22</b>           | Fluxograma de todas as etapas da produção da cachaça                                   | 93  |
| <b>FIGURAS 23 e 24</b>     | Moendas: fazendas Moenda e Dorna   | 96  |
| <b>FIGURAS 25 e 26</b>     | Embalagens diversas disponibilizadas por produtores da cachaça                         | 102 |
| <b>FIGURAS 27, 28 e 29</b> | Rusticidade e informalidade na produção e comercialização da cachaça                   | 104 |
| <b>FIGURAS 30 e 31</b>     | Informalidade na comercialização da cachaça  | 105 |
| <b>FIGURA 32</b>           | Simulação do cálculo (informal) do custo da cachaça registrada e outra não registrada  | 107 |
| <b>FIGURA 33</b>           | Percentuais de consumo de bebidas destiladas na Classe “E”                             | 110 |

## LISTA DE QUADROS

|                 |   |     |
|-----------------|---|-----|
| <b>QUADRO 1</b> | Relação das pessoas e instituições citadas por sujeitos entrevistados           | 46  |
| <b>QUADRO 2</b> | Dados Demográficos do Município Rio Pomba                                       | 65  |
| <b>QUADRO 3</b> | Principais grupos estratégicos associados aos produtores de cachaça             | 88  |
| <b>QUADRO 4</b> | Processo produtivo na produção de cachaça no município de Rio Pomba             | 94  |
| <b>QUADRO 5</b> | Formas de distribuição da cachaça pelas famílias Moenda, Dorna e Tonel          | 101 |
| <b>QUADRO 6</b> | Taxas para certificação de cachaça artesanal de alambique                       | 104 |
| <b>QUADRO 7</b> | Uso da bebida alcoólica comparada às diversas classes socioeconômicas no Brasil | 109 |
| <b>QUADRO 8</b> | Número de produtores de cachaça por região do Estado de Minas Gerais            | 113 |

## LISTA DE TABELA

|                 |   |     |
|-----------------|---|-----|
| <b>TABELA 1</b> | Percentual de engarrafamento da cachaça em Minas Gerais               | 102 |
| <b>TABELA 2</b> | Impostos necessários para o processo de registro da cachaça artesanal | 106 |

## LISTA DE SIGLAS

|                       |   |
|-----------------------|---|
| <b>AMPAQ</b>          | Associação Mineira dos Produtores de Cachaça de Qualidade                                     |
| <b>BDMG</b>           | Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais  |
| <b>CEBRID</b>         | Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas   |
| <b>CEFET/ RP</b>      | Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba   |
| <b>CEPA</b>           | Conselho Estadual de Política Agrícola  |
| <b>CEPAL</b>          | Comissão Econômica Para a América Latina e o Caribe   |
| <b>CESAMA</b>         | Companhia de Saneamento Municipal   |
| <b>CETEC</b>          | Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais   |
| <b>CNPJ</b>           | Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica da Receita Federal                                       |
| <b>CONFINS</b>        | Contribuição para Financiamento da Seguridade Social  |
| <b>EMATER</b>         | Empresa Brasileira de Extensão Rural  |
| <b>EMBRAPA</b>        | Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária   |
| <b>I.E</b>            | Imposto Estadual  |
| <b>IBGE</b>           | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística   |
| <b>ICMS</b>           | Imposto sobre Circulação de Mercadoria e Serviços   |
| <b>IFSudesteMG/RP</b> | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas Gerais, Campus Rio Pomba |
| <b>IMA</b>            | Instituto Mineiro de Agropecuária   |
| <b>INCRA</b>          | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária   |
| <b>INDI</b>           | Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais                                       |
| <b>INPI</b>           | Instituto Nacional da Propriedade Industrial  |
| <b>IPI</b>            | Imposto sobre Produtos Industrializados   |

|                    |   |
|--------------------|---|
| <b>IRPJ</b>        | Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas                        |
| <b>JUCEMG</b>      | Junta Comercial de Minas Gerais                               |
| <b>MAPA</b>        | Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento           |
| <b>OCDE</b>        | Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico    |
| <b>OMS</b>         | Organização Mundial de Saúde                                  |
| <b>Pró-cachaça</b> | Programa Mineiro de Incentivo à Produção de Cachaça           |
| <b>PRONAF</b>      | Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar   |
| <b>SEAPA</b>       | Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento           |
| <b>SEBRAE</b>      | Serviço de apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais |
| <b>SENAD</b>       | Secretaria Nacional Antidrogas                                |
| <b>SENAR</b>       | Serviço Nacional de Aprendizagem Rural                        |
| <b>SIRURP</b>      | Sindicato Rural de Rio Pomba                                  |
| <b>SRF</b>         | Secretaria da Receita Federal                                 |

## RESUMO

SOUZA, Maria Angélica Alves da Silva e, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2012. **Informalidade e Redes Sociais: Famílias Produtoras de Cachaça do Município de Rio Pomba – MG.** Orientador: Douglas Mansur da Silva. Co-orientador: José Manoel Martins.

O contexto rural brasileiro é o grande produtor da cachaça artesanal. Entretanto, 85% dos produtores trabalham na informalidade e na ilegalidade, nas interdependências da produção, nas redes sociais e na comercialização da cachaça pelos atores e produtores familiares. A realidade brasileira mostra que os produtores auferem renda inferior aos atravessadores da cachaça, principalmente por falta de informação sobre o mercado interno e externo, por não agregarem valor ao produto, pela ausência de incentivos do Estado e pelo desconhecimento da força das redes sociais que existem nesta forma de produção agrícola. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi identificar e analisar as redes sociais formais e informais dos agricultores do Município de Rio Pomba – MG, por meio: dos processos de trabalho utilizados na produção da cachaça; da tradição; da geração de renda; da relação/interferência dos órgãos fiscalizador-certificadores; e do papel da extensão rural nessas relações. Neste trabalho, o que se observou quanto aos produtores familiares da cachaça do Município de Rio Pomba é a presença da informalidade no que se refere à produção - não há contratos ou divisões de trabalhos, mas sim uma parceria entre familiares e vizinhos. Pode-se considerar informalidade, entre outros parâmetros, quando esta é baseada na concepção do princípio da reciprocidade. No entanto, as famílias produtoras da cachaça de Rio Pomba se mantêm informais na forma de plantio e condução da lavoura; nas questões da higiene exigidas pela vigilância sanitária; na destinação inadequada dos resíduos e dejetos oriundos desta atividade (bagaço e vinhoto); entre outros. Ainda assim, as famílias são unânimes em afirmar que é uma maneira de continuarem na atividade, posto que a certificação e o registro junto aos órgãos legitimados apresentam trâmites complexos e os registros e impostos são incompatíveis com as suas realidades de pequenos produtores. Apesar da existência de rede social por meio dos contatos próximos e distantes dos atores entrevistados, pôde-se observar que são desarticulados e se voltam exclusivamente para as suas produções, distribuições e ampliação de seus mercados consumidores. Desta forma, não percebem a importância das parcerias com outros produtores, apesar de entenderem que a produção de cachaça é uma excelente oportunidade de geração de renda. Assim, priorizam e mantêm a tradição nos sistemas de produção e comercialização, demonstram aversão ao risco e apontam as dificuldades de acesso às novas tecnologias, resguardando a identidade familiar da produção da cachaça e do local onde é produzida.

## ABSTRACT

SOUZA, Maria Angélica Alves da Silva e, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, september, 2012. **Informality and Social Networks: *Cachaça*-Producing Families in the Village of Rio Pomba, Minas Gerais, Brazil.** Adviser: Douglas Mansur da Silva. Co-adviser: José Manoel Martins.

The Brazilian rural context is the major producer of *cachaça*. However, 85% of producers work on informality and illegality, the interdependencies of production, social networking and marketing of *cachaça* by the actors and producers familiar. The Brazilian reality shows that producers earn income below the middlemen of *cachaça*, mainly due to lack of information on the domestic and foreign market, not add value to the product, the lack of state incentives and the lack of strength of social networks that exist this form of agricultural production. Thus, the objective was to identify and analyze the formal and informal social networks of farmers through: work processes used in the production of rum; tradition; income generation; interface / supervisory bodies interference-certifiers, and the role of extension in these relations. This work, which was seen as the producers of *cachaça* family in the city Rio Pomba is the presence of informality with regard to production - no contracts or divisions of work, but a partnership between families and neighbors. One can consider other parameters informality when it is based on the concept of reciprocity. However, families of producing *cachaça* Rio Pomba remain in informal form of crop planting and driving; issues of hygiene required by sanitary surveillance in inadequate allocation of waste and waste from this activity (bagasse and vinasse), among others . Still, families are unanimous that it is a way of continuing the activity, since the certification and registration with the bodies have legitimized complex procedures and records and taxes are incompatible with their realities of small producers. Despite the existence of social networking through the contacts close and distant actors interviewed, it was observed that are disjointed and turn exclusively for their productions, distributions and expand their markets. Thus, do not realize the importance of partnerships with other producers, although understand that the production of rum is an excellent opportunity to generate income. So, prioritize and maintain the tradition in production and marketing systems, demonstrate risk aversion and point out the difficulties of access to new technologies, protecting the identity of the family *cachaça* production and where it is produced.

## INTRODUÇÃO

A origem da cachaça se confunde com a história do Brasil. Tem como protagonistas iniciais da sua produção os escravos africanos, os colonizadores portugueses e os indígenas. Segundo Silva (2008), no período da escravidão a aguardente era produzida e consumida pelos negros em caso de enfermidade, chegando a ter valor como moeda corrente para o escambo de escravos. Em sua evolução histórica a cachaça pode ser compreendida como um processo social. Vista como um produto rural, de modo de produção tradicional, envolve desde a implantação dos plantios da cana-de-açúcar pelos portugueses às suas implicações sociais de produção e comercialização.

Segundo Lima *et al.* (2006) a cachaça foi também utilizada: como energético para os escravos, tanto em outras formas de produção agrícola quanto no próprio plantio da cana-de-açúcar dos “senhores dos engenhos”; em Minas Gerais, para a conquista do ouro, sendo considerada um símbolo de resistência à colonização portuguesa pelos inconfidentes; na Semana da Arte Moderna de 1922, como símbolo da brasilidade em oposição à cultura colonial e europeia.

A história da cachaça nos remete as suas várias características históricas e sociais. Considerada uma bebida de fácil consumo no meio brasileiro, sua produção ficava a cargo, em sua maioria, dos alambiques das pequenas propriedades rurais. Silva (2008) apresenta a história da cachaça brasileira por meio das denominações destinadas a essa bebida. Cita o “cauim”, bebida comum para os índios, feita da mandioca, mas não caracterizando ainda a bebida como designada posteriormente. A versão de maior entendimento, segundo esse mesmo autor, é a palavra “cachaza”, de origem espanhola, que inspirou o nome até hoje aceito - a “cachaça”.

Considerando o mesmo período histórico, houve em Minas Gerais a descoberta do ouro. Com esse fato, constatou-se grande aumento da população nas regiões com temperaturas baixas, sendo a rapadura e a cachaça a forma

alimentar consumida pelos escravos visando aquecer o corpo e como alternativa para aturar formas de trabalhos árduos nos procedimentos de exploração do ouro.

Entretanto, Campelo (2002) narra que a aceitação da bebida por outros consumidores, como os bandeirantes e senhores de engenhos, despertou na Coroa Portuguesa a preocupação com a diminuição dos impostos na importação da “bagaceira”, bebida de procedência portuguesa. Desta forma, foi baixado o decreto régio de vinte e quatro de fevereiro de mil setecentos e quarenta e três (24-02-1743), no qual era expressamente proibida a produção da aguardente na Capitania da Bahia, fato que tornou Minas Gerais o principal mercado de oferta da cachaça para outras capitanias.

Contudo, inspirados na Revolução Francesa, os inconfidentes do Brasil se revoltaram com os altos impostos exigidos pela Metrópole. Como forma de repúdio, adotaram a cachaça “(...) como sinônimo de brasilidade e dos ideais de liberdade, a bebida frequentou a mesa dos inconfidentes e das pessoas que apoiavam a conjuração mineira, passando a ser chamada de *aguardente da terra*” (CAMPELO, 2002:4).

No Brasil Império, com a Independência em 1822, segundo Silva (2008), a cachaça já era consumida por todas as classes sociais e, pelo seu baixo preço, atraiu o público de menor poder aquisitivo. Consumida na tentativa de aliviar os descontentamentos, os recém-libertos escravos, ao passar a euforia da liberdade, encontravam-se sem abrigo e comida:

A partir de então, a cachaça experimentou o seu lado triste, servindo de refúgio para amenizar as dores da miséria e da fome. Começa sua decadência e, vista com preconceitos, passa a ser bebida de “pinguços” e “cachaceiros” - termos que se tornaram pejorativo e denegriram sua imagem (SILVA, 2008:31).

Hoje é possível perceber que a valorização da cachaça passa por manifestações culturais diversas, inclusive folclóricas e religiosas e por sua difusão e consumo em todas as classes sociais, ressaltando sua importância econômica. Também é apontada como relacionada a problemas e estigmas sociais, representando, desta forma, um importante processo na construção da sociedade brasileira. Está presente nos bares e restaurantes, tanto no espaço rural ou urbano.

Campelo (2002) considera o contexto rural o grande produtor da cachaça artesanal. Em Minas Gerais, com 8.466 estabelecimentos, a sua produção gera atualmente cerca de 110.000 empregos diretos e acumula ao longo de seus ciclos produtivos uma receita anual de R\$ 1,4 bilhão. Entretanto, segundo esse mesmo autor, 85% destes trabalham na informalidade e na ilegalidade; ou seja, não estão subordinados aos órgãos sanitários e fiscalizadores, bem como não possuem registro junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Dada a importância da cachaça e de sua presença na sociedade brasileira, o interesse inicial desta pesquisa era compreender os dilemas experimentados no saber-fazer de produtores artesanais de cachaça, bem como por que a maioria desses produtores atua na informalidade. A fim de melhor definir o objeto de pesquisa, realizei um pré-campo no município de Rio Pomba/MG, quando pude pela primeira vez atentar para as dificuldades e impasses dos produtores da cachaça; no acompanhamento das exigências de certificação e adequação às normas e às leis exigidas para a sua comercialização, considerando-se que este município é formado, basicamente, por pequenos agricultores familiares.

De fato, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2008), descreve que há altos índices de informalidade na atividade produtiva e comercial da cachaça. No entanto, o processo produtivo da bebida possui um papel de grande importância na estruturação de inúmeras propriedades rurais no interior de Minas Gerais, onde tem destaque a produção de aguardente artesanal. Esse órgão destaca também que o setor tem se organizado atualmente, mas que a relação entre o SEBRAE e produtores encontra-se em processo de qualificação, de informação e de conhecimento dos produtores da cachaça no que diz respeito à necessidade da legalização, criando melhores condições de geração de renda.

Vista como um problema pelos órgãos sanitários e fiscalizadores, bem como os de assessoria econômica e empresarial, como a informalidade seria percebida pelos produtores artesanais? O desenvolvimento social e econômico das famílias produtoras da cachaça seria de fato prejudicado pelas condições da informalidade existente na produção e comercialização e nas relações geradas nos sistemas familiares produtivos da cachaça? Como desdobramento dessas questões, buscou-se ainda compreender: como se dá a informalidade na produção

da cachaça, em um caso concreto – no município de Rio Pomba? São as exigências dos órgãos responsáveis pela legalização da cachaça que dificultam a busca da formalidade do mercado e estimulam a retração dos agricultores familiares na fabricação de modo legalizado da bebida? Haveria uma possível/suposta afirmação da tradição no saber/fazer do produto? Neste caso, haveria alguma iniciativa de agregação de valor ao produto em decorrência de sua produção tradicional e artesanal? Qual a importância da produção da cachaça para as famílias estudadas em termos da geração de renda?

É importante destacar que tais questões traduziam não apenas problemas de pesquisa, mas surgiram da observação e análise das necessidades dos produtores contatados no pré-campo. Desta forma, consideraram-se as seguintes hipóteses:

- a) Um saber-fazer tradicional presente na produção da cachaça, legado familiar de avós e pais, e a ausência de acesso às novas tecnologias, fazem com que os produtores da bebida mantenham o mesmo sistema de produção, distante dos novos processos tecnológicos;
- b) A garantia de uma renda extra e a aversão ao risco, associados à baixa capitalização dos produtores de cachaça, os mantêm na informalidade;
- c) A informação fundamentada ao produtor de cachaça, por intermédio de apresentações dos benefícios das redes sociais e o conhecimento dos novos “nichos” de mercado para a bebida, poderia estimular o agricultor familiar a buscar a formalidade, bem como novas estratégias de produção, comercialização e *marketing*.

Assim, a pesquisa buscou identificar e analisar as redes sociais formais e informais dos agricultores por meio dos processos de trabalho na produção da cachaça, da possível afirmação de uma tradição, da geração de renda, da relação/interferência dos órgãos fiscalizador-certificadores e do papel da extensão rural nessas relações. As observações e descrições se basearam na exploração da história local e das formas de conhecimento (o saber-fazer) dos produtores da cachaça da região de Rio Pomba/MG.

Paralelamente, procurei realizar um levantamento do perfil socioeconômico dos envolvidos nas etapas produtivas da cachaça e elaborei um fluxograma de

fabricação do produto cachaça – da produção à comercialização e consumo. Por fim, levantei quais são os procedimentos e os custos para a formalização junto aos órgãos de fiscalização e certificação, e examinei o envolvimento do Estado como incentivador e regulador da produção da cachaça nas propriedades rurais da região de Rio Pomba.

Assim o Capítulo 1, intitulado “O processo de pesquisa, os lugares e os personagens”, discorre sobre o processo de pesquisa e suas limitações, a entrada em campo e o levantamento dos dados, situando a localidade e os personagens estudados. O Capítulo 2, “Produção da cachaça: informalidade e redes sociais”, trata das implicações teóricas e práticas da informalidade e das interações existentes, formadas pelas redes sociais engendradas na produção da cachaça. Na sequência, o Capítulo 3, “Ofícios e saberes”, apresenta e discute sobre a importância do conhecimento formal e informal e os saberes existentes nos contextos da produção da cachaça e dos produtores; e o Capítulo IV, “Análise das Controvérsias na Produção da Cachaça em Rio Pomba”, atenta para o circuito da cachaça, levando em consideração a produção, distribuição, certificação e consumo do produto, seja pelas vias reguladas ou informais.

Neste sentido, procurei compreender a informalidade nas interdependências da produção, com foco no acompanhamento e nas narrativas dos atores familiares, na produção, distribuição e comercialização da cachaça pelos agricultores familiares que produzem a bebida. Também, atentei para as possíveis relações entre o modo de produção artesanal e uma suposta afirmação da tradição, bem como para o dilema entre as exigências dos órgãos responsáveis pela legalização e certificação da cachaça; e a busca pela formalidade do mercado, de um lado, e, de outro, alguns dos seus possíveis efeitos, como o estímulo indireto à retração dos agricultores familiares na fabricação da bebida. Esta pesquisa procurou, ao longo dos capítulos acima descritos, dialogar com outros trabalhos, em outros contextos sociais, que trazem à tona os mesmos dilemas, e, desta maneira, contribuir para ações que promovam à agricultura familiar e aos produtores familiares da cachaça oportunidades de melhor desenvolvimento local e familiar.

## **CAPÍTULO 1**

### **O processo de pesquisa, os lugares e os personagens**

Segundo Kaplan:

O objetivo da metodologia é o de lançar generalizações, baseadas no sucesso de técnicas particulares, sugerir novas aplicações para as técnicas. Desvelar a importância que os princípios lógicos e metafísicos podem ter para resolver problemas concretos e sugerir outras formulações para as questões (...). Em resumo, o objetivo da metodologia é o de ajudar-nos a compreender, nos mais amplos termos, não os produtos da pesquisa científica, mas o próprio processo (1975:26).

A proposta metodológica e analítica desta pesquisa se pautou em um trabalho qualitativo, onde considerei a importância da teoria e da metodologia na abrangência das concepções coerentes, tanto teóricas quanto práticas. Segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa busca compreender questões específicas em um universo de diversidades e subjetividades nas ações humanas. Neste sentido, busquei a compreensão de processos sociais pelos atores sociais em suas realidades por meio de um estudo de caso, utilizando o método da observação participante, da pesquisa documental, da realização de entrevistas e do mapeamento de redes sociais.

De acordo com Weber (1964) a compreensão dos sentidos da ação social implica não apenas na busca dos enunciados pelos atores sociais, mas também no acompanhamento do curso da ação. Neste sentido, a ação social é sempre relacional e é no curso da ação e em relação que é possível apreender motivações para a ação. Também Elias (2000) considera os valores e os processos fundamentais na compreensão da identidade. Os sentidos da ação só podem ser apreendidos em uma determinada figuração, tendo-se em conta a interdependência entre os indivíduos envolvidos, bem como as disputas e tensões

envolvidas no equilíbrio das forças. Essas perspectivas partem do individualismo metodológico e viabilizam uma abordagem do tipo microssociológico.

Para a operacionalização da pesquisa, utilizei de observação participante, com ênfase no acompanhamento de indivíduos em suas atividades cotidianas (Vincent, 1987), seguida da realização de entrevistas abertas, da identificação de redes sociais e da aplicação de questionário socioeconômico. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com técnicos e funcionários do Estado, envolvidos com a extensão rural ou com a certificação do produto. As entrevistas abertas foram encaradas como narrativas, conforme Minayo (2007), pois esta técnica possibilitou melhor adequação ao procedimento de análise, como descreve:

Esses procedimentos devem ser descritos minuciosamente, deixando transparente o processo de interpretação que será adotado pelo pesquisador. As análises de conteúdo, de discurso, de narrativas, argumentativa e semiótica são exemplos de procedimentos possíveis para a análise e interpretação do acervo e cada uma destas modalidades preconiza um tratamento diferenciado para a organização e categorização dos dados (2007:49).

Desta forma, nas páginas que seguem fiz a descrição das características do local da pesquisa, dos sujeitos envolvidos e suas interligações ocorridas no processo produtivo da cachaça para compreensão das indagações existentes quanto à informalidade de as redes sociais originadas desta maneira familiar de produção.

### **1.1. Lugares e personagens**

O foco da pesquisa recai sobre quatro famílias produtoras de cachaça artesanal, no município de Rio Pomba, por intermédio da identificação das interdependências e redes sociais que constituem em suas relações de produção, distribuição e consumo, tendo por questão de fundo os dilemas em torno da informalidade e da certificação da cachaça. A maior parte da geração de renda rural no município é proveniente da pecuária leiteira, no entanto, a produção da cachaça tem potenciais econômicos a serem melhores explorados, dentre os

quais se destacam os aspectos tradicionais e artesanais na fabricação do produto, agregando-lhe valor.

### 1.1.1. O município

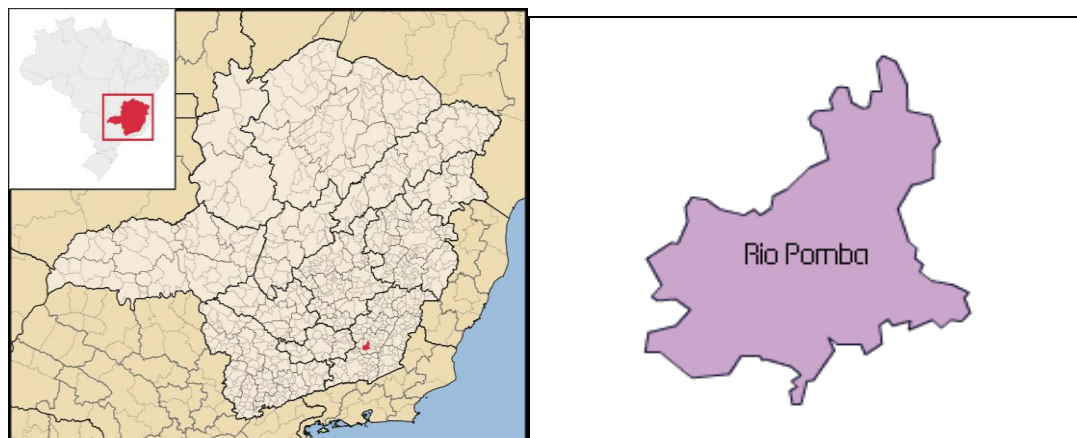


FIGURA 1 - Localização Minas Gerais e Rio Pomba, MG. Fonte: IBGE, 2006.

Ao levantar dados históricos e atuais sobre o município de Rio Pomba<sup>1</sup> pude compreender o processo de configuração de sua paisagem e economia local. Antes de sua colonização extensiva, a região era habitada por tribos de índios Botocudos, Coroados, Coropós e Puris e era chamada de “Sertão do Leste” Gomes (2005:41). Posteriormente, foi nomeada Freguesia de Manoel e de São Manoel do Pomba e Peixe. Contudo, em 1767, foi celebrada a primeira missa e lavrado o Termo de Posse da localidade, com o nome de Pomba.

Mesmo com os primeiros movimentos de colonização da cidade no Século XVIII, e tendo o ouro como fonte econômica do país àquela época, nas redondezas destes sertões não foi encontrada jazidas auríferas, tendo-se iniciado uma agricultura mercantil e de subsistência. Também é possível assinalar na região a existência de artesãos e escravos alforriados que se ocupavam da produção de tecidos e móveis.

---

<sup>1</sup> Como ponto de partida da pesquisa documental, foi realizada uma visita ao acervo do Museu da cidade de Rio Pomba, seguindo-se a esta a consultas a livros, dissertações, teses e aos diversos *sites* com conteúdos sobre o município e o assunto em discussão, sendo possível localizar uma diversidade significativa de dados da região em estudo. Assim, por meio deste levantamento de informações, buscou-se a compreensão e entendimento das especificidades do local e a sua importância para viabilizar o diagnóstico sobre os conhecimentos e tradições dos produtores da cachaça do Município de Rio Pomba.

A historiadora Gomes (2005), argumenta que a cidade assumiu um caráter predominante rural com a exploração do plantio do café, sendo que para seu transporte, foi inaugurada em 1886, a Estrada de Ferro Leopoldina - trecho que ligava Rio Pomba a Guarani - com o intuito de escoar o café produzido em toda região.

Nos anos da República, o café era a grande referência econômica do município, possuindo também engenhos de cana-de-açúcar, máquinas de beneficiamento do café, rodovias e o primeiro meio de comunicação escrita - o jornal: dos setes existentes na cidade, o que circula na cidade ainda hoje é “O Imparcial”. O surgimento das pequenas indústrias, para suprir o mercado interno, aconteceu em 1880; em volume mais significativo, tinha-se a produção da aguardente (cachaça), tabaco, café e arroz. Entretanto, nas primeiras décadas do século XX, ocorreu a derrocada na cidade, ocasionada pela crise do café. Houve abandono dos moradores da cidade com o agravamento da crise em 1929, levando indústrias à falência, ao declínio da economia e à redução da população.

Atualmente, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstram que o município tem sua economia formada basicamente por mini e pequenos proprietários rurais e/ou agroindústrias, cuja estrutura produtiva está baseada na agricultura e na agropecuária. No entanto, a região vem passando por transformações socioeconômicas significativas, tais como a melhoria da infraestrutura física, a formação de mão de obra qualificada, práticas empresariais e diversificação de produtos para atender cada vez mais às demandas crescentes do mercado consumidor (IF Sudeste de Minas campus RP, 2011). O município é beneficiado por várias rodovias, como a BR 116 e 267. Estando localizado no centro do triângulo formado por São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte<sup>2</sup>, a região sofre as influências econômicas e sociais do processo evolutivo dessas metrópoles (*ibidem*).

Cabe destacar, ainda, a presença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais campus Rio Pomba (IF Sudeste MG campus Rio Pomba). Quando instituído, foi designado como “Escola Agrotécnica Federal de Rio Pomba”, criada pela Lei 3092/56, de 29 de dezembro

---

<sup>2</sup> Apresentando as seguintes distâncias dos principais centros em seu entorno: 250 km de Belo Horizonte, 250 km da cidade do Rio de Janeiro e a 72 km de Juiz de Fora.

de 1956, e publicada no DOU de 02 de janeiro de 1957, com a denominação de “Escola Agrícola de Rio Pomba”, subordinada ao Ministério da Agricultura. Utilizava-se de terras e benfeitorias do Departamento Nacional de Produção Animal e da Estação Experimental de Fumo do Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas, mantidos pelo Ministério da Agricultura no Município de Rio Pomba – Minas Gerais (*ibidem*).

A antiga Escola Agrotécnica Federal de Rio Pomba foi criada na tentativa de atender aos anseios políticos e econômicos da região da Zona da Mata de Minas Gerais, idealizando-se uma escola voltada para as necessidades do meio rural. Na época, o acesso à educação era difícil e oneroso, inclusive quando se almejava fazer o antigo ginásio. Na zona rural, esse grau de ensino era representado por poucas escolas, localizado geralmente em cidades-pólo. Os filhos de pequenos proprietários e de trabalhadores rurais não tinham condições financeiras para realizar esses estudos. A criação desta Instituição veio justamente preencher essa lacuna, proporcionando a esses indivíduos escolarização, assistência técnica e cursos de Educação Profissional nos vários níveis (básico, técnico e tecnológico).

Neste sentido, Rio Pomba é um município estritamente rural, mas próximo a centros urbanos de médio e grande porte, aos quais é interligado por meio de rodovias e meios de comunicação de massa, vivenciando as tensões dialéticas entre modernidade e tradição, entre as relações de mercado capitalista e a valorização das tradições familiares e modo de trabalho artesanal, em que as famílias procuram se manter como mantenedoras do saber-fazer. No que concerne à produção e distribuição da cachaça, tal dilema se traduz nas relações de informalidade e nas redes sociais que as interagem, de um lado, e a certificação do produto, de outro.

### **1.1.2. As fazendas e as famílias: histórias contadas e sentido de *lugar***

Geertz (2007), na introdução de seu livro “O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa” descreve como as estruturas simbólicas constituem a própria matéria de que é feita a antropologia cultural, “cuja ocupação principal é de determinar a razão pela qual este ou aquele povo faz aquilo que faz...”; ou seja, o

autor define para a Antropologia uma tarefa metodológica interpretativa, sempre em relação com os grupos e suas experiências locais.

...a antropologia sempre teve um sentido muito aguçado de que aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Para um etnógrafo, remexendo na maquinaria das ideias passadas, as formas do saber são sempre e inevitavelmente locais, inseparáveis de seus instrumentos e de seus invólucros (GEERTZ, 2007).

Appadurai (1996) descreve a localidade como conhecimento da vida social, determinada que é pela estrutura de sentimento intencional que produz efeitos materiais, na qual existem os cenários reais onde se reproduz a vida social; ou seja, uma propriedade da vida social: “o que é verdade para a produção de sujeitos locais no registro etnográfico é o processo que produz materialmente a localidade” (p.239). As localidades estudadas pelos antropólogos não tem só a função de construir “sujeitos-sociais”.

“Resumindo: à medida que os sujeitos locais vão desenvolvendo a tarefa continuada de reproduzir o seu bairro, as contingências da história, ambiente e imaginação contêm o potencial de novos contextos (material, sociais e imaginativos) a produzir. Deste modo, através dos caprichos da acção social dos sujeitos locais, o bairro enquanto contexto produz o contexto de bairro. Com o tempo, esta dialéctica altera as condições de produção da localidade enquanto tal” (APPADURAI, p.246).

O autor descreve que para se produzir a localidade os sujeitos se tornam históricos, para que a comunidade não se torne “estática, fria ou marginal”. Neste sentido, Cabral (2007) pondera que o conceito de *espaço* deve ser considerado a partir de novas perspectivas, onde as transformações das configurações de *lugar*, *espaço*, *paisagem* e *território* ocorrem de forma dinâmica no mundo contemporâneo, sendo assim considerados: o *espaço*, compreendido a partir da dialéctica existente entre algo que participa da “condição do social e do físico”; já a ideia de *lugar* é uma tentativa de se colocar o sujeito de forma histórica em sua espacialidade, relacionando os usos do espaço às atividades cotidianas (trabalho, lazer, sociabilidade, entre outros), estabelecendo vínculos e identidade entre espaço e sujeitos históricos; a noção de *paisagem*, considerada como uma multiplicidade de leituras, coerentes ou subjetivas, de totalidades espaciais dentro

de um campo de visibilidade ou de significação; e a noção de *território*, entendido como as teias e relações sociais que se interlaçam no espaço e formam campos de forças materiais e imateriais e se enraízam e reivindicam poder ou soberania sobre um determinado espaço. Para o presente trabalho privilegiei a ideia de lugar, considerando-se os espaços marcantes para a realização das atividades cotidianas, bem como seus significados para a identidade familiar e de produtor de cachaça artesanal: as fazendas.

Para essa pesquisa todos os personagens entrevistados foram de fundamental importância. No entanto, temos dois atores que vou tratar mais especificamente, por serem os centralizadores das ações foco da pesquisa.

O proprietário da fazenda Moenda, um senhor septuagenário, muito falante, que gosta de contar as histórias da família e suas conquistas. Percebi o orgulho de ter sido filho único de fazendeiros centenários do município de Rio Pomba e de sua influência na política local - o próprio já ocupou o cargo de vereador nos anos 1970. Contou que foi estudar “na cidade” e como identifica seu espaço de trânsito entre o rural e o urbano, mas pediu ao pai que o deixasse voltar para a “roça”, pois ali era seu lugar.

Casou-se e fez algumas reformas na casa da fazenda “*Para melhor acomodar minha família, né? Mas eu e meu pai deixamos no mesmo lugar que meu avô construiu*” (Tom Moenda)<sup>3</sup>. Tem a produção da cachaça como uma fonte de renda, mas em suas falas nos remete o orgulho de demonstrar a importância de sua produção como um fator de conquistas familiares. Nas Figuras 2 a 5, observa-se a valorização da forma de se fabricar a cachaça, principalmente quando nos mostra

---

<sup>3</sup> No intuito de elaborar um texto que não cause constrangimento ou malefícios aos entrevistados, mesmo com todo o cuidado junto ao comitê de ética, a entrevistadora teve o cuidado de preservar os nomes reais dos sujeitos envolvidos nas entrevistas. Utilizou-se, para identificação, algumas letras, especificadas da seguinte forma:

Entrevistados - **Família Moenda:** MP (Tom Moenda/Proprietário), MF (Berto Moenda/Filho), MN (Mila Moenda/Neta), ME (Carmem Moenda/Esposa), Mn (Dinha Moenda/Nora);  
**Família Dorna:** DP (Vair Dorna/Proprietário), DE (Bete Dorna/Esposa);  
**Família Tonel:** TP (Jo Tonel/ex-proprietário), TE (Ana Tonel/Esposa); TI (Tonel/Irmã)  
**Família Capelo:** CP (Lene Capelo/proprietária);  
**Instituições:**  
Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER – IE1 e IE2),  
Sindicato Rural de Rio Pomba - (ISR)  
Instituto Mineiro de Agropecuária de Rio Pomba (IMA - II);  
Colaborador: Antigo proprietário de alambique, hoje desativado (PB)  
**Comércio:** (C1), (C2), (C3).

o capelo – o Senhor Tom Moenda fala com orgulho deste equipamento, por ser uma peça utilizada ao longo de sua vida, que pertenceu ao seu avô.

Um momento de descontração na entrevista foi, quando servido o café por sua esposa (Carmem Moenda), o senhor Moenda se revelou amigo de meu tio paterno Canuto (hoje falecido), que tinham juntos participado de momentos políticos da cidade. Com sorriso largo, disse a admiração em ter sido vereador pelo partido da época: Aliança Renovadora Nacional - ARENA.

Os sentidos de pertencimento do lugar observado no Senhor Tom Moenda, puderam se fazer perceber nas falas e nas fotos reveladas por ele quando esse retratou os fazeres da cachaça: dos adornos utilizados nos bois, nas chaves segredos das portas antigas dos paióis, nos lugares como a casa construída há tempos passados, e nos “quartos” dos tonéis antigos e nas heranças deixadas por seu avô e pai.



FIGURAS 2 a 5 – Produtor Tom Moenda.

Outro personagem que me proporcionou análises que contribuíram significativamente aos objetivos da pesquisa foi o proprietário da fazenda Dorna – Vair Dorna. Teve no início da sua vida a função de lavrador, como gosta de se definir, mas um lutador para a conquista de sua independência financeira “desde novo”. Disse que percebeu na produção da cachaça uma condição de manter sua fazenda e sua família. Orgulha-se em dizer que sua propriedade é autossuficiente, nas plantações de cana-de-açúcar necessária para a produção da cachaça e para a subsistência familiar. Tem na produção da cachaça a principal geradora da renda familiar.

Senhor de meia idade, qualifica-se sobre o tema cachaça constantemente e está sempre à procura de novas possibilidades de produção. No entanto, quando se trata das questões da administração da propriedade, está sempre atento aos afazeres de seus parceiros, como gosta de definir, mas não se furtou em “fiscalizar” as respostas da esposa quando entrevistada (Figuras 6 a 9).

Na entrevista de sua esposa Bete Dorna, o senhor Vair Dorna ficou ao seu lado sempre e manifestando-se nas questões levantadas. Senti certo controle e orgulho dele ao centralizar todas as atividades e decisões relativas ao seu processo produtivo da cachaça. A ideia transmitida foi a de um produtor empenhado na totalidade de sua produção e de “guardião” de seus segredos e sua qualidade nos processos de produção. Observei, de fato, que o seu interesse fosse o de preservar a identidade de fabricação da cachaça.

O que difere e o que se assemelham nestes dois produtores da cachaça, são as realidades de vida. O senhor Tom Moenda é um tradicional produtor, vindo de avô, pai e agora ele - uma história de vida. No entanto, hoje já insere outras atividades importantes, tais como a produção de fumo e de doces caseiros. Já o senhor Vair Dorna, tem na produção da cachaça uma atividade que preserva características artesanais, mas sabe que não é herdeiro direto dessa tradição. Tudo começou com a sua avó materna. Atualmente, é a atividade central de sua propriedade e tem uma visão mais comercial que o senhor Tom Moenda: desde a sua implantação individual (quando se separou dos irmãos Dorna e Tonel). Não se empenha em outras fontes de renda familiar, ficando a sua propriedade toda

envolvida nesta atividade; sejam os familiares envolvidos diretamente (a esposa e um irmão), ou os parceiros (vizinhos).



FIGURAS 6 a 9 – Produtor Dorna.

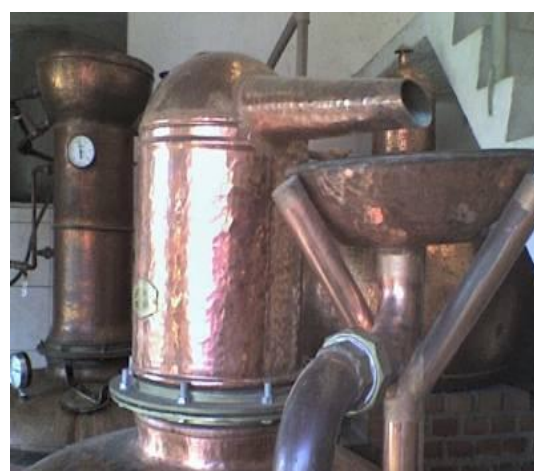
Observei nesses dois produtores a preocupação com a qualidade de sua produção. O que os assemelham (Dorna e Moenda) é a constante manifestação de posicionarem o seu produto sempre priorizando a sua qualidade para o mercado: seja na forma de produzir ou no atendimento aos mercados distribuidores; mesmo tendo o Vair Dorna um engenho mais moderno que a rusticidade do engenho do senhor Tom Moenda. Percebi que os dois produtores primam em suas defesas de qualidade da produção da cachaça, como uma autêntica identidade familiar.



FIGURAS 10 e 11 – Fazenda Moenda.



FIGURAS 12 e 13 - Fazenda Dorna.



FIGURAS 14 e 15 - Fazenda Capelo. Fonte: [www.amarelasinternet.com/tradocaomineira](http://www.amarelasinternet.com/tradocaomineira). Acesso: 17 abr. 2012.

### 1.1.3. Os personagens e os primeiros contatos no processo de pesquisa

O primeiro contato foi com a família “Tonel”, ocasião em que não obtive sucesso com as pessoas pretendidas para entrevista. A segunda investida para a pesquisa foi a procura do senhor “Jo Tonel” – a questão relevante da entrevista com “Jo Tonel” pautou nos fatos que o levaram a separar da sociedade familiar e trilhar outros caminhos. Teve resistência quanto às respostas das indagações propostas.

Quando lhe foi esclarecido sobre os objetivos da pesquisa, ele disse que seria melhor procurar seus irmãos: o senhor Vair Dorna - “mais acessível e mais falante” e outro irmão, que inicialmente não quis se envolver na pesquisa, mas que, em outra oportunidade, concedeu uma entrevista que transcorreu de maneira fluida, com colaborações para o desenvolvimento da pesquisa.

Os indivíduos sociais estão assim compreendidos e abordados para a participação na pesquisa:

- a família Moenda - proprietário (Tom Moenda), o filho (Berto Moenda), a esposa (Carmem Moenda), a neta (Mila Moenda), a nora (Dinha Moenda);
- a família Dorna participou das entrevistas: o proprietário do alambique (Vair Dorna), a esposa (Bete Dorna), a cunhada (Ana Tonel);
- a família Tonel<sup>4</sup>: ex-proprietário e fundador do engenho (Jo Tonel); esposa Ana tonel
- a Família Capelo (Lene Capelo), comerciante e produtora de cachaça;
- comerciantes de cachaça e outros produtores da cachaça, que por consequência fazem parte das redes sociais da unidade de análise.

Ao me inserir no campo, para as entrevista respeitei os momentos de silêncio dos entrevistados, considerando para tal como não interesse ou embaraços às respostas às questões levantadas, mas também não se pode desistir das investidas; por esse motivo foi insistido com a Ana Tonel (esposa do Jo Tonel e cunhada de Vair Dorna), para que fosse realizada a entrevista. Desta

---

<sup>4</sup> Nota da Pesquisadora: Vale destacar que a participação da Família Tonel se deu pelo Fundador do alambique, que hoje não faz parte da produção da cachaça desta família. A sua introdução na pesquisa visou trazer subsídios àqueles membros da família que se negaram a conceder entrevistas (TP).

forma, foi marcado o dia e a hora para o encontro, que se realizou na residência do entrevistado.

No início do contato com Senhor Jo Tonel, sua reação foi de desconfiança e receio, não querendo responder, posto não saber do que se tratavam as perguntas. Foi possível perceber uma particularidade: atualmente o senhor Jo Tonel, não trabalha mais no alambique da família, apesar de ter contribuído na implantação deste junto aos irmãos, onde todos colaboravam para a produção da cachaça por um período superior a vinte anos de suas vidas. Houve uma ruptura entre os irmãos, o que acarretou no desligamento do entrevistado e na separação e construção de outro alambique pelo irmão “Vair Dorna”. Pôde-se perceber um momento tenso com olhares entre o entrevistado e sua esposa. Observei o ressentimento na partilha da herança; no entanto, deu-se prosseguimento à pesquisa.

Outra investida para a pesquisa de campo foi o contato em um bar/restaurante de propriedade da Família Moenda, na qual, estavam presentes a “Mila Moenda” e a “Dinha Moenda”. Como em outros encontros, houve a explicação do objetivo da pesquisa e depois do aceite do contato, foi acordado dia e hora para a “visita” à fazenda da Família Moenda.

A “Mila Moenda” foi à companhia em viagem até a propriedade, para a conversa e a entrevista com o “Tom Moenda”. De antemão, já fui explicando para a neta sobre a pesquisa. Que seria utilizado gravador, que há a obrigatoriedade dos questionamentos passarem pelo conselho de ética e que os nomes dos entrevistados seriam omitidos. Pedi a “Mila Moenda” que pudesse contar como era a sua participação e atuação na produção da cachaça. A conversa transcorreu durante o caminho do restaurante até a fazenda da Família Moenda, e muitos dados foram coletados e analisados nesta entrevista.

Quanto à família Dorna, o contato foi por meio da cunhada, esposa do “Jo Tonel”. Vale ressaltar que “Ana Tonel” - esposa família Tonel e cunhada família Dorna - foi imprescindível para que essa entrevista se realizasse. Percebi o potencial de informações e o interesse da cunhada em se manifestar sobre o assunto da pesquisa. No caminho da cidade à fazenda de “Vair Dorna”, foi trazendo muitos fatos históricos sobre a família em foco - a Família Dorna.

Posteriormente houve as entrevistas com os responsáveis pelas Instituições governamentais, tanto do Município quanto do Estado de Minas Gerais. Os contatos iniciais se deram por meio de telefonemas e agendamentos.

Outro contato que vale ressaltar foi junto à Família Capelo. Esse contato se derivou das entrevistas anteriores com as famílias Moenda, Dorna e Tonel, e alguns diretores institucionais que levaram a importância desta entrevista devido a algumas questões levantadas - uma das principais foi sobre associativismo e cooperativismo. O contato foi realizado pelo funcionário da EMATER de Juiz de Fora, que disponibilizou os números dos telefones, depois de saber o objetivo da entrevista - foi realizada na propriedade “Tradição Mineira”, mesmo nome fantasia da Cachaça produzida neste alambique.

Ao realizar as entrevistas, tive o cuidado de observar o local e as expressões dos sujeitos presentes e considerar os objetivos da pesquisa. Ressalto que não houve fotos da fazenda da família Tonel, pois a entrevista foi realizada com um irmão, e este não mais faz parte do processo de fabricação da cachaça; porém foi o incentivador e quem implantou o engenho desta família.

Desta forma, os passos para o trabalho de campo deste trabalho, foram:

- Entrevista aos funcionários da EMATER de Rio Pomba – (IE1) e (IE2);
- Entrevista a um funcionário do Sindicato dos Produtores Rurais de Rio Pomba - (ISR);
- Interação e observação participante com os produtores de Cachaça do Município de Rio Pomba e os sujeitos que participam do processo produtivo da bebida (exposição e compreensão do tema a ser tratado) – Família Moenda, Família Dorna, Família Tonel;
- Visitas e descrição dos espaços da produção da cachaça: Fazenda Monte Alegre (Família Moenda), Fazenda Morro Grande (Família Dorna e Família Tonel), Fazenda Tradição Mineira (Família Capelo);
- Entrevistas aos produtores e aos parceiros de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que partilharam interesses relativos aos processos de produção e comercialização da cachaça – Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Instituto Mineiro de

Agropecuária (IMA), Sindicato Rural de Rio Pomba, um ex-produtor de cachaça (PB), um restaurante e dois bares de Rio Pomba;

- Pesquisas no Museu Histórico de Rio Pomba, para levantamento dos dados históricos da cidade.

O objetivo dos referidos contatos foi proporcionar a delimitação do campo exploratório e a percepção do entendimento da realidade das famílias agrícolas do campo pesquisado. Também, proporcionaram dados que auxiliaram no perfil dos produtores de cachaça do município de Rio Pomba, e ampliou-se o entendimento do que é a informalidade e as redes sociais imbricadas nas interações das redes sociais existentes no processo da fabricação da cachaça. Os contatos se realizaram tendo por foco e critérios:

- Contatar e identificar os membros-chaves do processo de fabricação da cachaça;
- Buscar a inserção nos grupos (foco) da pesquisa;
- Localizar endereços e contatos futuros.

## **1.2. Método e técnica de coleta de dados**

De acordo com Vincent (1987), as especificidades “surgem das observações intensivas de uma determinada localidade, por um período de tempo relativamente curto” (p.377). Assim, as unidades de análise foram as famílias produtoras da cachaça (Figuras 2 a 7) e os sujeitos que se interrelacionam nas redes sociais destes indivíduos. Segundo Barnes (1987):

(...) “a ideia de rede social para descrever como noções de igualdade de classes eram utilizadas e de que forma indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade (...); mostra que o conceito é útil na descrição e análise de processos políticos, classes sociais, relação entre um mercado e sua periferia, provisão de serviços e circulação de bens e informações no meio social não-estruturado, manutenção de valores e normas pela fofoca, diferenças estruturais entre sociedades tribais, rurais e urbanas, e assim por diante” (BARNES, 1987:161).

Neste sentido, considere o “saber-fazer” dos indivíduos envolvidos no processo da produção da cachaça. Para tanto, tive em Arroyo (2001), no artigo

“Paulo Freire e o projeto popular para o Brasil”, o tratamento de como se podem aproveitar as redes sociais onde são constituídos e elaborados os saberes. O autor considera um grande desafio quando comenta que nas redes de trocas existem valores enraizados e releva a importância dos mestres.

O povo não é desestruturado. Há um tecido social pedagógico-educativo, onde seres humanos se constroem, se destroem, constroem suas identidades, seus valores. Temos que entender os pontos de encontro destas redes, não para destruí-los, mas para reforçá-los, para construir um Projeto Popular como projeto coletivo, socialmente enraizado (ARROYO 2001:274).

Assim, entendi a importância da diversidade dos sujeitos em suas culturas humanas e sociais, de grupo, idade, vivências, e das memórias coletivas que são construídas nos processos vividos. Atentei para esse trabalho categorias como a informalidade e as redes sociais construídas pelas famílias produtoras da cachaça do município de Rio Pomba.

No sentido econômico, Wanderley (2002) argumenta que para compreender as redes sociais nas relações econômicas se deve considerar o capital social em todas as redes sociais; para isso, entende que as transações econômicas podem ser positivas ou negativas nos surgimentos das dinâmicas competitivas. Sendo assim, a autora propõe uma análise metodológica etnográfica. Expõe que:

(...) oferece um caminho interessante para estudar as transações econômicas como padrões concretos de relacionamento que podem ser mapeados em termos de contatos existentes (conectividade e distância), recursos que circulam (simbólicos e materiais) e posição relativa dos atores nas distintas redes que formam em mercado ou arranjo produtivo (WANDERLEY, 2002:29).

Na intenção de se observar as características das famílias produtoras da cachaça do Município de Rio Pomba, ou seja, uma visão microssociológica, percebi que as famílias Moenda, Dorna e Tonel, são famílias originadas de imigrantes italianos e espanhóis, sendo esses imigrantes responsáveis pela origem das atividades agrícolas e produtoras da cachaça nas famílias pesquisadas. No entanto, os proprietários dos alambiques atuais são unânimes

em dizer que, mesmo tendo acontecido mudanças ao longo dos anos, elas ainda preservam características utilizadas por seus familiares antepassados.

*Filho mais velho da família Tonel, o pai e a mãe dele (pai da família Tonel e Dorna) e avós veio da Itália para trabalhar na época do café. Quando acabou a escravidão veio o pessoal e os avós pra trabalhar. Depois se casou com uma moça da cidade e veio os filhos (17 filhos gerados). Quando começaram a família eram muito pobre e passou muita dificuldade, (a avó) tinha depressão. O Jo Tonel sendo mais velho e seu pai bebia, aí entregou para o Jo Tonel a responsabilidade de cuidar da família. (Família Tonel – Ana Tonel).*

As famílias entrevistadas são provenientes de produtores agrícolas familiares, com tendência a valorização da tradição. Essa observação se destaca em perceber nas falas dos indivíduos o orgulho ao contar as histórias vividas, seja individualmente ou familiar.

*“... do meu avô passou para o meu pai - a data é de 1893, quando esse alambique foi fabricado. Antes dele tinha outro do mesmo tamanho, do mesmo sistema que era, sem perder o que era, sem perder a origem”. (Família Moenda – Tom Moenda).*

A participação e envolvimento individual dos entrevistados das famílias no processo da produção da cachaça, pude perceber por meio de suas falas:

*Quando eu era pequena não era só cachaça que fazia né? Então, teve movimento muito grande de cana lá em casa, de fazer melado, de fazer açúcar e da cachaça. Nasci lá, até aos sete anos morei lá, depois que saí para estudar em Rio Pomba, pois a escola era muito fraca. (Família Moenda, Mila Moenda).*

*Gosto e não tenho vontade de parar e que parece, né? Estou aqui com meu pai, mas só com o tempo que a gente vai saber se vai dedicar. Tenho ela e um menino que tem umas debilidades, de coisas que converso com ele quando nasceu a gente não sabe com será para frente né? (Família Moenda, Tom Moenda).*

*(...) tudo é produzido na fazenda, às vezes cana a gente colhe de vizinhos tem um canavial, às vezes um vizinho oferece uma cana. Há trocas em produtos. A produção da cachaça ele acompanha o técnico da EMATER. (Família Moenda, Carmem Moenda).*

*Fui juntando dinheiro e comprando partes dos outros, a minha vontade era fixar aqui. (Família Dorna, Vair Dorna).*

*Uns dezessete anos de ajuda. Durante a fabricação fico mais na cozinha, a comida é tudo por minha conta, quando ele sai fica tudo por minha conta. (Família Dorna, Bete Dorna).*

*Pode dizer que o Jo Tonel foi um dos fundadores. (...) lógico veio dos avós dele que fazia rapadura, melado, depois que passaram a fabricar a cachaça. (Família Tonel, Ana Tonel).*

Percebi uma diversidade de oportunidades de geração de renda nas propriedades agrícolas do município de Rio Pomba. Vale destacar que os dados coletados por intermédio da entrevista com os funcionários e junto aos produtores de cachaça puderam proporcionar entendimentos importantes da realidade local do município e principalmente das famílias pesquisadas. Para tanto, foram descritos e analisados os processos formais e informais existentes da produção de cachaça dos agricultores familiares do município de Rio Pomba.

E, como mencionado anteriormente, este trabalho também se pautou em entrevista exploratória realizada com os funcionários da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – (EMATER); do Sindicato Rural de Rio Pomba; do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) de Rio Pomba; comerciantes de bares da cidade; e sujeitos que surgiram no decorrer das entrevistas, dentre eles uma comerciante e produtora de cachaça de Juiz de Fora, fundamental para o entendimento dos meandros associativo e cooperativo. Assim, fui montando a rede social dos indivíduos envolvidos no processo de produção da cachaça.

### **1.3. Método de análise de dados**

Os relatos dos funcionários das empresas supracitadas e dos indivíduos das famílias produtoras contribuíram para atender aos objetivos da pesquisa. Tiveram como foco temático a história local, o perfil socioeconômico das famílias produtoras da cachaça, os órgãos de fiscalização/certificação e a atuação do Estado como incentivador da produção da cachaça.

Joan Vincent (1987), ao utilizar o método da observação participante, procurou relacionar a análise política, econômica e social. Do mesmo modo, nesta pesquisa, no que concerne aos atores das instituições envolvidas no processo da produção da cachaça, compreendemo-los como indivíduos políticos em suas falas, ao mesmo tempo em que representam uma instituição. Para tanto, pude

observar como participantes desta rede, os responsáveis pela EMATER/Rio Pomba (IE1 e IE2), o diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (ISR), o Estado como certificador e regulador do produto, o diretor do Instituto Mineiro Agropecuário – IMA (II).

Compreendi para unidade de análise da pesquisa quatro famílias produtoras de cachaça, os órgãos institucionais, as Leis e Decretos. Destas, foram observados os seus fatos históricos passados e presentes, os graus de parentesco, os documentos, as técnicas utilizadas. No entanto, para a observação da unidade espacial foi considerado o espaço local às atividades cotidianas, onde permitiu visualizar o olhar interno e externo das famílias tendo como foco o seu campo de atividade. Desta forma, delimitei a pesquisa a observação participante do processo histórico, político e social da produção da cachaça na delimitação da unidade de análise, nas seguintes dimensões:

- Dimensão sociológica: a família produtora da cachaça - foi observado o provedor da família, o proprietário e o produtor. Outros sujeitos como: a esposa, os filhos, os parentes envolvidos e as instituições, na qual será tratado no decorrer da dissertação - mais especificamente no Capítulo II;
- Dimensão temporal: foi entendido o tempo da observação da pesquisa que se realizou entre os meses de dezembro de 2011 a abril de 2012, considerando os fatos históricos dos envolvidos na pesquisa;
- Dimensão espacial e os “campos de atividades”: compreenderam as atividades agrícolas, o lazer, a moradia e a realização pessoal das famílias.

Essas propostas anteriores foram realizadas no decorrer da minha inserção no campo de pesquisa. No entanto, a organização do fluxo se deu a partir dos acontecimentos ocorridos no contexto da pesquisa.

#### **1.4. Limitações dos métodos de coleta e análise dos dados**

Ao considerar a entrevista como a principal técnica para o desenvolvimento da pesquisa pretendida, por vezes foi pedido que se desligasse o gravador. Dessa

forma, a conversa não gravada poderia fazer parte das análises - por questões éticas, não poderão ser utilizadas como argumentação.

Também, ao utilizar gravador, mesmo com autorização prévia dos participantes, ocorreu a inibição inicial do entrevistado. Autorizavam o uso do aparelho, mas pediam para desligar quando algum assunto ficava mais polêmico ou caso houvesse exaltação nas falas; contudo, a maioria transcorreu com fluidez. No início das conversas eram mais formais, mas com o tempo iam se soltando e os temas propostos no roteiro de campo eram tratados sem maiores preocupações com as falas gravadas. Contudo, como os entrevistados foram contatados inicialmente por pessoas de sua confiança e convivência; considerei desta forma, a mitigar os vieses das entrevistas.

Uma das primeiras limitações que mais me preocupou, por ter sido o primeiro contato, correspondeu à negativa da família Tonel em dar entrevistas. O primeiro contato foi presencial, em conversa com “Ana Tonel”. Neste encontro ficou acertado de um retorno por telefone para combinar dia e horário da possível entrevista. Vale ressaltar que foi explicado o objetivo da pesquisa e que teria toda uma segurança ética - forma necessária para a pesquisa de campo.

Ao retornar a ligação, no dia posterior ao combinado, foi dito que não iriam participar da pesquisa. Então, “TI” Tonel irmã de “Jo Tonel”, a pessoa que fez a ligação inicial, disse que, também, não poderia falar. Não foi dada nenhuma argumentação em relação a não possibilidade da entrevista. Foi negada qualquer possibilidade de encontro, havendo grande frustração de minha parte, por considerar importante essa entrevista para o resultado final da pesquisa.

Posteriormente, houve nova tentativa de contato com a Família Tonel. Desta vez, houve contato pessoal com a vizinha da família, com o intuito de conseguir um auxílio para a entrevista com os atores produtores da cachaça; novamente, o empenho foi em vão, pois o argumento foi que eles são “muito fechados”, mas indicou um irmão que reside em outra casa.

Entrei em contato com a pessoa indicada. Ele não quis dar entrevista alegando não trabalhar mais na produção da cachaça da família, mas indicou dois irmãos e orientou os dias melhores para encontrá-los. A opção encontrada foi a participação do irmão, aquele que iniciou todo o processo de fabricação da

cachaça da família Tonel - a entrevista desse membro da família veio abrilhantar as discussões.

Desta maneira, utilizei um questionário como orientador das questões na entrevista com os participantes da pesquisa. Houve as apresentações iniciais, as observações locais, as falas e as interpretações ao questionamento dos envolvidos. Totalizaram em entrevistados cinco famílias envolvidas, sendo: duas produtoras da cachaça, uma família que já não participa direto da produção, uma família que já não produz a cachaça, e uma família fora do município de Rio Pomba - presente na pesquisa por ter um papel importante na participação da implantação da cooperativa da Zona da Mata, e mais três instituições - EMATER, IMA e Sindicato Rural de Rio Pomba.

No entanto, um dos fatos que às vezes é questionado como limitação para a entrevista, no caso deste trabalho, veio como auxílio: referiu-se ao fato da minha família ser deste município - em muitas conversas era dito “você é sobrinha de fulano, você é prima de sicrano”. Essa proximidade veio constatar o que descreve Minayo *et al.* (2007):

No caso da pesquisa qualitativa, ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador. Em lugar dessa atitude se constituir uma falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento da investigação e da própria objetividade (p.67-68).

Portanto, tenho que pontuar que houve toda a formalidade da entrevista, dentre ela a elaboração de um roteiro de campo (Anexo). Este roteiro tratou de questões que me auxiliaram nas entrevistas e nas conversas; o objetivo deste roteiro foi para se ter um diálogo nos aspectos organizacionais da pesquisa, visando os objetivos propostos.

Desta forma, os capítulos ficam compreendidos de acordo com uma pesquisa etnográfica como descrita por Pinheiro-Machado (2011):

Toda etnografia envolve, em maior ou menor grau, uma imersão de “corpo e alma” (...) a qual produz um constante estranhamento mental e corporal, que vai sendo acomodado à medida que o desconhecido passa a ser familiar. Esse processo não se finda mesmo que ritos de passagem marquem paradigmaticamente a inserção em um mundo novo (PINHEIRO-MACHADO, 2011: 41).

## CAPÍTULO 2

### Produção da Cachaça: Informalidade e Redes Sociais

#### 2.1. Introdução

*“Eu tenho muito medo das pessoas confundirem informalidade com imoralidade. Porque uma vez você está produzindo uma coisa informal quer dizer que você só não está recolhendo, mas está produzindo uma coisa de qualidade. Tem uma forma de produzir que é imoral porque o cara está produzindo e quer que os outros se dane, quer se vire o mundo” (Família Dorna – Vair Dorna).*

A fala do produtor familiar da cachaça acima destacada possibilita-nos a reflexão e o entendimento do receio e da insegurança do produtor familiar quanto ao tema abordado: a informalidade na produção da cachaça no município de Rio Pomba, MG. Para esse produtor, que mantém sua família e tem como fonte de renda exclusivamente a fabricação da cachaça, é perceptível o incômodo com a condição de estar sem o registro oficial de sua mercadoria e a importância que dá à valorização de seu trabalho. Ao longo deste capítulo serão discutidas algumas teorias e observações coletadas no campo e que tratam do tema em questão.

Atualmente, a cachaça é produzida de forma industrial e artesanal. Segundo Campelo (2002), 85% dos produtores de cachaça mineiros trabalham na informalidade e na ilegalidade; ou seja, não possuem registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Desta forma, percebe-se a dificuldade dos produtores de cachaça em acompanhar as exigências de certificação e de se adequarem às normas e à legislação exigidas para a sua comercialização. Em parte, tal fato se dá pelo número reduzido de políticas públicas e pelas insuficiências e ineficiências da assistência técnica, o que permite a entrada de atravessadores no processo de comercialização e provoca a redução do lucro dos produtores.

Recentemente, tem-se observado o incentivo concedido à agricultura familiar como política pública, que tem como proposta a consolidação da agricultura familiar como categoria, no reconhecimento dos sujeitos sociais rurais e em relação com o Estado. Entretanto, para Romano e Delgado (2002), será necessário ajustar as políticas públicas à realidade da agricultura familiar, viabilizar a infraestrutura rural e fortalecer o acesso de suas organizações ao mercado. Na opinião dos autores, o objetivo de programas com esse cunho seria o de promover o desenvolvimento sustentável do campo pelos agricultores familiares, tendo o apoio para o aumento produtivo, geração de emprego e renda, melhoria da qualidade do emprego e de vida das famílias.

Contudo, há que se perceber a importância da compreensão da informalidade na produção de cachaça, creditando aos pequenos agricultores possibilidades de explorarem os atuais incentivos, motivados por bons preços praticados no mercado pela garrafa da boa cachaça. Uma forma utilizada, visando agregação de valor ao produto, por exemplo, são os certificados de qualidade e os socioambientais, como o orgânico e, ou, de indicação geográfica. A cachaça produzida em Paraty, no Estado do Rio de Janeiro, foi a primeira a conseguir o certificado de indicação geográfica como denominação de origem (SILVA, 2008).

Observei, no entanto, que um possível estímulo aos produtores da cachaça dar-se-á a partir da possibilidade da visualização prática do uso adequado das leis e das redes implicadas na produção e na comercialização, atentando para o fato das forças das associações e formas da assistência técnica junto aos produtores. Percebe-se que a capacitação dos produtores e o acompanhamento da assistência técnica são fatores primordiais para o processo sustentável da produção, comercialização e consumo da cachaça.

Barnes (1969:159), em uma visão metodológica das redes sociais, entende que a política nacional também se dá no funcionamento das instituições sociais em seus processos políticos mais localizados. Esses processos se manifestam nos “níveis mais baixos, ou de nível local, ocorrem dentro de instituições que preenchem muitas funções que não são políticas”. Podem-se observar noções de política nos meios acadêmicos, no esporte, na igreja, entre outras atividades; ou seja, onde indivíduos e/ou grupos encontram objetivos comuns para construir

ações coletivas. Desta forma, entendem-se as redes formadas por indivíduos em sociedade, interligados por laços sociais gerados nos conflitos entre os atores envolvidos em um determinado processo.

Percebi, assim, a necessidade de se entender a informalidade que se dá nas interdependências da produção, nas redes sociais dos atores familiares, na produção e na comercialização da cachaça pelos produtores familiares que fabricam a bebida.

Dada a complexidade das atividades rurais, dentre elas a produção da cachaça, quando se trata da informalidade, percebi a necessidade de se entender as formas de relações e interrelações construídas neste contexto - o rural. Para tanto, devem-se considerar o mercado, as práticas produtivas, os saberes e, fundamentalmente, as interligações sociais e tradicionais estabelecidas nas famílias produtoras da cachaça, considerando a heterogeneidade cultural, social e econômica das famílias envolvidas e observadas no presente trabalho.

## **2.2. Informalidade e formalidade**

Discute-se no Brasil, desde 1990, questões relacionadas à informalidade. Esta vem sendo considerada uma forma de flexibilização do trabalho e apontada como um problema quando se depara com padrões mínimos legais, não se formando um consenso dentro da ambiguidade formal/informal. Neste sentido, Noronha (2003) descreve que *informalidade* deve ser entendida quando comparado com *formalidade*, por meio da realidade existente em cada país e período, por meio de um contrato formal que rege neste local, município, região ou país.

Cunha (2006:220) descreve que o par de termos formalidade e informalidade, em sua forma prática, estão em conformidade quando são para compreender as perspectivas produtivas e contemporâneas para uma análise econômica ou política: “são modalidades que se jogam na confluência tensa entre, por um lado, a ação dos indivíduos na procura desse recurso e, por outro, a regulação de relações sociais por parte do Estado”. Esta dicotomia pode ser observada em algumas famílias entrevistadas quando estas se manifestavam:

*“... para tentar registrar a cachaça e fazer parte da associação, meu avô já teve a cachaça registrada. Fazia parte a certificação. Depois deu baixa na firma, pois o rigor para registrar é muito grande, porque eles vão consertar uma coisinha e não registra, vai e volta, e não registra... meu pai diz que a maior bobeira foi dar baixa na firma da cachaça”. (Família Moenda – Tom Moenda).*

*“O problema da informalidade, hoje para o governo, a cachaça é considerada droga, cachaça é droga, o cigarro, tudo que tem álcool os imposto são altíssimo. Sabe aquele selinho que vem em cima? A gente compra na Receita Federal, pela receita, como sou registrada tudo direitinho... sou registrada no Ministério da Agricultura, tudo direitinho...”. (Família Capelo – Lene Capelo).*

As palavras transcritas dos entrevistados da Família Moenda (a neta) e da Família Capelo (a proprietária) dão-nos conta das tensões presentes neste processo. A primeira nos demonstra a preocupação da família em estar regularizada junto aos órgãos certificadores, visando atender às exigências legais, mas que, às vezes, fica quase impossível para o produtor se adequar a todas as burocracias existentes, que acabam por abandonar e ficar na informalidade. Já a segunda fala chama-nos a atenção para as dificuldades existentes na formalização da produção da cachaça: por esta ser considerada uma droga lícita, seu enquadramento para impostos são “pesados” em relação ao produto produzido; contudo, a entrevistada deixa clara a importância de estar registrada.

Neste mesmo sentido, um documento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (2003), segundo Carneiro e Henley (2002) *apud* Arbache (2003), descreve que a informalidade seria uma continuação do setor formal, não acontecendo segmentação no mercado. Dessa forma, a informalidade se daria com a presença do indivíduo nas condições do trabalho flexível informal e nos altos custos dos contratos dos trabalhos formais, causando, desta forma, uma redução da pobreza e a inclusão de trabalhadores ao mercado.

*“O registro indica que você está na formalidade, tenho que pagar a tampa, eu pago o ICMS, imposto em cascata. Tenho que tirar o custo da cachaça, tampa, rótulo e contra rótulo... tudo eu pago ICMS. O microempresário não paga imposto, quem paga sou eu. Ele me joga isso se eu preciso daquilo eu compro (imposto em cascata). (Família Capelo – Lene Capelo).*

*“... para você registrar... o custo mesmo é de uma grande empresa... o dia que pedi o registro no MAPA, e essa firma não*

*pode ser microempresa, um pôs a cachaça como produto industrial porque ela tem IPI. Como você vai montar uma firma e ter um técnico de química como responsável? No frigar dos ovos você tem que contar com o que sobra, é muita despesa. E está ficando fora do limite. Um pequeno produtor vai ter que largar” (Família Dorna – Vair Dorna).*

Em convergência com a fala dos entrevistados, pode-se considerar que seria interessante o que propõe a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), em relação a não segmentação do mercado, para que o sujeito se insira no trabalho flexível formal. No entanto, na fala dos entrevistados, pode-se perceber que na produção da cachaça pagam-se impostos altos e em cascata, sendo que, na maioria das vezes, o produtor tem que se adequar às condições impostas pelo mercado, pois necessita da mercadoria comprada para continuar sua produção. Mesmo no caso da segunda fala, pode-se verificar como os encargos são excessivos, considerando-se que o produto é sobretaxado, deixando o pequeno produtor sem opção.

Entende-se por trabalho formal no País, sob a perspectiva jurídica, aqueles em que os trabalhadores têm acesso à carteira de trabalho assinada. Noronha (2003) descreve que as referências contratuais da informalidade são avaliadas como ilegais, como os trabalhos familiares, onde a presença do estatuto legal entra em disputa com outras formas de relações sociais e de trabalho. Tais formas de trabalho familiar podem ser legalizadas, entre outras formas, por meio de cooperativas ou contratos de terceirizados, considerando a informalidade um fato linear, mensurável e objetivo. Pondera o autor que o conceito de informalidade deve ser discutido em relação à diversidade de tipos contratuais e suas formas de classificação. Segundo esse mesmo autor, o contrato tem na economia uma conotação de eficiência, no direito de reconhecimentos legais e nos contratos populares, sendo compreendidos como justos.

Das famílias entrevistadas, três não possuem registro; ou seja, certificação junto aos órgãos reguladores que é o Ministério da Agricultura e Pesquisa Agropecuária (MAPA) e a Receita Federal. Somente a Família Capelo, que é de outro município (Juiz de Fora), encontra-se dentro das exigências descritas nas

formas das Leis e exigência legal dos produtores da cachaça. Igualmente, tem algumas restrições que não é acatada pela produtora “Capelo”.

*“Reguladores são o MAPA e a Receita Federal, não é microempresa. Cachaça não é micro. Mandam o sindicato do alimento, do comércio... “chega” quatro sindicatos para eu pagar... PAGO NÃO, pago meio salário mínimo para um técnico químico, tenho que interar do meu bolso. “Tenho um monte de amigos que saíram da associação e estão na informalidade.” (Família Capelo – Lene Capelo).*

*“Não faço cachaça, eu faço o que sei fazer, se não concentrar não faço nada, tenho medo de ter problemas, tenho que ser profissional no que estou fazendo” (Família Dorna – Vair Dorna).*

Observa-se na fala do produtor da Família Dorna, que apesar de se sentir “profissional” no que produz, encontra-se receoso quanto ao futuro sem ter a legalização formal.

Em Cunha (2006), a separação do estatuto legal dos produtos se torna impertinente quando não se tem uma compreensão dos fenômenos sociais. Tem de considerar a abrangência histórica e cultural dos sujeitos, e recusar a ideia dos diferentes estatutos entre as várias formas de comércio ilegal, estando relacionadas, em sua maioria, com a vida social e com as práticas culturais.

Também estão explícitas nas falas dos entrevistados as relações entre as práticas dos produtores e compradores da cachaça. Estes se mostram informais na forma de comercializar, quando os compradores não preocupam com a qualidade do produto que irão revender e os fabricantes não têm o cuidado com uma embalagem adequada ou o registro. No entanto, as famílias, isoladamente, comercializam seus produtos em feiras populares como forma possível de gerar renda e divulgação de seu produto. O modo sincero e livre de comentar o fato, pelos produtores, nos leva a perceber que são formas consideradas normais e corriqueiras em suas práticas comerciais e culturais.

*“... principalmente vende mais no restaurante, vende em garrafão “pet” e litro, depende que as pessoas encomendam, lá tem uma quantidade que dá para engarrafar em garrafa “pet” na minha mãe. Meu pai em cada 3 em 3 dias leva para Rio Pomba, restaurante, os comerciantes preferem “comprar” mais barata, tem amigos do*

*meu pai que compra para beber do meu pai, mas para vender, “compra” outras mais baratas” (Família Moenda – Mila Moenda).*

*“Aqui a gente produz um pouquinho de fumo. A gente trabalha na feira de produtos naturais em Juiz Fora saímos às 2 da manhã e chegamos às 6 da noite. Levo doce de leite, de frutas, a cachaça, até quando não tiver uma pessoa lá olhar isso e me tomar ela”. (Família Moenda – Tom Moenda).*

*“Não tinha função determinada se tivesse folgado... fazia a parte da cana, na hora de fazer cachaça também, aonde precisava a turma a gente ia... não tinha divisão de dinheiro. Na época forte, todo dinheiro que sobrava estava lá. Pegava a quantidade que precisava e estava lá, na época em que plantava horta era mais difícil, depois começou acumular muito serviço, “né”?” (Família Tonel – Jo Tonel).*

Percebe-se, também, a informalidade em relação a outros produtos e aos riscos quanto ao controle da Vigilância Sanitária, além da informalidade na produção e distribuição de renda – apropriada de modo coletivo, sugerindo que são parte de um todo. Contudo, há de considerar que quando os membros da “Família Tonel” começaram a se casar, houve uma grande mudança e ruptura familiar, incluindo as formas de distribuição do trabalho e da renda obtidos.

Em artigo intitulado “Diagnóstico da Produção de Cachaça na Região de Orizona, Estado de Goiás, Brasil”, Caliaro *et al.* (2009) descrevem que em dezesseis (16) alambiques existentes no município de Orizona, 76% são mão de obra familiar e por colaboradores nas safras, com somente 28% de trabalhadores permanentes. Ou seja, proporciona empregos diretos e temporários, sem trabalhadores especializados. Esse mesmo autor assinala que a dificuldade da produção da cachaça neste local, dá-se no mercado, no conhecimento da tecnologia, na mão de obra e na falta de recursos para a produção. Constata, desta forma, a informalidade existente nesta produção, mas a grande rede que se forma para a produção do produto.

As falas dos produtores de cachaça de Rio Pomba vão de encontro aos desafios enfrentados pelos produtores da Região de Orizona/GO:

*“Eu acho que a certificação hoje é o mínimo possível. Se o produtor conseguir um pouquinho, você sabe o produtor é um empresário que gosta do que faz, só que ele é um pouco engessado. Ele não tem estrada, ele tem pouco estudo, ele tem*

*muito medo de sair e não dar certo... de uma coisa de fazer e não funcionar a certificação. É o mínimo possível, o produtor hoje é um empresário que gosta do que faz". (Família Dorna – Vair Dorna).*

*"... Aqui tem muita luta, muita garra. Eu dizia ao Tom Moenda: não faça mais cachaça... mas com a venda ele trocava o dinheiro por medicamento. Minha irmã dizia sempre para parar desta porcaria. Mas o pai dele fez, o Berto Moenda já está fazendo... mas é muita luta. Se não é a garra da família não vai não, nós que já estamos com 50 anos". (Família Moenda – Carmem Moenda).*

*"Meu bisavô, meu avô, passou para o meu pai... a data é de 1893, esse alambique foi fabricado, antes dele tinha outro... ele é outro do mesmo tamanho, do mesmo sistema o que era, sem perder o que era, sem perder a origem. Antigamente o engenho era movido com cavalo... De 52 para cá, meu pai passou os animais para a roda d'água... a gente sempre faz um pouquinho da cachaça... Recentemente veio a... a... EMATER... com a ideia de cooperativa". (Família Moenda – Tom Moenda).*

Constatei, desta forma, que os produtores, tanto de Goiás quanto de Minas Gerais, mais especificamente os do município de Rio Pomba, têm séria dificuldade em conseguir pessoas com conhecimento no processo da produção. Também fica evidente como os produtores de cachaça das cidades citadas carregam o caráter tradicional no modo de produção e gestão, e como as transformações são lentas. Não que os entrevistados tenham se mostrado contrários às tecnologias, mas também não se adequavam o suficiente - por receio, falta de informação ou qualificação ou por opção - para a busca de novos modelos de produções e formas diferenciadas de distribuição do produto cachaça.

Neste mesmo sentido, o Conselho Estadual de Política Agrícola (CEPA) e a Câmara Técnica de Cachaça de Alambique, elaboraram um Plano Setorial da Cachaça de Alambique (2008) que trata da informalidade da cachaça como uma atividade secundária nas propriedades mineiras. Dos duzentos e trinta (230) milhões de litros produzidos nos alambiques mineiros, cem (100) milhões se encontram nas produções informais, gerando perdas para todos os envolvidos nesta atividade, na avaliação daqueles órgãos. No entanto, dentre as propostas de desenvolvimento do setor de produção da cachaça, a CEPA sugere que se deve realizar um diagnóstico, denominado "Enfoque Sistêmico do Produto". Este enfoque propõe um "planejamento integrado da cadeia produtiva da cachaça, que

é uma metodologia participativa, aplicável para a formulação de políticas e estratégias competitivas com o objetivo de promover o desenvolvimento” (*ibidem*).

Na perspectiva da relação entre trabalho e informalidade, e de acordo com Lelis (2011) em “Territórios da informalidade: as diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa-MG”, para compreender as atividades informais, especialmente em espaços urbanos, há que se considerar o “comércio informal, o perfil dos atores e as relações sócio-espaciais construídas no seu cotidiano”. Conclui que se devem conhecer as novas formas de organização do trabalho existentes no País. Assim, para essa mesma autora, os entendimentos sobre a informalidade giram em torno das novas e velhas concepções, compreendidas nas perspectivas de duas teorias: a) por meio da visão economicista, sendo determinadas nas ações dos sujeitos e de forma desigual; ou seja, trabalhadores que não estão no mercado formal da economia; b) sob o entendimento da informalidade na interligação dos sujeitos em suas relações sociais por meio do processo constituído nas atividades desenvolvidas, não visando somente o econômico, mas todas as formas culturais estabelecidas nestas interações, sendo essa uma corrente relacional, onde o individual e o coletivo estão além da estrutura social. Como se pode observar nas falas dos produtores da cachaça:

a) *“Rio Pomba e outros da Zona da Mata fabricam cachaça artesanal e eu queria pegar o produtor informal, porque ele não deixava eu vender. Quem vai comprar minha cachaça seria uma cooperativa da Zona da Mata. Vou ser presidente na abertura, daqui a 2 anos a gente muda”.* (Família Capelo – Lene Capelo).

b) *“... tudo é produzido na fazenda, às vezes a cana a gente colhe de vizinhos que tem um canavial. Às vezes um vizinho oferece uma cana, troca em produtos. A produção da cachaça ele acompanha”.* (Família Moenda – Berto Moenda).

b) *“... é a mão de obra hoje aqui é o único jeito foi manter uma cozinha forte. Aqui na minha propriedade todo mundo almoça, todo mundo janta, todo mundo toma café da manhã, é o único diferencial dos vizinhos todos é uma cozinha forte. Ela (Bete Dorna) não deixa cozinha parada hora nenhuma e a gente vai desenvolvendo, a gente vai se adaptando a cada situação, né?”* (Família Dorna – Vair Dorna).

Considerando a especificidade de cada localidade, perceberam-se nos produtores de cachaça do município pesquisado casos semelhantes aos relatados pelos autores citados nas relações do mercado, como por exemplo, nas transações comerciais, nas trocas com os vizinhos, nas divisões de trabalhos entre os familiares participantes da produção da cachaça. Contudo, ressalta nas falas a dificuldade de se reunirem enquanto produtores comuns de um produto, mantendo-se isolados em suas fabricações e em seus “domínios locais”, contando sempre com os familiares diretos e com os vizinhos mais próximos.

Neste mesmo sentido, Wanderley (2002) ao se referir às coordenações informais e formais em um enfoque na Sociologia Econômica, pondera que o mercado está formado por indivíduos que produzem bens e serviços de maneira interdependente; no entanto, estas formas são baseadas em arranjos e princípios que orientam tais atividades, e se propõem dicotômicas:

(..) relaciona os mecanismos informais de coordenação a acordos implícitos ou conhecimento tácito e regras não escritas em oposição à coordenação formal com base em regras explícitas de coordenação (Wanderley, 2002:30).

Desta forma, a autora compreende que um dos aspectos principais da informalidade se dá na “confiança”, ao contrário das estabelecidas nos contratos escritos e formais das coordenações informal/formal. No entanto, a confiança se percebe nas normas sociais de obrigação e cooperação vivenciadas nas interligações entre os indivíduos, destacando destas relações as de oportunidades. “Confiança é um tipo de acordo tácito que está presente em um contexto social específico e que se transforma na base da coordenação das transações econômicas” (Wanderley, 2002:30).

Um dos aspectos observados nas relações entre as famílias entrevistadas foi a presença do conflito e, por meio dele ou de suas tensões, a discussão em torno da relação confiança/desconfiança. Quando se tratava do assunto associação ou cooperativismo as falas giravam da seguinte forma:

*“... Troca de favores o tempo todo. Minha casa funciona como uma prefeitura aqui em volta e na seca eles me ajudam. Em volta, tudo*

*que tem que resolver vem aqui.* (Família Dorna – Vair Dorna).  
(Obs.: falando da relação entre vizinhos).

*“Lá toda vida era assim, eu era o administrador, mas eu combinava tudo, ninguém me questionava, ninguém teve reclamação do tempo que trabalhei lá! Se sobrasse dinheiro tinha de fazer as despesas tudo, aí tinha que trabalhar muito para dar conta...”* (Família Tonel – Jo Tonel). (Obs.: Falando dos irmãos, da mesma família).

*“Olha, o meu sistema é o seguinte... a cooperativa não tem dinheiro, então compra um galão de mil e na hora que vai lá tira três amostras das cachaças entregues e a gente vai analisar. Eu não bebo, se todas tiver no mesmo padrão, aí a gente junta. A minha eu analiso duas vezes no CESAMA (na UFJF). Você acha que eles acham que está ajudando? Acham que está aborrecendo... eu vendo assim, eles dizem. Por que vou mudar? A minha é a melhor do mundo, acham os produtores de lá... mas o mercado é máfia! Se passar a funcionar assim (em cooperativa)... todas vão ser boas... não sou egoísta de falar que só a minha é boa. Se todos se respeitasse...”* (Família Capelo – Lene Capelo).  
(Obs.: Falando das desconfianças entre produtores).

Observei, nas questões acima levantadas, as relações de confiança/desconfiança nas famílias entrevistadas. Quando falavam de sua família consanguínea, em geral não havia desconfiança. No entanto, quando era para delegar alguma responsabilidade ou direção conjunta a outros que não fossem do círculo familiar havia desacordos: seja nos assuntos ligados à cooperativa, à distribuição, as técnicas dos outros, e até mesmo sobre assuntos corriqueiros, do cotidiano.

Desta forma, fica uma observação importante com relação à dificuldade dos produtores de cachaça entrevistados quanto à participação e à implantação de associação ou à formação de uma cooperativa. De fato, entre os anos de 2009 e 2012 houve a iniciativa de uma produtora da cachaça de Juiz de Fora - pertencente à Família Capelo - de agrupar os produtores de cachaça da Região da Zona da Mata, a fim de constituírem uma Cooperativa. Nas falas acima transcritas, pôde-se perceber que as desconfianças existentes nas transações foram o fator limitante para a organização dos produtores e a formação de uma cooperativa, sendo mais um dos fortes argumentos para a perpetuação da informalidade dos produtores de cachaça de Rio Pomba.

Neste sentido, é possível assinalar que as ações dos produtores de Rio Pomba ora se apresentam como tradicionais, ora como conservadoras; ou seja, com receios de mudanças e sobrevalorizações de sua produção e com desconfianças quanto ao modelo associativo/cooperativo. Por outro lado, tal receio também aparece relacionado à possível “perda de identidade” do produto, o que nos aponta para a adoção de um modo tradicional de produção e gestão como uma opção: *“Pegar a cachaça do outro você perde a identidade...”* (Família Dorna – Vair Dorna). Tais dilemas ficam evidentes em diversas falas:

*“A gente tinha uma pessoa da associação fora do comum, já tinha a clientela dela. Ela vai preocupar com a cooperativa que não vai fazer um produto da qualidade dela (falando da Lene Capelo – Família Capelo). Vender um produto mais barato (desconfiança), mesclado de produto de um... lá se vende um “blend”... todo mundo vai misturar...”* (Família Dorna – Vair Dorna) (comentários meus).

*“Não tenho a preocupação para quem deixar, mas tenho a preocupação do engenho funcionar bem, tem que aproveitar o que tem na mão”* (Família Dorna – Vair Dorna).

*“Agregar os produtores na microrregião – “uns 20 produtores”, vamos cair na dificuldade de Juiz de Fora (...) ficamos combinados de fazer um “blend”. Ficamos combinados de criar um e é a desconfiança do produtor. Vamos cair na desconfiança dos produtores. Lá na cooperativa ficou de pagar, uns podiam outros diziam que não podia (...) Se fosse uma coisa que se eu fizesse 2 litros de cachaça de acordo com os ministérios, mas uns fazem e outros não e acaba atrapalhando a de todos (...) A opção seria fazer a análise na entrega da cachaça e cada um receberia pela acidez da cachaça. Considerando que cada cachaça seria diferente da outra. Gerou desconfiança. A CP (Família Capelo – CP) tinha a cachaça dela registrada, agora com a Lei Seca, ela não está vendendo cachaça, até pensei em terceirizar com ela, isso topo fazer com qualquer um, sem ter a engarrafadora* (Família Moenda – Berto Moenda).

*“A gente leva uma vida sadia, a gente é dono da vida da gente, se precisar sair a gente compensa depois e assim a gente vai levando...”* (Família Moenda – Tom Moenda).

### 2.3. Redes sociais nas relações formais e/ou informais

Observada nitidamente a informalidade no processo produtivo e de comercialização, ficou perceptível nas falas, a rede formada entre os produtores da cachaça de Rio Pomba - Família Moenda e Dorna com a produtora de cachaça Família Capelo.

*“... quem ficava no alambique sempre foi meu pai meu tio, meu avô, agora só o meu pai quem fica no alambique também (Família Moenda – Mila Moenda).*

*... quando eu era menor era o Antenor (meeiro). Era meeiro do meu avô. Até morava lá dentro de casa com a gente (Família Moenda – Mila Moenda).*

*“... hoje tenho gasto muito alto para vender só a minha” (Família Dorna – Vair Dorna).*

Os estudos de redes sociais têm destacada importância na observação dos processos de formalidade e informalidade. Ibarra *apud* Souza (2006) relata que os estudos organizacionais diferenciam rede formal e informal: a rede formal se compõe nas relações entre chefes e subordinados nas organizações; já na rede informal, os relacionamentos se baseiam nos interesses comuns das relações pessoais e profissionais, proporcionando aos indivíduos destas integrações das redes, maior possibilidade de construção de conhecimentos. É possível perceber tais interligações entre os irmãos da família Tonel, quando se uniam para um propósito comum:

*“... todos participavam do processo, a gente trabalhava tudo junto, alguns por fora que não quis fazer parte. Fizemos isso uns 20 a 25 anos, na década de 80... de 70, todo mundo era solteiro, todo trabalho de família grande era pouco... e a gente fazia” (Família Tonel – Jo Tonel) (Obs.: Família Tonel, sobre o início do alambique).*

Entende-se, no entanto, a importância das relações constantes que se estabelecem por meio das redes sociais, onde os indivíduos podem construir sentimentos, contratos sociais e comerciais. Vide a utilização de recursos e financiamentos bancários pelo produtor da cachaça, o senhor Dorna.

*“O meu engenho foi tirado no PRONAF. Valeu a pena. Vou pedir depois que pagar esse outro financiamento. O engenho era antigo e agora preciso trocar a caminhonete. O PRONAF é fora do comum, mas é muito pequeno... qualquer material é caro. Eu consigo o material em Visconde de Rio Branco, agora preciso de uma máquina de cortar cana para quem tem área plana, pois sou muito dependente dos meus vizinhos...” (Família Dorna – Vair Dorna).*

Os conceitos de redes sociais são compreendidos nas ideias formuladas a partir do Século XX, tornando-se tema importante nas Ciências Sociais. O sociólogo Manuel Castells (1999), em seu livro “A sociedade em rede”, operacionaliza tal conceito para os estudos sobre a informação, considerando aspectos sociais, culturais e econômicos em um mundo em transformação. Na Antropologia, o conceito de redes adquire uma concepção de processo, para se entender as interligações locais das ações dos indivíduos.

Durante a segunda metade do século XX, o conceito de rede social tornou-se central da teoria sociológica e deu asa a inúmeras discussões a existência de um novo paradigma nas ciências sociais. No decorrer da última década, a sociologia das redes sociais se constituiu como um domínio específico do conhecimento e institucionalizou-se progressivamente (Portugal, 2007:3).

Barnes (1969) conceitua rede social como um processo, sendo uma das atividades da Antropologia Social nas análises e na descrição que estão além dos grupos e das categorias formadas no meio social. Explica que a rede social auxilia na visualização da liderança e dos liderados do grupo ao qual pertence.

A noção de rede social está sendo desenvolvida na Antropologia Social tendo em vista a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo fazem parte da rede social total tanto quanto aquelas que vinculam pessoas de grupos diferentes (Barnes, 1969:163).

Bott (1976), ao conceituar redes sociais, tinha como objetivo compreender a organização psicológica e social de algumas famílias urbanas. Em prefácio escrito sobre o livro de Bott, Gluckman (1970:14), pondera que, ao trabalhar os dados coletados com as famílias pesquisadas, perceberam-se variações nos papéis dos

casais, e estes papéis estavam relacionados ao meio social das famílias. O meio social apresentava diferentes relações, como rede, e estas redes eram como denominada por Bott “de malha estreita”, com seus vizinhos, parentes, amigos, companheiros de trabalho, conhecendo-se mutuamente.

Outras famílias eram denominadas por redes de “malhas frouxas”, onde as pessoas conhecidas dos casais não se conheciam mutuamente - “quanto mais estreita era a malha de rede da família, mais segregados eram os papéis do marido e da esposa”. No entanto, os costumes por meio dos tabus, das crenças presentes em poderes ocultos, extrapolam as diferenças existentes entre gerações nas relações entre velhos e jovens, parentes maternos *versus* paternos, consanguíneos *versus* afins, entre outros. Tal relação pode ser observada também nas famílias estudadas, quando o produtor da família Dorna relata sobre as relações com os vizinhos e a esposa.

*“Irmão, esposa é cem por cento. Agora, tenho meus vizinhos que me ajuda muito, o que eles precisam de mim eu ajudo. Máquinas? Empresto, então durante as águas agora também todo mundo tem serviço e tem seu “sítiozinho” e na seca estou plantando cana. Na época das águas todos se ajudam, plantando. Há troca de favores o tempo todo, minha casa funciona como uma prefeitura aqui em volta. E na seca eles me ajudam. Em volta, tudo que tem que resolver vem aqui...”* (Família Dorna – Vair Dorna).

No Capítulo III do livro, Bott (1976) mostra variações que relacionam forma de rede social informal da família; ou seja, modos de relações sociais com (e entre) amigos, vizinhos e parentes. Esses padrões de relações sociais, de fato, entre a família e suas redes sociais, estão associados aos fatores, tais como: as classes sociais, a personalidade e outros fatores envolvidos nesta relação familiar. Ou seja, a autora utiliza o conceito de rede para uma análise processual dos relacionamentos entre indivíduos e suas interligações pessoais; e entre as organizações existentes em seus contextos. Assim, na família Moenda e na família Dorna pode-se verificar, por intermédio de suas falas, as importâncias das interações existentes com os vizinhos, e nos parentes próximos, seja nas atividades internas e cotidianas da fazenda ou nas trocas comerciais com os vizinhos.

*“... tudo é produzido na fazenda, às vezes cana a gente colhe de vizinhos que tem um canavial, às vezes um vizinho oferece uma cana, trocas em produtos (a produção da cachaça ele acompanha” (Família Moenda – Berto Moenda).*

*“... Meu irmão Airtom é sócio... trabalha junto comigo. É técnico químico, deu até aulas aqui, mas nasceu para terra, e não teve jeito. Minha esposa ela participa... é praticamente o esteio da casa. A maior dificultada no campo (Família Dorna – Vair Dorna).*

Ao considerar os conceitos e análises das redes sociais como fenômenos complexos e visualizando para além das estruturas, entendem-se nos comportamentos diferenciados dos indivíduos influências de vários atores, onde as influências podem ser adquiridas em momentos distintos de interrelações. Desta forma, o indivíduo pode ter adquirido tendências políticas antes de estar inserido no grupo atual de convívio, ou seja, as adquiriu em outras redes sociais.

Simmel (1950) *apud* Ferreira e Vitorino Filho (2010), importante pensador na sociologia formal, pondera que, na vida social padronizada, nas relações existentes, por exemplo, entre três agentes, aquele que explorar melhor os conflitos, consegue ter maior influência. Reporta também, que nas redes sociais, é onde se encontram as oportunidades, as restrições e as interações, e estas influenciam os comportamentos dos indivíduos em suas normas culturais e nas ações subjetivas. Percebem-se, na nova visão da sociologia econômica, outras formas de se considerar as relações sociais e econômicas entre os agentes ativos.

A nova Sociologia Econômica, segundo Fontella (2009), fortalece-se com os ensaios do autor Mark Granovetter. Essa corrente considera que, em determinada esfera mercantil, sua importância está nas ações e empreendimentos coletivos em: seus papéis sociais, suas normas, sanções encontradas nas instituições e nas tradições inseridas nos modelos econômicos, e nas interligações das redes sociais por meio de seus agentes sociais; ou seja, esta corrente sugere que a ação econômica das sociedades contemporâneas está inserida nas interrelações sociais, nas redes sociais dos indivíduos e grupos.

*Por que fala muito da informalidade? As pessoas eram clandestina. O senhor Tom Moenda (Família Moenda) entrou na associação, o Vair Dorna (Família Dorna) porque estavam sendo fiscalizado pelo conselho de química. A função seria para dar assistência. É uma máfia, quando pega ele para tudo, mas quando*

*falavam que estavam em uma associação em JF, o pessoal não incomoda. (...) uns tempos atrás o povo não paga (...) você, registrada tudo direitinho! Tem que pagar um advogado para receber e não recebe, você faz tudo no padrão (...) a informalidade tem que ser igual ao Sr. Tom Moenda e ao Sr. Vair Dorna (...) o Vair Dorna ganha mais... Por quê? O que é uma cachaça de qualidade? Você coloca num alambique você tem um processo, tem que lavar antes de moer, não pode ter cachorro, ter galinha (...)* (Família Capelo, Lene Capelo).

Esta transcrição da fala da produtora Lene Capelo (Família Capelo), ilustra alguns dos conflitos que ocorrem em grupos quando tem interesses comuns. Foi o que aconteceu com os produtores de cachaça que tentaram se organizar para uma Cooperativa dos produtores de cachaça da Zona da Mata. O que demonstrou a fala acima, também as citações das referências teóricas, foi um desentendimento quanto às vantagens e desvantagens de uma legalização da produção junto aos órgãos certificadores. Ao final da conversa, a entrevistada estava muito frustrada com o resultado negativo, com o empenho e com a possibilidade de uma cooperativa não ter se concretizado.

Em Granovetter *apud* Fotenella (2009), têm-se como unidade de trabalho as redes interpessoais onde discorre sobre laços fracos e laços fortes. Considera a relevância destes laços para a rede social e exemplifica que os laços fracos são os contatos próximos e familiares, estando integrado em vários meios. No entanto, os laços fortes se estabelecem nos contatos com amigos íntimos, parentes e estes conectados a várias outras pessoas. Destaca-se em seu trabalho, que as relações fracas (laços fracos) que se estabelece os diferentes grupos não ligados entre si, é onde se dá a ampliação das redes e as possibilidades de maiores informações, trocas de conhecimentos, de oportunidades (exemplo: emprego). *“Se alguém souber que comprei de outro eu perco ele... é na confiança...”* (Família Dorna – Vair Dorna: fala a respeito da relação com os fregueses conquistados), pois nesta forma de interação se encontra maior número de pessoas sem o perigo da perda de confiança.

Desta forma, observa a formalidade e a informalidade existente nas redes sociais formadas nas interligações existentes nas famílias produtoras da cachaça. As famílias pesquisadas demonstraram a importância dos interlaces nas relações sociais, comerciais para a continuidade da produção da cachaça.

## 2.4. Redes sociais e informalidade na produção da cachaça

Para se entender redes sociais na produção da cachaça, vale utilizar o conceito de capital social descrito por Marteleto (2004:44).

O capital social, por sua vez, é definido como as normas, valores, instituição e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais. Desta forma, são dependentes da interação entre pelo menos, dois indivíduos. Assim, fica evidente a estrutura de redes por trás do conceito de capital social, construído pelas suas redes de relações. A construção de redes sociais e a consequente aquisição de capital social estão condicionadas por fatores culturais, políticos e sociais.

A proposta da elaboração Rede Social (Figura 16), das famílias produtoras da cachaça envolvidas nesta pesquisa, ou seja, a Família Moenda (vermelha), a Família Dorna (verde), a Família Capelo (amarelo), a Família Tonel (azul), teve como objetivo o entendimento das interligações sociais, econômicas e políticas. São políticas quando se percebe interesses coletivos e individuais nas transações dos sujeitos e estas existentes nas relações destes produtores, seja de família para família, como o caso das Famílias Dorna e Tonel, ou famílias e Instituições de interesses comuns, como o caso de todas que se interligam.

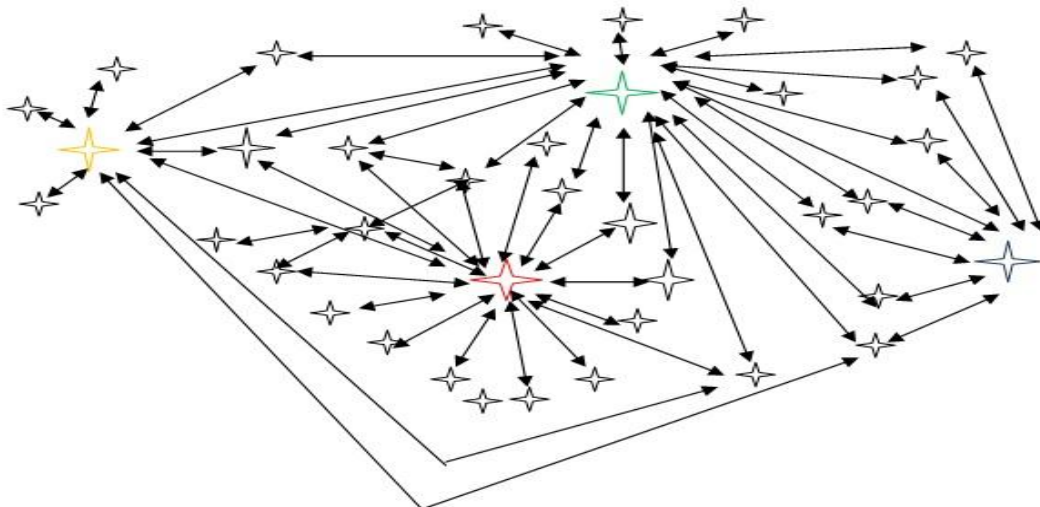


FIGURA 16 - Rede Social: Famílias produtoras de cachaça do município de Rio Pomba.

Na Figura 16, os sujeitos e instituições mencionados pelos entrevistados estão representados na forma de estrelas. As estrelas maiores, e não coloridas,

representam as instituições mencionadas e de maiores importâncias para os sujeitos produtores da cachaça. São elas: EMATER, IMA e Sindicato Rural de Rio Pomba. No entanto é importante sinalizar que constaram nesta rede, também, e não menos importantes, os outros sujeitos listados no Quadro 1.

Neste sentido, a rede social, representada pelas famílias produtoras da cachaça de Rio Pomba, aponta as relações formais e informais existentes. Seja nas interligações informais quando na necessidade de comercialização do produto (cachaça), nas de trabalho entre os familiares ou nas relações formais quando ocorridas nas instituições credenciadas. Estas integrações geram conhecimento e conservação das tradições locais e geração de renda aos produtores familiares.

Pude também perceber a informalidade e as redes sociais formadas em outras localidades do Estado de Minas Gerais, com outras conformações, vide associativismo e de cooperativismo.

Para tanto, observar-se-á os exemplos de Minas Gerais. Neste Estado, a produção da cachaça se encontra entre os principais setores da agricultura. A maior demanda por cachaça de qualidade vem despertando agricultores e produtores, de famílias de baixa renda, a necessidade e a vontade de incrementar sua produção. Oliveira (2000) expõe que:

No Estado de Minas Gerais, essa atividade representa um pedestal de nossa tradição, com produção de 200 milhões de L ano<sup>-1</sup>. As várias regiões produtoras emprestam à cachaça um sabor especial. Produzida em mais de 8 mil alambiques, ocupa lugar de destaque entre as bebidas brasileiras e estrangeiras (Oliveira, 2000:34).

Segundo Lima e Wilkinson (2002), cinquenta e três por cento (53%) dos alambiques mineiros, estabelecimento onde se fabrica a cachaça, encontram-se ao norte do Estado: Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri e Rio Doce. Representa, assim, forte influência na economia local em comparação com as restrições socioeconômicas desta região. Podem-se citar dois artigos que exemplificam essa realidade: “Análise da Produção Familiar de Cachaça no Território Alto Rio Pardo – MG” (SILVA, 2010); e Indústria Rural, Agricultura Familiar e Desenvolvimento Local: O Caso da Produção de Cachaça Artesanal em Salinas – Minas Gerais (Oliveira *et al.*, 2005).

QUADRO 1 – Relação das pessoas e instituições citadas por sujeitos entrevistados

| Entrevistado   | Instituições citadas  | Pessoas e espaços públicos citados  |
|--|---|---|
| <b>Família Moenda</b>                                |   |   |
| Tom Moenda (proprietário agricultor)                 | EMATER, cooperativa, AMPAQ, Cooperativa de Ubá, Associação JF                                 | Pais, avós, filho, esposa, neta, Lene Capelo, vizinhos, IE2, Engenheiro DNER, Canuto, fregueses, Contadora,   |
| Berto Moenda (filho agricultor)                      | EMATER, cooperativa, MAPA, grandes indústrias produtoras de cachaça,                          | Vizinhos, IE2, Lene Capelo, consumidor, comércio, o bar, produtores da microrregião, família da esposa, esposa, filho, feira livre e de artesanato.   |
| Mila Moenda(neta estudante universitária)            | EMATER  | Tio paterno (que não participou da entrevista), meeiro (morador antigo da fazenda), irmão, avô, filhos dos meeiros, empregados do meu pai, bisavô, meu pai, restaurante, os comerciantes, meu tio materno, professora da UFV, restaurante (da família). |
| Carmem Moenda(esposa, quem produz os doces caseiros) | EMATER  | esposo, filho, irmã, feira livre e de artesanato. Senhor Vair Dorna, vizinhos, filhos,  |
| <b>Família Dorna</b>                                 |   |   |
| Vair Dorna (proprietário agricultor)                 | CEASA, cooperativa, incubadora da UFJF, MAPA, AMPAQ, IMA, EMATER / JF, EMATER / RP, PRONAF.   | Feira, tio avô, irmão 1, avó, pai, irmão 2, clientes, irmã, Lene Capelo, mercado, microrregião, funcionário, IE2, fabricantes de cachaça, Jo Tonel  |
| <b>Família Tonel</b>                                 |   |   |
| Jo Tonel (ex-proprietário e agricultor)              | IMA, EMATER/RP, Sindicato Rural de Rio Pomba.   | Irmão 1, irmão 2, tio, avó, mãe, pai, irmã, esposa, Vair Dorna.   |
| <b>Família Capelo</b>                                |   |   |
| CP (produtora de cachaça e sitiante)                 | EMATER, FD, Receita Federal, MAPA, UFJF, Associação dos produtores de cachaça de Juiz de Fora | Marido, filhos, químico, contadora, feira especializada, mercado, comércio, MP, MD, IE2.  |

O que trata do Território do Alto Rio Pardo – considera que a produção da cachaça nos municípios desta região, embora sendo uma atividade tradicional, apresenta problemas na produção que garanta renda familiar, principalmente devido ao gargalo da comercialização. Para esse mesmo autor, ficam os produtores com renda inferior aos que fazem a travessia da cachaça; ou seja, aproveitam da falta de informações dos produtores da cachaça, ficando com a maior parte do valor gerado na cadeia produtiva.

Esse mesmo autor chegou à conclusão que, apesar de inúmeras dificuldades, a atividade produtiva da cachaça ainda se apresenta como uma das principais oportunidades de geração de renda aos agricultores deste local. Isso se deve ao fato de: a) apresentar reduzidas barreiras à entrada, dado ao baixo investimento inicial necessário ao estabelecimento da atividade; e b) à possibilidade de sua principal matéria-prima, a cana-de-açúcar, estar consorciada com outras culturas de subsistência. Os produtores podem conseguir melhores rendas com essa atividade, e isso é certamente possível, sendo necessária, contudo, uma parceria entre organizações públicas e privadas com o objetivo de melhores apoios aos produtores da cachaça.

Em Rio Pomba, o produtor da cachaça da família Dorna se manifesta quanto às vantagens da coletividade, entre os irmãos, quando retrata o início da produção, ainda estavam juntos. Demonstra assim, a forma associativa, como descrito nos exemplos acima, mas a forma informal de produção dava à família maior possibilidade de renda. Visualiza-se, aqui, uma realidade vivenciada e diferente das outras. As formas de parceria ficam entre os sujeitos das famílias ou de forma individualizada, quando se trata de instituições formais, como: IMA, EMATER, Bancos.

*“Antes a gente fazia sem técnica, “né”? O produto era excepcional, só que tinha muito prejuízo na produção, todo o tipo para colocar na fábrica, o jeito que a gente moía a cana tinha no engenho não extraia o tanto certo. Tinha todo o custo para colocar na fábrica... ficava com o grau brix que vinha do campo, não conseguia hominizar (homogeneizar) a produção (...) Eu não tinha prejuízo... porque na época a mão de obra era mais barata e tinha os “irmão”... e para quem não tinha renda nenhuma, o que tinha já era nota 10... tem seis anos... está melhor no mercado... é bem satisfatório”. (Família Dorna – Vair Dorna).*

No segundo artigo citado, a produção da cachaça em Salinas “revelou que no debate sobre desenvolvimento local, especificidades produtivas e geradoras de renda e ocupação são cada vez mais acumuladoras de importância econômica e social” (Oliveira *et al.*, 2005:3). Dentre os benefícios gerados na produção da cachaça para o município, houve a participação efetiva em torno de objetivos comuns, entre os agricultores familiares, para conseguirem outra forma de renda.

Isto se deu por meio da utilização de técnicas e pela importância dada à tradição no modo de produzir a cachaça, passada de geração em geração, desde o início do povoamento do município, no início dos anos de mil novecentos e quarenta (1940), consolidando a marca local e sendo reconhecida nacionalmente. Mesmo sendo a pecuária a principal atividade econômica do município de Salinas, a produção de cachaça vem conquistando espaço como alternativa de renda para um considerável grupo de agricultores familiares.

Os fatos até agora retratados nos apontam as diversas áreas de conhecimentos em que o tema cachaça está inserido: economia, com a produção e renda; direito dos produtores agrícolas; e na área social, na possibilidade de interação entre os grupos de produtores, comerciantes e consumidores.

Quando se depara com a realidade de iniciativas como a de se gerar uma associação ou uma cooperativa dos produtores da cachaça no município de Rio Pomba, percebe-se que não teve sucesso às investidas até o momento. Foi descrito adiante o perfil das famílias produtoras da cachaça, participantes da pesquisa com o objetivo de demonstrar as suas especificidades e demonstrar suas formas de ligações familiares.

Os moradores atuais da Fazenda Moenda são: o proprietário, a esposa, o filho mais velho, a nora, a neta e o neto, mais duas famílias de funcionários que ajudam nas obrigações da terra e na casa. É uma fazenda antiga, Século XIX, de propriedade dos avôs do proprietário. A casa foi reconstruída no período da segunda geração de moradores, sendo a que existe atualmente. O conhecimento de todo o processo e a importância como fabricação familiar e tradicional é um fato que o produtor tem orgulho de relatar.

Compõe o espaço rural um curral, paiol, alambique e tonéis de madeira (sendo um do tempo dos avôs do proprietário) onde estão cômodos próprios para armazenamento e o envelhecimento da cachaça. É produzido o fumo, doces que são vendidos na feira em Juiz de Fora (cidade próxima a Rio Pomba e de maior população), e claro: a cachaça.

No dia da entrevista, pude perceber um carinhoso acolhimento de toda família. Estavam presentes o senhor Tom Moenda, o filho, a neta, o neto e a filha da ajudante do lar. O encontro aconteceu na sala da fazenda, de pé direito alto e

tábuas corridas. Uma sala não muito grande, mas aconchegante e arejada, pela ventilação da janela grande e aberta. O que chamou a atenção foi o cuidado de todos com o filho e o empenho de todos os familiares em incluí-lo na conversa e participar do encontro, já que o mesmo apresenta problemas psicológicos.

As dificuldades relatadas pela família na produção da cachaça se resumem em: falta de incentivo do Governo; dificuldade de se participar na associação; diferenças de produção (entre os produtores do município); exigências para adequação para a produção; e o não companheirismo dos outros produtores.

Ao final da entrevista, percorreram-se todo o engenho. O senhor Tom Moenda nos conduziu (a entrevistadora e Mila Moenda) para visitar onde se produz e se estoca a cachaça, com direito a prova: mas como a entrevistadora não bebe, teve o prazer de sentir o aroma (sensorial) da cachaça - excelente. Pôde-se perceber o orgulho da origem e do fazer rural nestas frases dos familiares:

*“... O capelo lá de casa já passou por várias reformas, o alambique é muito antigo, mas o capelo foi do meu bisavô”. (Família Moenda – Mila Moenda).*

*“Quando eu era pequena não era só cachaça que fazia, né? Então teve movimento muito grande de cana lá em casa de fazer melado de fazer açúcar e da cachaça, nasci lá, até aos 7 anos morei lá. Depois que saí para estudar em Rio Pomba, pois a escola era muito fraca. Pra mim era até diversão, pois meu pai e meu tio ficavam no alambique e lá meu tio brincava de boneca no alambique e meu tio brincava comigo... meu pai vai para o alambique e mostra a gente e como faz. E com meu irmão a mesma coisa. Desde que nasci meu pai leva a gente para o alambique e mostra como se faz...” (Família Moenda – Mila Moenda).*

*“... o importante da cachaça é o sistema de fermentação... uma coisa diferente que é que usamos a da época do meu avô” (Família Moenda – Berto Moenda).*

*“Antigamente o engenho era movido com cavalo, agora é com a roda d’água. De 52 para cá, meu pai passou de animais para a roda d’água e a gente faz um pouquinho da cachaça. Recentemente veio a máquina e EMATER... com a ideia de cooperativa” (Família Moenda – Tom Moenda).*

Desta forma, percebi que os proprietários e produtores da cachaça, querem “manter” as formas de produção. Mesmo entendendo a importância das

inovações, fazem do espaço rústico da fabricação da cachaça uma forma de *marketing* e manutenção do *status* rural. Estas observações se basearam nas falas e nos locais de fabricação e estocagem do produto cachaça. O que os entrevistados sinalizam como dificuldades, citadas acima, são também ações praticadas pela família.

A família Dorna e a família Tonel têm uma história comum, até o momento da separação e divisão da herança familiar. A história familiar foi relatada por Vair Dorna, Jo Tonel e Ana Tonel, em dias e encontros individuais.

O senhor Jo Tonel, disse saber do início da implantação do alambique da família. Tudo começou com a família da mãe materna, um tio materno e depois outro tio, começaram a fazer cachaça nas terras da avó e fabricaram e comercializaram por bastante tempo. Com a morte de um dos tios, a avó materna continuou, com a ajuda de um dos tios na administração, fabricando a cachaça por mais uns três anos.

Com a morte da avó, tudo ficou parado, abandonado, pois havia que resolver a partilha. Resolvido essa questão, segundo Jo Tonel, “*A gente na época lidava lá muito na casa da minha avó, lembro eu mais menino quando meu tio produzia, hoje não tem nada*”. Jo Tonel considerava a família da minha avó grande, com muitos filhos. No entanto, hoje quem está trabalhando na produção da cachaça são cinco (5) netos da família, sendo três (3) irmãos donos de um alambique, e dois (2) de outro.

Antes da produção da cachaça, a família trabalhava no plantio de hortaliças. O entrevistado tem orgulho em dizer que eram dezessete filhos: “*era uma turma boa e todos trabalhavam junto, tipo uma sociedade*”. Veio a cachaça e as duas atividades já não havia condição de manter, então optaram pela fabricação familiar da cachaça. Contou que foram devagar com a produção, pois o pai não era a favor de mudanças. Era produzido, no início, somente tachos de rapadura. Com muita “valentia” foram saindo de uma condição precária, que se encontrava a família, para uma condição melhor.

No início a produção era coletiva, todos produziam - tanto nas terras próprias da família, quanto nas terras herdadas da avó, antigo alambique:

*“Para começar a fabricar a cachaça, eu era administrador, ninguém me questionava, ninguém teve reclamação de mim. A gente trabalhava assim... se sobrasse dinheiro, era de todos. Se não tivesse, todos faziam para todos, senão sobrasse não tinha para ninguém” (Jo Tonel). O trabalho da fabricação era função de todos “onde precisasse a turma atuava, não tinha setor determinado”. Não tinha divisão de trabalho “mas o dinheiro forte que pegava estava ali, ninguém vinha procurar dinheiro comigo não, deixava lá e não gostava que faltasse dinheiro prá eles não. Na horta o dinheiro que a gente ganhou era tudo de todos”. Neste momento houve uma intromissão de Ana Tonel dizendo “Era assim no início”. (Família Tonel, Jo Tonel).*

Com o passar do tempo, houve a separação dos irmãos. Houve a morte de dois irmãos e outros cresceram e casaram, todos constituíram família e já não supria a necessidades de todos. E o Jo Tonel não participa mais, só presta alguns serviços contratado pelos antigos sócios.

Em sequência, vale especificar os dizeres de (Vair Dorna), um dos atuais produtores da cachaça e remanescente da família (Jo Tonel).

O início da entrevista com o senhor Vair Dorna, ele relatou a história da família como já descrita pelo senhor Jo Tonel irmão de Vair Dorna. Segue o relato de sua experiência individual na produção da cachaça: segundo Vair Dorna, com a divisão da herança da avó materna, seus pais ficaram com a parte do alambique e lá começaram a produzir a cachaça. Com o falecimento de seus pais, houve a separação da herança para os dezessete filhos e Vair Dorna ficou com uma das partes que já havia pertencido a sua avó; ou seja, onde funcionou por geração a geração a produção da cachaça.

Com o tempo, e já casado, Vair Dorna comprou partes das terras que pertenceram a seus irmãos e começou a produzir, distribuir e comercializar sua cachaça, separado dos outros irmãos, já tinha um tempo de experiência.

*(...) quinze anos de trabalho e sozinho seis anos. Eu nasci num alambique, via o pessoal trabalhando ali, então quer dizer que desde novinho, uns cinco, seis anos, desde “novim”, atuar mesmo não, atuar mesmo deve ter uns vinte anos...” (Família Dorna, Vair Dorna).*

Percebi o orgulho de Vair Dorna ao contar suas conquistas. Primeiro trabalhou com compra e venda de verduras, *“hortigranjeiros lá no meu pai...*

*comprava no meu pai e vendia na cidade nas quitandas e fui juntando dinheiro e comprando... a minha vontade era fixar aqui” (Vair Dorna). Com o empenho comprou as partes das terras dos outros herdeiros e lotes na cidade e diz “a cachaça é quem mantém funcionário – mantém tudo funcionando - a principal, sem ela eu posso mudar, sem ela eu posso ir embora... consegui baixar bem o custo... e eu domino a área” (Vair Dorna).*

De personalidade forte e centralizador nas atitudes. Essa observação se fez presente quando ao dizer suas conquistas, seu corpo se elevou e a voz encorpou; também, quando foi realizada a entrevista com sua esposa - não saiu de perto, como se precisasse saber o que ela iria dizer. No entanto, ressentiu-se pelo filho, que não quer continuar o seu trabalho, mas fazer medicina em Juiz de Fora.

A fazenda, segundo o entrevistado, mantém-se autossustentável: produz milho, feijão, leite, mas somente para a subsistência da família. O produto principal da renda familiar é a produção da cachaça. Como parceiros de trabalho diretos seu irmão e sua esposa. Sem grandes motivações para a continuidade de herdeiros para a continuidade de seu trabalho, Vair Dorna se pronuncia da seguinte forma:

*Hoje estou aplicando em imóveis na cidade, tenho certeza que meus filhos não vão, então não adianta... meu sócio com quase sessenta anos e solteiro, ninguém tem capacidade para tocar roça hoje, os poucos que tem você pode contar nos dedos. Deve estar andando aí e vendo que todos estão andando de arrasto... o custo é muito alto! (Família Dorna - Vair Dorna).*

Quando se refere à esposa, fortalece-a ao dizer: “a principal - sem ela eu posso mudar, sem ela eu posso ir embora” (Vair Dorna). No entanto, diz ser difícil participar de feiras livres e, ou, especializadas para a venda e *marketing* da cachaça. Segundo o entrevistado, tal argumento é “*questão de lógica*”. Para participar de feiras teria de fazer investimentos altos e não possui renda para tal. Considera que a produção da cachaça tem que manter economicamente sua família e quer crescer aos poucos.

Assim, descreveu-se o perfil das famílias produtoras de cachaça do município de Rio Pomba.

## **2.5. Considerações**

Os problemas relacionados à produção da cachaça se encontram na necessidade do desenvolvimento de um projeto, que incentive ao estudo da viabilidade econômica, técnica e financeira na produção da cachaça; capacidade gerencial dos produtores familiares envolvidos na fabricação, como no preparo do solo, no plantio da cana, no uso dos agrotóxicos; nas etapas da produção da cachaça, como na moagem, na fermentação, na destilação, no armazenamento, na comercialização e no consumo.

Desta forma, há de ser dada uma atenção especial à informalidade ao modo familiar da produção da cachaça, às suas técnicas utilizadas e às suas histórias da fabricação deste produto e as interligações que são construídas nas relações de parentescos ou não para o sucesso deste tipo de produção.

A importância do processo da produção da cachaça mostra que atualmente este produto vem desenvolvendo novos padrões de qualidade e produtividade. No entanto, sugere-se que ao dominar a produção desta bebida, há de se remeter a um longo caminho de aprendizagem e conhecimentos, passados de geração em geração para a produção da cachaça de boa qualidade e visando o atendimento aos padrões internacionais. Sendo assim, vê-se a necessidade da interferência da pesquisa e da extensão, para que melhor se entendam as interposições por meio da legalização, das trocas de conhecimentos, da forma da produção, dos modelos de comercialização, das maneiras de consumo, dentre outras.

Percebi que a importância na forma em que se articulam e se cooperam na produção de cachaça, poderá trazer a possibilidade de explorarem recursos motivados por bons preços praticados no mercado. Supõe-se que a produção da cachaça poderá estimular novos produtores na região e melhorar a vida dos produtores atuais via geração de emprego e renda. Deve-se considerar que a realidade brasileira mostra que os produtores auferem renda inferior aos que fazem a travessia da cachaça, principalmente por falta de informação sobre o mercado interno e externo, as condições de incentivos do Estado e a força da possibilidade das redes criadas desta forma de produção agrícola.

No entanto, o que se observou quanto aos produtores familiares da cachaça do Município de Rio Pomba é a presença da informalidade no que se refere à produção - não há contratos ou divisões de trabalhos, mas sim uma

parceria entre familiares e vizinhos. Pode-se considerar informalidade em outros parâmetros, quando a informalidade é baseada na concepção do princípio da reciprocidade.

Apesar da existência de rede social, por meio dos contatos próximos e distantes dos atores entrevistados, observei que são desarticulados e se voltam exclusivamente para as suas produções, distribuições e ampliação de mercados consumidores. Não percebem a importância das parcerias com outros produtores, apesar de todos entenderem que é uma excelente oportunidade de geração de renda. Desta forma, mantém a tradição e a informalidade na produção e comercialização da cachaça.

## CAPÍTULO 3

### Ofícios e Saberes

*O meu irmão, ele é formado em química industrial e não quis sair daqui... ele gosta... toda vez tinha que ir embora, que ele saia chorando! Formou e voltou... aí formou e não quis saber de emprego não... quis ficar aqui... na roça. (Família Tonel – “Vair Dorna”).*

A revolução causada nos processos produtivos, quando estes passaram da forma artesanal para a forma industrializada, transformou os ofícios e proporcionou novos saberes. Nas corporações de ofício, o meio de produção estava nas mãos dos proprietários, em sua maioria de base familiar, onde se realizava todas as fases de produção, desde a produção/extração da matéria-prima até o acabamento final. A prática salarial não era adotada como remuneração; no entanto, havia trocas nas utilizações das ferramentas, com limitado desenvolvimento da produção, e os comércios ficavam a cargo das associações. Com a chegada da industrialização, no século XVIII, houve a separação das atividades dos camponeses, dos fazeres dos artesãos - começava, assim, as separações das funções, a utilização das máquinas e os grandes comércios.

O desenvolvimento do capitalismo e os avanços das tecnologias trouxeram outra necessidade de se saber fazer; ou seja, a produção passa a ser a “interação do homem, da máquina e da natureza”, o homem e natureza passam a ser dependentes da economia de mercado, das leis da oferta e da demanda, da produção em escala. Desta forma, surgiram novos estudos e formas de organizações da produção industrial com intuito do aumento na produção. No século XX, modifica-se a forma do trabalho e revolucionam as tarefas fabris, com o sistema Taylorista e Fordista. Os dois sistemas de trabalho, desenvolvidos nos

períodos da segunda Revolução Industrial (1856-1915), visavam o aumento da produção e do lucro - novas formas de saberes e competências se fazem necessárias.

Desta forma, este capítulo aborda um tema clássico da Sociologia do Trabalho: os dilemas, desafios e formas de oposição frente à passagem do artesanal à racionalização da produção, ao se pautar na discussão sobre a construção do conhecimento dos produtores da cachaça e suas competências; trata, para tanto, o entendimento do “novo rural” e suas implicações; os profissionais que atuam e participam com os sujeitos fazedores de suas histórias e elaboradores de seus saberes e ofícios inovadores e tradicionais.

### **3.1. Competência (S)**

O artigo de Dubar (1999), intitulado “A sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência, baseia-se em Zarifian (1988) para embasar sobre os modelos de competência nas empresas: a) novas normas de recrutamento; b) valorização da mobilidade e do acompanhamento individualizado; c) o desabono, direto ou indireto, dos antigos sistemas de classificação; d) formação contínua; e) novos critérios de avaliação. Para o autor, esses conceitos têm como objetivos, em relação à competência, um critério de reconhecimento individual ao desempenho subjetivo das capacidades cognitivas em relação às atitudes a enfrentar junto à empresa. Observa-se, contudo, que o conceito surge no contexto pós-fordista, em contraposição à noção de qualificação e, portanto, está relacionada ao trabalho industrial. Assim, no presente trabalho, o conceito de competência está relacionado aos seus usos na área de Educação, ao referir-se a “competências e habilidades” adquiridas em processos educativos formais e/ou informais.

De fato, por eu fazer parte do ofício e fazeres educacionais, percebo outra forma o significado de competência e a importância para se compreender o processo de construção do conhecimento. Este processo construtivo do saber, na visão de Perrenoud (1999)<sup>5</sup>, argumenta que toda a atividade humana requer

---

<sup>5</sup> O sociólogo suíço Philippe Perrenoud é um dos novos autores mais lidos no Brasil. Com nove títulos publicados em português, vendeu nos últimos três anos mais de 80 mil exemplares. O principal motivo do sucesso é o fato de ele discorrer,

algum tipo de conhecimento, às vezes não tão aprofundados; ou seja, com necessidades de laboratórios ou às vezes densos, mas construção de conhecimentos pelas vivências pessoais, do senso comum, da cultura ou das pesquisas científicas ou nas inovações. No entanto, quanto mais complexa for atividade em processos, mais conhecimentos serão adotados para solucionar as questões. Assim, para Perrenoud:

São múltiplos os significados da noção de competência. Eu a definirei aqui como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimento, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor forma possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos (1999:07).

Costa (2002), visando a construção social do conhecimento, utiliza o conceito de *metiér*, para explicar a atividade do “garimpo”. Considerou-a uma atividade tradicional, e por meio das concepções de Alfred Shutz, entendeu a lógica do trabalho pesquisado, expondo:

O termo *metiér* foi sempre associado ao trabalho artesanal, no qual o *atelier* é a referência fundamental. Neste *atelier* artesanal, as diferentes operações de elaboração de um produto são divididas entre os membros, segundo suas características intrínsecas, sua complexidade e o conhecimento prático do operador, sendo desenvolvidas de acordo com os ritmos e habilidades adquiridas pelo indivíduo (COSTA, 2002, p.45).

Desta forma, Costa (2002) utiliza também os conceitos de Zarifian (2001) para compreender as diferenças fundamentais entre o “mundo fabril taylorizado ao modelo de *metiér* em vários níveis, tais como: a aquisição do *metiér*, a aprendizagem do *metiér*, e o modelo do *metiér*” (*ibidem*, p.45), as diferenças estão nas finalidades de cada ação. No *metiér* não se visa à rotina e os produtos, indica que: “o que se nota é uma particularização do processo de trabalho, mas não do produto, uma vez que este é tipicamente divisível e homogêneo, o que, como se verá , não descaracteriza o garimpo enquanto *metiér*” (p.46). Assim, no século XX o termo *metiér* é percebido como um processo de qualificação profissional, onde

---

de forma clara e explicativa, sobre temas complexos e atuais, como formação, avaliação, pedagogia diferenciada e, principalmente, o desenvolvimento de competências.

se insere as habilidades técnicas, manuais e intelectuais interlaçadas com os saberes da prática. Desta forma, observa-se o *metiér* do processo produtivo da cachaça nas falas descritas da entrevistada “Mila Moenda”.

*“... Desde que nasci meu pai leva a gente para o alambique e mostra como se faz. Teve uma época que o engenho passou por reforma, aí modificou o processo da fabricação toda. Quando criança, antigamente colocava a cachaça para fermentar em caixa d’água, não era coisa que não tinha muita proteção, via cair as coisas lá dentro... Lembro de mostrarem pra gente e de tirar aquilo”. (Família Moenda – Mila Moenda).*

Como utilizado por Costa (2002), para compreender os fazeres dos garimpeiros analisados em sua pesquisa, pôde-se observar também nos produtores da cachaça de Rio Pomba, e especificamente nas falas transcritas e ditas pela neta (Mila Moenda) do produtor “Tom Moenda”, uma particularidade nas construções dos saberes e dos trabalhos. A tradição do saber, de pai para filha, as mudanças e inovações ocorridas no alambique no decorrer do tempo; no entanto, não mudou o produto final - a cachaça.

Esta definição remete à compreensão que as representações que se constrói são realidades das vivências e experiências do dia-a-dia, toda a ação caracteriza em conhecimentos específicos e complexos, às vezes, de pouca complexidade. Estes conhecimentos são adquiridos nas relações e “organizados em redes” (p.7), onde é entendida a forma interdisciplinar dos conteúdos com a realidade vivida. No entanto, nestas trocas de conhecimentos, por vezes podem trazer fatores negativos, segundo o relato do senhor “Tom Moenda”, a uma forma de produção do conhecimento, como é descrito:

*Toda essa mudança é muito melhor. Se não cuidar a gente mata ele (o fermento). Hoje tem que colocar a caloria certa e usar a tecnologia. Eu peguei com ele nos cálculos (previsão do tempo de fermentação)... era sem parâmetro nenhum... assim o meu avô fazia e aí não moía (não moía a cana e não fazia a cachaça com a técnica atual)... hoje, no meu entender, o fermento não pode ficar todo, tem de usar um pouco e não acabar com ele, põe um pouco de caldo de cana e usa a tecnologia. (Família Moenda – “Tom Moenda”).*

*“... história do uso da bateria... para usar a água da bateria velha como aditivo, como fermento (corrosivo) para fazer a cachaça...*

*isso é um absurdo. Prejudicial a saúde, a água de bateria queima na mesma hora... é sulfato (...) aqui a gente usa só fubá". (Família Moenda – "Tom Moenda").*

Observa-se, nessas falas, que o entrevistado "Tom Moenda", ao tratar das formas de se produzir a cachaça, relata que alguns produtores, no intuito de acelerar o processo de fermentação, acrescentam água de bateria à bebida. Essa realidade reporta a um conhecimento impróprio para o consumo humano, pois o próprio produtor reconhece que a água de bateria é corrosiva e prejudicial à saúde.

Kuenzer (2001), ao relatar sobre o conhecimento formal, entende a escola e o meio social como espaços das interpretações das competências, por meio dos conhecimentos das práticas sociais e produtivas dos indivíduos. A "escola" tem o papel no processo ensino-aprendizagem, para que haja as trocas cognitivas, afetivas e intelectuais em relação ao trabalho.

Para Arroyo (2001), há competência quando as ações estão inscritas em um legado de luta, uma herança cultural, de libertação e transformação ao escrever artigo sobre um projeto popular para o Brasil, reporta-se a Paulo Freire: 1) Paulo Freire não inventou um método; 2) Educação para Paulo Freire é uma conduta; 3) Paulo Freire não tinha uma visão conteudista de educação; 4) Educar é uma relação entre pessoas, sobretudo uma relação entre gerações; 5) Como captar as redes sociais em que estes saberes são construídos e reproduzidos; 6) Paulo Freire não foi professor isolado; 7) Compreender o caráter ritual de todo projeto educativo; 8) Não esquecer a diversidade dos sujeitos; e 9) Levar em conta a memória coletiva que se transmite por gerações. Objetiva, no entanto, uma competência construída na vivência, na realidade local.

Não obstante, o desenvolvimento rural está envolvido em todo esse processo histórico das transformações dos conhecimentos e dos fazeres, dentre elas o conhecimento dos atores envolvidos na pesquisa que se retratam como: (...) *meu tio-avô fabricava a cachaça aqui na vizinhança ("Vair Dorna"); (...) nós pegamos e fomos devagar, pois sem experiência ("Jo Tonel");* ou seja, reporta a um conhecimento tradicional na produção da cachaça, reconhecendo a importância do conhecimento gerado ao longo das gerações familiares "(...) *eu trabalho com isso*

*desde que me entendo por gente. Aprende sem sentir que está aprendendo... quando vê já sabe fazer... querendo fazer”. (“Tom Moenda”).*

*“... o fermento não pode ser todo usado... tem que usar um pouquinho e não acabar com ele. Põe um pouco de caldo de cana e a tecnologia. Eu trabalho com isso desde que me entendo por gente. Aprende sem sentir que está aprendendo quando vê já sabe fazer... querendo fazer”. (Família Moenda – “Tom Moenda”).*

*“O fermento tinha uma etapa só, era como meu avô fazia e moía um tanto de garapa e perdía, e hoje tem que tratar o fermento igual a um recém-nascido. Tem que usar aos pouquinhos, um pouquinho de caldo de cana... e um pouquinho de água.” (Família Moenda – “Berto Moenda”).*

As primeiras importantes observações nas duas falas ora descritas se referem às semelhanças observadas entre os comentários de pai e filho, sobre um mesmo assunto – a utilização do fermento na produção da cachaça – item de extrema importância no processo produtivo.

*Eu acho que o padrão veio... e o melhor disso tudo foi a higiene que a pessoa passou a ter, foi a conscientização. A pessoa não faz uma coisa porque não sabe não. Além de aumentar a produção, sua fermentação tem qualidade, faz você crescer (Família Dorna – “Vair Dorna”).*

*“... pra mim a cooperativa foi muito importante... digo, já foi. Tive custo, mas aprimorei muito. Sabia fazer cachaça como aprendi, mas hoje faço do jeito certo. A margem diminuiu muito, mas esperava com a Cooperativa ter mais lucro. Hoje eu saio para vender e hoje tenho gasto muito alto para vender só a minha. Antes da cooperativa, aprendi a fazer cachaça, tinha um resultado bom, mas tinha um rendimento baixo e fazia errado... fazia cachaça do jeito que aprendi. Hoje faço do jeito certo, mas a margem diminuiu muito. Tenho um gasto muito alto, por isso é preciso ter venda garantida... (Família Dorna – “Vair Dorna”).*

Observa-se nessa última fala (“Vair Dorna”), a referência à cooperativa, a qual terminou por não se concretizar. Apesar disso, o produtor teve de investir em melhorias de suas instalações. Além do mais, realizaram investimentos em aprendizagens: cursos em Viçosa (UFV), Juiz de Fora (UFJF) e pela EMATER – RP. Dessa forma, percebe-se em sua fala, apesar de alguma frustração em suas expectativas com relação à condição de higiene e ao processo produtivo

propriamente dito, a indicação de algumas vantagens nas modificações introduzidas. Outrossim, reclama da falta de apoio e das dificuldades do mercado.

Ao perceber a importância do conhecimento tradicional, ou seja, o saber apreendido do dia a dia com pai, irmão ou um ajudante do ofício, observei nas Famílias Moenda, Dorna, Tonel e Capelo alguns aspectos comuns, quando se expressam na importância do conhecimento e da formação formal; mas primam pela educação informal, como pela hierarquia do saber do proprietário, pelas experiências das trocas com os parceiros vizinhos, pelos aprendizados com as histórias familiares. Estas interligações são partes das redes sociais estabelecidas por meio das famílias, instituições, comércios, proporcionando um acúmulo de capital social.

Para o entendimento do capital social nesta percepção de redes sociais, faz-se importante o conceito desta categoria como descrita por Pierre Bourdieu (1998):

“O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns” (BOURDIEU, 1998, p.67).

Sendo assim, o conceito de Bourdieu demonstra a importância da participação dos indivíduos em grupos proporcionando benefícios e sociabilidade quando esses indivíduos possuem um propósito comum em construir seus objetivos e as redes de relações que ele pode mobilizar para adquirir: seja capital econômico, cultural ou simbólico.

Nos comentários relatados, remetem-se também às inovações nas transações comerciais, de produção e das relações implicadas em toda a cadeia do processo familiar de produção da cachaça. No entanto, vale resgatar o entendimento do desenvolvimento ocorrido no meio rural e suas perspectivas atuais para se fazer entender toda a perspectiva de construção do conhecimento, própria deste espaço rural e nesta forma de produção - a fabricação da cachaça.

### 3.2. Desenvolvimento Rural: novas perspectivas?

Por meio de uma visão histórica e econômica, pode-se considerar a Revolução Industrial, ocorrida no Século XVIII, como um marco, um verdadeiro “divisor de águas”. Anteriormente a esse período, as propriedades rurais tinham como atividade central, basicamente, a agricultura, mas de economia diversificada, por razões dos povoados serem esparsos e os transportes de bens de difícil acesso. Com as especializações mercantis, surgiram centros comerciais visando à minimização dos custos. Assim, surgiram as cidades e com elas a aglomeração e as empresas.

A economia rural passa então a especializar-se em atividades baseadas em recursos fixos (terra, floresta, água, etc.), que por sua natureza irão demandar menos recursos de força de trabalho, implicando posteriormente a redução da população rural e a especialização dos mercados locais (KAGEYAMA, 2004).

Esta tendência ocorreu em quase toda a Europa. O Brasil se diferenciou com as grandes produções de cana-de-açúcar, conseguindo, de certa forma, beneficiar seu produto agrícola e, por esse motivo, formar um aglomerado de pequenos estabelecimentos.

Segundo Kageyama (2004), o desenvolvimento rural brasileiro parte de diversos setores, abrangendo várias atividades, da agrícola a outras infraestruturas de serviços, que possibilita a oferta de empregos e assegura a renda econômica familiar da população do meio rural. Desta forma, transformam-se também os sujeitos envolvidos no processo de desenvolvimento. A fala do produtor da família Tonel articula-se com as afirmações de Kageyama, quando aquele se depara com as necessidades de fazeres desta família e seus irmãos:

*A família da minha avó também era muito grande, uns 13 irmãos e lá em casa 17 filhos. Rapadura a gente fazia aqui em cima no paiol, lá embaixo começou a fazer também, a gente usava a rapadura para fazer o café. A gente fez rapadura para vender também. Lá um carro e levava um monte. A gente fez rapadura por muito tempo, de amendoim, natural, fez muita rapadura. Trabalhei desde menino. Desde menino meu pai mexia com um engenhozinho de cana, a gente fazia 120 rapaduras. Depois mudou e chegou o motor parou de levantar de madrugada e fazia uns 300 rapaduras, uns tachos, aí chegou o motor e tinha muito mais facilidade (Família Tonel – “Jo Tonel”).*

Para Wanderley (2000), as transformações ocorridas atualmente no meio rural em relação ao meio urbano, tratam de uma categoria histórica, partindo de uma construção onde o camponês se caracteriza como um “agri-cultor” (grifo do autor), de um modo de vida peculiar para uma profissão específica. Segundo esse mesmo autor, o agricultor moderno, particularmente o agricultor familiar, predominante nos países ditos ‘avançados’, pelo fato mesmo de ser familiar, guarda laços profundos (p.89). No entanto, esse “novo” sujeito traz consigo laços de ordem social e simbólica.

No sentido de pensar a ruralidade como representação simbólica e compartilhada, Kageyama (2004) baseia-se nos autores Shucksmith e Chapman. Segundo esse mesmo autor, para se compreenderem a ruralidade se devem considerar as diferentes representações que são feitas dos conceitos da ruralidade e as várias consequências sobre o desenvolvimento rural.

Por meio da percepção de pertencimento, Carneiro *apud* Kageyama (2004), a noção de “localidade” tem múltiplas formas de representação social, com diversas atividades heterogêneas, podendo ser agrícolas ou não. Esta mesma autora rejeita a ideia das dicotomias que define rural e urbano. Coloca que o centro da definição da ruralidade não se restringe em termos de “oposição entre tipos de atividades ou de outras características econômicas, mesmo aquelas que incorporam a pluriatividade ou as atividades não-agrícolas” (p. 400).

Assim, a cidade, embora sendo composta de diferentes áreas ou ambientes construídos e diferentes classes sociais, com diferentes interesses, é uma totalidade, apresentando movimentos combinados, onde ordem e desordem estão dialeticamente relacionadas. No meio rural, deve-se perceber a noção de pertencimento ao meio rural, segundo Miller e Luloff (1981) *apud* Kageyama (2004), de três maneiras: a) na dimensão, cujo objetivo é a atividade agrícola e extrativista - ocupacional; b) o rural como uma área delimitada e com população de densidade pequena, distante do urbano – ecológica; e c) espaços rurais onde se encontram as maiores dificuldades e divergências teóricas e empíricas - dimensão sociocultural. “Neste sentido, caracteriza-se a tipologia cultural como “cultura rural-conservadora” e “cultura urbano-liberal”.”

Nesse sentido, faz-se presente a observação sobre a noção de rural como território. As discussões trazidas pelos autores Favareto (2007), em “Desenvolvimento rural e mudança institucional”; Abramovay (1992), em “O Capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural”; Wanderley (2000), em “A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas”; e Kageyama (2004), em “Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro”; têm o intuito de demonstrar a importância do conceito de territorialidade para um Desenvolvimento Rural Sustentável.

Em Favareto (2007), na “nova visão” de desenvolvimento rural, descreve que nos anos 90 do Século XX, foi dado outro enfoque territorial por meio de políticas como a criação da Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico (OCDE). É um organismo que influencia as definições das políticas sobre os países da periferia e semiperiferia do capitalismo mundial, cuja dinâmica se dá na legitimação recíproca entre os conhecimentos produzidos cientificamente, a definição de políticas nos países e governos locais, normatizando procedimentos pelos organismos internacionais.

Wanderley (2000) descreve os critérios adotados pela OCDE, onde demonstra as categorias, tais como: a população que vive nas regiões urbanizadas; os que têm a maior proporção de população essencialmente rural; os que concentram em regiões intermediárias e os países que possuem forte proporção em habitantes, tanto nas zonas rurais quanto nas zonas urbanas. Os critérios adotados servem, segundo a autora, para explicar que o espaço periurbano, o qual considera, é dito rural, diferencia-se dos subúrbios e das periferias das cidades.

Segundo essa mesma autora, “meio rural periurbano” é uma das diferenciações sociais dos espaços rurais: seria o espaço mais afetado em decorrência da cidade que o circunda. Este espaço é procurado pela população de origem urbana, com várias finalidades, dentre elas a busca de melhor qualidade de vida (local para moradia) ou áreas para práticas de lazer.

No que concerne ao aspecto demográfico, a população do município de Rio Pomba se encontra temporalmente distribuída conforme o Quadro 2 e a Figura 17:

| População |        |       |        |
|-----------|--------|-------|--------|
| Anos      | Urbana | Rural | Total  |
| 1970      | 8.122  | 6.466 | 14.588 |
| 1980      | 9.317  | 4.733 | 14.050 |
| 1991      | 11.136 | 3.748 | 14.884 |
| 2000      | 13.005 | 3.074 | 16.079 |
| 2010      | 14.454 | 2.656 | 17.110 |

QUADRO 2 - Dados Demográficos do Município Rio Pomba. Fonte: [www.censo2010.ibge.gov.br](http://www.censo2010.ibge.gov.br). Acesso em: 22 abr. 2012.

O Quadro 2 indica que a população urbana e rural do Município de Rio Pomba há quarenta anos se apresentava em uma proporção de equilíbrio entre esses dois espaços. No entanto, atualmente, a população urbana teve um aumento significativo, indicando desta forma, como é tratada nas teorias, a sinalização de concentração urbana. Para tanto, percebe-se a necessidade de outras formas de ocupação e dinâmicas dos espaços urbano/rural.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), no censo agropecuário do Município de Rio Pomba, indicam que a condição legal de produtor, como proprietário individual, totaliza quatrocentos e cinquenta (450) estabelecimentos rurais.

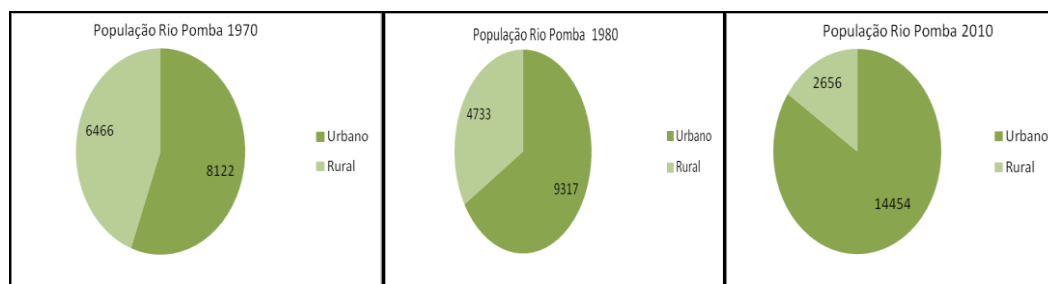


FIGURA 17 - População Urbana e Rural do Município Rio Pomba nos anos das década 1970, 1980 e 2010.

Partindo de uma visão econômica, Kaiser *apud* Wanderley (2000), refere-se a um sistema rural localizado, onde o território é concebido como um modo de vida da sociedade local, que tem sua história, uma dinâmica de rede social que integra o conjunto da sociedade na qual está inserida, gerando, assim, fonte de renda e emprego.

Desta forma, percebe-se o uso das novas tecnologias e as inovações que ocorreram no meio rural: maquinários, equipamentos, sementes geneticamente modificadas e uso dos defensivos e fertilizantes químicos foram alguns dos fatores que promoveram a diminuição do tempo que o agricultor utilizava em suas atividades agrícolas. Houve então, na agricultura contemporânea, a possibilidade do surgimento de um novo termo - a pluriatividade, na qual os agricultores passaram a combinar atividades e rendas familiares fora dos estabelecimentos rurais, às vezes em atividades agrícolas, às vezes não agrícolas. Em Rio Pomba ocorre nas famílias produtoras da cachaça a diversidade de atividades e o entendimento da necessidade de outras ações e conhecimentos no intuito de produzir melhorias no processo, como argumenta o produtor da família Dorna.

*“Acho que hoje a gente estava precisando um órgão que pudesse agrupar os fabricantes de cachaça. Colocar um produto na praça você tem que ter a capacidade de atender o cliente” (Família Dorna – Vair Dorna);*

### **3.3. Percepção da representação da cachaça como opção na pluriatividade rural**

No trabalho de Chequer (2004) - “Pluralidade no Circuito da Cachaça: Agroindústria e Turismo Rural entre os agricultores familiares na região metropolitana de Belo Horizonte/MG”, visualiza-se como se dá o entendimento para o estudo das identidades na Extensão Rural. A autora remete a análise socioeconômica do turismo e das famílias envolvidas no processo da produção da cachaça, identificadas pelas pluriatividade da produção agrícola e não agrícola nos arredores da cidade de Belo Horizonte. Nesta perspectiva, pode-se entender uma das análises acerca da identidade construída como:

(...) o turismo rural vem gerando novas ocupações, imagináveis em um passado recente para o meio rural, como cozinheiro (as), garçons e ajudantes de cozinha, pois no caso das propriedades Cana Verde e Jotapê, estas se tornam essenciais nos restaurantes familiares existentes nestas propriedades. Também pela atividade do turismo, as propriedades necessitam, eventualmente, de garçons, cozinheiros e seguranças, para viabilizarem a promoção de eventos, que têm por objetivo a divulgação de seus estabelecimentos como pontos turísticos (CHEQUER, 2004:56).

Desta forma, percebem-se nesta unidade familiar de produtores da cachaça, por meio do turismo, a construção de novas representações no rural, em uma perspectiva socioeconômica, com o intuito de estimular a geração de renda e promover o desenvolvimento local.

Em uma nova configuração rural se percebe uma possibilidade da pluralidade no contexto rural, nas atividades do turismo, diversificando identidades. A contribuição conceitual dos autores para o entendimento na Extensão Rural se dá na possibilidade da nova visão do Rural, não como um espaço do “atraso”, sem perspectiva, mas um espaço ativo e com possibilidade de trabalhos, e geração de renda para as famílias agricultoras e seus parceiros dos centros urbanos.

Dentre as famílias entrevistadas, pôde-se observar um espaço multifuncional das propriedades rurais da Família Moenda e da Família Capelo, onde diversificaram seus produtos e suas oportunidades comerciais. Como exemplo, pode-se ver na Família Moenda, proprietária de um restaurante no espaço urbano. Aproveitam o espaço para divulgar suas produções, sejam os doces produzidos na fazenda e, principalmente, como ponto de venda da cachaça fabricada na propriedade rural. O restaurante fica sob a responsabilidade da nora (“Mn”) do “MP”, onde são produzidas refeições e lanches:

*“Fico aqui o dia todo, aqui é vender, né? Eles deixam a parte (da cachaça) aqui. Eu moro lá, mas não participo não (da produção da cachaça). No início ajudava nos doces, fiquei um ano e meio sem trabalhar, trabalhava no meio da estrada, agora vendo aqui”.*  
(Família Moenda – “Dinha Moenda”).

Desta forma, verifica-se que a Família Moenda tem atividades agrícolas e não agrícolas, rurais e urbanas. Já a Família Capelo explora o espaço rural como um todo; ou seja, espaço para festas e um restaurante que funciona nos finais de semana; e ainda chalés para aluguéis esporádicos - toda a atividade é conduzida pela família.

Por meio da discussão urbano/rural, percebe-se que nos países ditos desenvolvidos, o espaço rural se caracteriza como multifuncional - o produtor vai além da produção agrícola e passa a desenvolver atividades que preservem o

meio ambiente, inserindo novas funções, tais como: o turismo rural e local de preferência de moradia (condomínios rurais), entre outras. No Brasil, já se observa essa tendência na acirrada luta pela terra. Hoje nos movimentos sociais e academias se discutem outras formas de modo de vida dos produtores e desenvolvimento do meio em que vivem.

O termo adotado para a agricultura em tempo parcial - *part-time farming*, surgiu nos Estados Unidos e na Europa nos anos 1930 e foi utilizado até os anos 1980, do Século XX: focava mais no agricultor. Já no fim da década de oitenta, tendo um enfoque acadêmico, o termo pluriatividade se concentra na família agricultora. Proporcionando outra percepção das Ciências Sociais sobre a família agrícola, em relação à visão política e institucional surgindo uma evolução das estruturas agrárias contemporânea.

Pouco tempo mais tarde, em meados dos anos 80, a utilização do termo pluriatividade, para identificar um fenômeno de natureza similar ao da agricultura a tempo parcial; não só refletia alterações na perspectiva dos debates sobre o desenvolvimento agrário e o papel da agricultura familiar, como evidenciava uma drástica mudança de atitude do mundo acadêmico e político com respeito a este tema (SILVA, 2004).

Sacco dos Anjos (2004) mostra que, no Brasil, as opiniões da academia sobre a agricultura em tempo parcial e pluriatividade têm duas grandes vertentes: de um lado, tratam a pluriatividade como fenômeno restrito a algumas regiões do país, reflexo de uma precariedade do mercado de trabalho e descentralização industrial como estratégia das empresas (montagem de facções em localidades rurais, por exemplo); por outro lado, há aqueles que vêem a pluriatividade como uma luz à agricultura familiar.

Estudos mostram que o processo de pluriatividade surge de formas diferentes nos países, acompanhando o nível de dinâmica das forças produtivas, reafirmando somente os aspectos comuns e constatando que o emprego rural não-agrícola cresce mais que o agrícola, nas áreas ditas rurais.

No entanto, Silva (2004) e Carneiro (1997), apontam para as importâncias de se observar as mudanças gerais ocorridas no meio rural e o sentido real da pluriatividade, tratado como fenômeno singular. A restrição de trabalho dos

produtores que se garantem na clandestinidade no sentido de garantia de sobrevivência, ou o equívoco de considerar somente a industrialização regional - os autores tratam como multiocupação, e não pluriatividade.

A pluriatividade, portanto, deve ser entendida como fenômeno que ultrapassa a versão estrita que unicamente lhe associa com a industrialização regional, reconhecendo o status dessas distintas formas associadas ao turismo, à indústria doméstica rural; ou mesmo, à prestação de serviços, sempre e quando o foco de análise esteja dirigido à forma familiar, de produção e das estratégias que os grupos domésticos adotam para garantir a reprodução mantendo de seus membros (SILVA, 2004:20).

Para Carneiro (1997), a importância da organização social e econômica de unidades familiares especializadas na agricultura, depende das formas de organização pluriativas baseadas na inclusão dos indivíduos no mercado de trabalho.

A conformação dessa nova organização familiar, que deixa de ser agrícola para ser uma unidade de reprodução pluriativa, leva-nos a falar de “famílias rurais” nas quais o significado que o recurso da atividade não agrícola vão receber dependerá da lógica de reprodução social dessas famílias, apontando para o fato de que a pluriatividade não é um fenômeno homogêneo (CARNEIRO, 1997:42).

Considera-se, desta forma, mesmo com o salário adquirido em outras atividades, essa nova organização familiar tende a permanecer em seus estabelecimentos rurais, vivendo nas áreas rurais.

Por meio da perspectiva do termo cachaça analisado na Extensão Rural, as teses apresentadas trouxeram fatores como: a importância da simbologia da marca Havana para geração de renda e o desenvolvimento local. A possibilidade da pluralidade no contexto rural, nas atividades do turismo e o estudo das identidades que se percebem nesta nova configuração do rural.

A contribuição conceitual dos autores para o entendimento na Extensão Rural se dá na possibilidade da nova visão do Rural, não como um espaço do “atraso”, sem perspectiva, mas um espaço ativo e com possibilidade de trabalhos, e geração de renda para as famílias agricultoras e seus parceiros dos centros urbanos.

Por meio da discussão e exposição descrita sobre o desenvolvimento rural que vem ocorrendo em nosso país, pode-se perceber que as propriedades e os atores rurais entrevistados passaram por processos de transformações no que tange ao aproveitamento de oportunidades e formas de se desenvolverem no contexto rural, em todos os aspectos: social, econômico e com suas considerações políticas.

Ao reportar às famílias envolvidas neste trabalho (“Moenda”, “Dorna”, “Tonel” e a “Capelo”), puderam-se observar em todas elas essa característica da pluriatividade. Vale ressaltar que a família Capelo não pertence ao Município de Rio Pomba, mas também é foco da rede que se formou e da observação em relação ao desenvolvimento local ocorrido. A seguir, serão discutidas algumas formas de atividades produtivas das famílias entrevistadas.

A Família “Moenda”, uma família que se considera tradicional em suas atividades, admite explorar novas oportunidades, considerando ainda, a falta de mão de obra:

*(...) daí ficou a família e isso aqui ficou abandonado (a propriedade de herança da avó materna). Na época da divisão, a gente ficou com a sede, na época da divisão de herança. Meu pai não produziu, não era dessa geração que produzia, meu pai era casado com a filha da minha avó, só pôde participar depois de algum tempo, com a divisão da herança. Aqui ficou abandonado e vimos aqui uma renda. Quem produzia aí foi os filhos dele e viu uma possibilidade de renda também. A gente era uma família de 17 irmãos e a gente plantava e foi diversificando horta, feijão, milho e foi vendo o que dava mais para sobreviver, ninguém queria sair daqui da zona rural e depois foi tendo problema de herança. (Família Dorna – “Vair Dorna”).*

*“Eu mudei prá cá e construí, há uns 30 anos. O meu marido adora cachaça! No começo dissemos vamos para um sítiozinho... meus filhos quem plantaram as árvores... fomos bolando o que ia fazer quando meu marido aposentasse a gente iria sobreviver daqui... Eu tirava leite, fazia queijo e vendia para os amigos. Tudo informal também! Minha filha tirava leite (...) Cachaça é bom, se você não vender não tem problema, “a gente toma” (falando do marido). (Família Capelo – “Lene Capelo”).*

Ao considerar a gama de sujeitos sociais, tais como: os agricultores, os funcionários institucionais, as instituições de ensino, e outros envolvidos na

discussão da extensão rural e seus papéis na espera de um desenvolvimento rural sustentável e, ou, sustentado, dependerá da elaboração de políticas públicas que fortaleça o rural. Assim, considera-se importante o entendimento do papel do extensionista como sujeito da ação interacionista.

Entretanto, a extensão rural, recentemente, mediante ao seu premeditado sucateamento, não possui a dinâmica exigida para atender à demanda de serviços e promover a necessária ligação pesquisador-produtor: haja vista o escritório regional do município de Rio Pomba – possui apenas uma secretária e um Técnico Agrícola, para atender todos os seiscentos e oitenta (680) produtores rurais do município e parte de outros dois (2) que também estão sob sua área de atuação.

*A extensão é uma forma muito difícil de trabalhar, né? Até pelo público que é grande, eu acho que a gente trabalhar em maior continuidade é Dia de campo, reunião, acho que é o dia-a-dia, é informação técnica especializada e de qualidade. A gente procura o IFET, empresa privadas. A gente procura parceiros, a gente trabalha desta forma... (IE2).*

*Fazer projetos não é difícil, difícil é ter que atender sozinho todos os produtores. Lá no escritório era só eu e uma secretária, tinha que fazer cadastro dos produtores, visitas, e ainda conseguir recursos, não é mole não... Estado se não tiver a mão do extensionismo, do extensionista dar a mão para o agricultor. É mais que um sacerdócio... Às vezes você tem que tirar leite de pedra ! (IE2).*

### **3.4. O Papel do Extensionista Rural**

“... entendemos que a ação extensionista é caracterizada pela complexidade da condição humana dos dois ou mais sujeitos sociais que se encontram para juntos realizarem determinadas atividades” (DIAS, 2012, p.2).

O professor Dias (2012) pondera que uma das características importantes na ação extensionista se entende nos processos interacionistas que se estabelecem nas concepções e práticas entre os atores envolvidos na interação – o extensionista, com suas práticas institucionalizadas; e o agricultor, com seu modo de vida. No entanto, sinaliza para os conflitos que se estabelecem e a importância de se considerar as especificidades existentes em cada relação.

Desta forma, o estímulo aos produtores da cachaça se dará a partir da possibilidade da visualização prática do uso adequado das leis e das redes implicadas na produção e na comercialização, atentando para o fato das forças das associações e pela forma do extensionismo junto aos produtores.

De acordo com Vilela (2003), nos campos de demonstração são empregadas várias práticas agropecuárias originadas da pesquisa, podendo tornar-se pontos irradiadores de conhecimentos tecnológicos. Ao mesmo tempo em que levam aos produtores a adoção das práticas recomendadas, orientam os técnicos com referência ao seu desempenho. Entretanto, nessa fase, o método não pode ser confundido com “canteiros experimentais”, pois já não há espaço para dúvidas sobre a validade dos resultados obtidos nas fases de pesquisa.

*Aqui não plantavam semente. Esse foi trabalho da EMATER, não só meu, porque tive 27 anos só como funcionário. A pessoa comprava arroz, frango, cachaça, agora melhorou muito. Você precisava ver para entender como mudou!... (IE2).*

*Aqui no município 100% dos agricultores plantam semente híbrida, isso é trabalho da EMATER. Saía para comprar até banana... ia no mercadinho e comprava goiaba, agora não, fizemos um trabalho bom com os produtores. (IE2).*

*Não só a cachaça, mas é como o caso do leite. No caso da silagem é diferente, outro aditivo que compra no mercado. Hoje com essas inovações o agricultor pode abrir o silo, tô dizendo o caso do milho, por exemplo... enquanto produzia 3 mil quilos de grão ela já teve aqui comprovadamente esses 3 mil. Hoje vários produtores produziram 12 mil quilos. Eu tinha tudo catalogado, depois peguei birra e fui lá na EMATER e rasguei tudo! Essa média de produção era alta (IE2).*

Para Vilela (2003), é preciso reestruturar a assistência técnica no Brasil buscando evitar que estratégias hegemônicas sejam praticadas por grandes corporações que exploram o setor agrícola, mas não levam novas opções ao produtor. Segundo este mesmo autor, isso explica fatos atuais, como diversas culturas que utilizam uma carga excessiva de agrotóxicos por falta de informação aos produtores.

Em pesquisas realizadas, observa-se que são várias as razões pelas quais os produtores não adotam tecnologias (BRESSAN, 2008): a) a tecnologia resulta de um problema mal definido pela pesquisa; b) a prática dos produtores é igual, ou

melhor, que a sugerida pelos pesquisadores; c) a tecnologia difundida nem sempre funciona para as condições dos produtores aos quais ela é dirigida; d) o despreparo e desconhecimento sobre o material a ser divulgado; e) a difusão é mal feita; f) a tecnologia difundida exige muitos investimentos; g) a tecnologia, para ser adotada, depende de “fatores sociais”; e h) a aversão a risco.

No entanto, a realidade das falas dos produtores da cachaça da presente pesquisa, reporta:

*“... o funcionário antigo da EMATER (referindo-se ao E2) fez um curso e acompanhou a gente aqui... e a gente ia fazendo um estágio com ele. Peguei a apostila com ele... a gente já fazia sem saber de nada... eu passei a fazer de acordo... a gente não tinha parâmetro” (Família Moenda – “Berto Moenda”).*

Este produtor, considerado uns dos mais tradicionais do município, comenta que o antigo funcionário da EMATER estava sempre presente demonstrando e difundindo as novas tecnologias que surgiam, e dentre essas tecnologias está a produção do fermento.

Contudo, nem sempre tem se dado desta forma. Em uma pesquisa com técnicos que trabalharam em parceria em um projeto de difusão tecnológica (EMATER/EMBRAPA), estes não foram enfáticos nas suas respostas com relação aos resultados da parceria, e também, da sua eficiência. Percebem-se nas instituições em que houve participação de mais de um técnico, ocorreu divergência de percepção entre eles, o que demonstrou que não tiveram qualquer preocupação em constatar se houve ou não adoção da tecnologia pelos produtores (CAPORAL e COSTABEBER, 2000).

De fato, faz-se necessário um processo pelo qual o indivíduo passe de um primeiro contato com uma novidade até a decisão final por seu uso completo e contínuo. Bressan (2008) observa que difundir não se limita apenas a comunicar ou promover determinado produto, serviço ou tecnologia. O objetivo maior é promover mudanças nas práticas adotadas pelo público atingido, tendo como consequência, por exemplo, a alteração do sistema de produção utilizado e o padrão de consumo.

Tive o cuidado de ouvir dois técnicos da EMATER envolvidos com os produtores da cachaça. O funcionário “antigo”, como relatam os proprietários,

esteve mais envolvido e partilhou mais do processo de fabricação da cachaça, como se pode observar na fala de IE2:

*“Trabalhei na EMATER trinta e quatro anos... sendo que vinte aqui em Rio Pomba (...) “exatamente quando você começa com esse compromisso todo com essa dedicação que a gente sempre procurou adequar e principalmente a esse produtor aí (...) eles passaram de 5 dias para uma semana no caso da fabricação do fermento” (IE2).*

No entanto, quando questionado em relação a sua experiência pessoal, junto à Instituição:

*Francamente é o seguinte: isso serve para qualquer pessoa? Para qualquer pessoa não serve não. Eu acho que um funcionário da EMATER, aqueles que não adotam esse sistema que eu procurei adotar, eles não ficam na EMATER. A EMATER está sempre excluindo a gente, pois eles levam a exclusão da sociedade através da EMATER. Em qualquer circunstância a pessoa tem que ser homem com H maiúsculo, não ficar fazendo questão de minutinhos. Eu acredito na honestidade, no compromisso não só com a empresa, mas compromisso com o ser humano, principalmente com a agricultura familiar, aquele que é esquecido pelo Estado se não tiver a mão do extensionismo, do extensionista, dar a mão para o agricultor é mais que um sacerdócio. Às vezes você tem que tirar leite de pedra, ou melhor, vender livro para quem não sabe ler, em certas circunstância, igual a professora primária que ensina, com paciência e dedicação... e esse é o cara... é o caso da EMATER... (IE2).*

O relato foi publicado na íntegra, por trazer um momento da entrevista em que o entrevistado ficou visivelmente emocionado por trazer falas que reforçam as angústias de um extensionista junto aos agricultores e produtores rurais, em função de responsabilidade com o seu fazer e demonstrar o seu saber-fazer.

O atual funcionário (IE1) está iniciando seus trabalhos no escritório EMATER/RP, preparando-se para as novas inserções junto aos produtores da atividade de produção da cachaça.

Segundo Dias (2012), em texto “Condicionantes da ação extensionista como Processo de interação”, com objetivo de se fazer refletir sobre o papel do extensionista nos cursos de pós-graduação e na Extensão Rural, define extensão rural como uma interação, um encontro, uma ação recíproca, com “interesses”

recíprocos das partes dos agricultores e dos extensionistas. Define a ação extensionista como:

... uma atividade essencialmente humana, portanto, imersa em complexas redes de inter-relações que lhe possibilita e condiciona. O contexto de sua complexidade é condição essencial para a compreensão dos significados que esta ação pode assumir. Entendemos também que esta jamais pode ser simplificada ou reduzida a uma atividade meramente técnica, na qual um profissional cumpriria suas intenções e alcançaria resultados de maneira objetiva, desde que dispusesse de recursos e colaboração para tal (DIAS, 2012).

Neste sentido, o autor supracitado reporta que a ação extensionista adquire vários significados e sentidos nas interações existentes entre o agricultor e o extensionista, que irão direcionar as formas do “fazer extensão” (expressão do autor, p.16). Cita que o significado e o sentido da interação entre os dois sujeitos acontecem por meio das influências de redes e compõem diversos os estudos e compreensão da ação extensionista. Dentre as ações estão “a necessidade de elaboração de estudos específicos para compreender caso a caso, a expressão real da influência destes fatores e elementos” (p.16).

Assim, pode-se fazer uma reflexão quanto ao contexto em que ocorre a ação extensionista; o trabalho nas organizações de extensão rural; missões e os objetivos das organizações de extensão rural; o Estado e as políticas públicas de desenvolvimento rural; e a trajetória histórica da extensão rural - preocupações e reflexões exemplarmente expostas pelo autor em seu texto citado acima.

*Por exemplo, aqui em Rio Pomba quando iam fazer cachaça, pode ir perguntando aí, eles levam 60 a 90 dias para fabricar o fermento para fazer a cachaça, tem uns que são muito gratos (...) a gente sempre procurou adequar e principalmente a esse produtor aí, a gente passou para 5 dias, uma semana em média, no final a gente até comia um pernil com cachaça. Te digo que foi um ganho para essas pessoas enorme (IE2).*

*Entre em março de 2011. Já tem cadastrado 623 produtores e até agora de comercialização que temos trabalhado. É apertado para atender a todos os produtores. A demanda é para tudo, tem que falar de formiga a avião (IE1).*

Desta forma, compreende-se que os dois funcionários da EMATER entrevistados, estão em tempos de inserção junto aos produtores da cachaça de forma diferentes; e com tempos e experiências diferentes. No entanto, os dois relatam a importância de se estar *com* e não estar *para*; ou seja, as interações têm de ser de construção para que o crescimento seja em conjunto; e entendendo cada particularidade local e individual das famílias produtores envolvidas na produção da cachaça – ou seja, trata-se de um processo de construção participativa.

Neste sentido, nas profissões agrárias, segundo Coelho (2005), pretende-se usar a expressão das *orientações técnicas*: “O primado da função técnica nas profissões agrárias é o que as credencia como agentes importantes em contextos de mudança social no campo”; sendo assim, entende que há uma mudança nas habilidades manuais e mentais, nos valores, utilizando os processos participativos. Contudo, percebe-se que os usos de tais processos participativos sistemáticos, fazem surgir tensões da orientação técnica dadas nos sistemas de produção, nas formas do uso do solo, nas condições ambientais e nas relações sociais de trabalho e produção.

Entende-se a necessidade de outras formas metodológicas, “um novo *habitus* profissional”. Dentre os novos olhares do profissional, devem-se considerar os fatores ambientais e os compromissos éticos; ou seja, “apresenta-se como capaz de conhecimento, e não apenas como reproduzidor de um conhecimento que o aliena dos fundamentos e interesses reais envolvidos em suas orientações” (Coelho, 2005).

*A gente faz uma visita na propriedade e faz um laudo para entrar na CEASA. O laudo é de entrada na CEASA. Aqui na região não é focado na cachaça, mas aqui na Zona da Mata a gente não trabalha só com cachaça, a gente trabalha de acordo com a demanda, com a viabilidade, com a normativa junto com o IMA. Tem que dar uma brecha para adequação dos produtores. Aqui é o leite, aqui temos cinco ou seis, produtores artesanal de cachaça em Rio Pomba e divisa. (IE1)*

*As exigências hoje estão na lei, só não para cachaça, mas caíram bastante. O colegiado é quem vai decidir se a cachaça vai ser certificada ou não. O IMA está descentralizando. Está descentralizando para liberar mediante ao conselho. A regional de*

*Juiz de Fora atende Bicas, Itamarati de Minas, Viçosa, São João e outras. Aqui não tem ninguém que representa Rio Pomba no colegiado. O técnico da EMATER (IE1) é que é o responsável por todo cadastro... vai para EMATER. Depois tem que fazer um perfil da cachaça... A EMATER fica responsável pelo cadastramento e depois de uma quantidade X de cadastro é passada para o IMA. A questão da abordagem inicial a EMATER é quem é responsável pela capacitação. O IMA vai formar a certificação. (II).*

Para Coelho (2005), a construção de um saber partilhado, necessita de um arcabouço sociológico e antropológico que o sustente. Os conhecimentos adquiridos por meio destes estudos proporcionam entendimentos quanto a, o (s): relações sociais de produção, disputas de poder, formas de interação social, identidades, conflitos e contradições, fatores de coesão e de distensão social de normas e dinâmicas cotidianas que marcam as construções nos espaços socialmente determinados e constituídos.

Essa mesma autora comenta que os conhecimentos essenciais aos indivíduos sociais é direito de todos, mas em nossa sociedade existem diferenças de saberes que são mais reconhecidos, sendo mais aceitos pelo grupo social e, desta forma, sendo mais “qualificados” (grifo meu), como o pensamento científico produzidos por instituições de pesquisas, por exemplo. No entanto, desmitifica essa proposição quando comenta:

A explicação científica é, antes de qualquer coisa, uma construção socialmente referendada, embora isso não signifique que tudo que é referendado dessa forma seja uma verdade absoluta. Outras condições sociais e outros fundamentos podem referendar outras verdades. Para perceber ou se dar conta do surgimento dessas outras condições de possibilidade para uma nova explicação, é necessário desenvolver certa flexibilidade crítica sobre os motivos, os fundamentos e as consequências das novas propostas. (COELHO, 2005).

Nesse sentido, a autora reporta que por ser o conhecimento-científico mais complexo em seu modo de atuar, não significa ser necessariamente o ideal, ou mesmo uma verdade absoluta. Tanto os cientistas quanto as pessoas em seu dia-a-dia podem construir perguntas. As pessoas têm a tradição para facilitar suas funções, mas os cientistas não podem se basear apenas nas tradições, posto que têm compromissos com a inovação. Mas esse novo conhecimento, a técnica, será uma forma de criação ou dominação?

Conceber a técnica como o sentido de valores e princípios morais, as que surgem do conhecimento das interrelações sociais, apresenta um sentido positivo, de *habitus*, como na concepção “algo estruturado e estruturante do fazer social, nas relações do homem com o mundo e com outros homens” (Coelho *apud* Bourdieu, 1989).

*“Não faço cachaça, eu faço o que sei fazer, se não concentrar não faço nada, tenho medo de ter problemas, tenho que ser profissional no que estou fazendo”. (Família Dorna – “Vair Dorna”).*

Os valores e técnicas podem ser percebidos na fala dos funcionários da EMATER e do IMA de Rio Pomba entrevistados quando relatam:

*Eu já trabalhava aqui em Rio Pomba... vi a necessidade de melhorar a produção e ajudar no fermento que influencia toda a produção... e para chegar na comercialização... e sempre chegando nas pessoas que necessitam” (IE2).*

*O que eu acho que cachaça é bem remunerada, até a ruim é, mas a daqui a gente sabe que é boa, mas é muito difícil para o produtor registrar, né? No outro município o cara queria registrar, mas a fiscalização chegou e teve que parar. O entrave está na burocracia (IE1).*

*Nós somos os certificadores. Nosso serviço de extensão, que vem até nós, para que possa levar a legislação, o contato com a modernização, essa coisa fica com a prefeitura, com a EMATER... (II).*

Desta forma, fez necessário perceber como se dão os conhecimentos formados pelos produtores da cachaça em relação às tecnologias, à economia e aos valores que determinam as relações entre os atores envolvidos no processo da elaboração da cachaça. Esses conhecimentos por vezes são compartilhados com os Extensionistas, que na opinião dos produtores da cachaça é importante para todo o processo de fabricação e de novas possibilidades de capacitação destes alambiqueiros, como descrito nas falas seguintes:

*(...) tem um acompanhamento muito rígido disto aí, quem acompanhou foi o funcionário da EMATER, e é um processo muito rígido, foi o técnico da EMATER, agora mudou o técnico (Extensionista) e não fazem mais. Quando tá bom, da dorna vai para o alambique e para fornalha a cachaça da cabeça tem o grau que não sei falar o certo que passa a ser*

*cachaça boa. Já quando o alambique já está bem quente, solta a água para cair no capelo... lá de casa já passou por várias reformas o alambique. (Família Moenda, Mila Moenda).*

*Conduzir o vinhoto para dar para o gado, a Extensionista da EMATER indicou, se não põe química pode dar para o gado. MN diz: "o gado gosta demais do vinhoto, que vem correndo quando tinha vinhoto disponível é muito rico". (Família Moenda, Mila Moenda).*

### 3.5. Alambiqueiros Mineiros

O diagnóstico apresentado pelo *Serviço de apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais – SEBRAE (2011)*, em parceria com a Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais apontou as potencialidades agrícolas dos estabelecimentos rurais dos produtores de cachaça de Minas, propondo alternativas estruturais, tecnológicas e de gestão das propriedades, considerando as mesorregiões mineiras (Figura 18).



FIGURA 18 – Mesorregiões do Estado de Minas Gerais. Fonte: [www.brasilchannel.com.br](http://www.brasilchannel.com.br), 2001.

Por meio deste estudo, pode-se perceber a viabilidade econômica na produção da cachaça. Nos aspectos apresentados estão: atividades agropecuárias associadas à produção de cachaça e composição da renda dos estabelecimentos; atividade turística relacionada à produção da cachaça;

propriedade do alambique; mão de obra utilizada pelos alambiques mineiros; uso de ferramentas gerenciais; e exportação. No entanto, nos ateremos à atividade tradicional e à capacitação do proprietário do alambique.

Os estabelecimentos produtores de cachaça de Minas Gerais, 37% foram herdados pelos filhos, cujos conhecimentos vêm sendo transmitidos de geração a geração. Os alambiques que começaram a produzir a cachaça há menos de 5 anos, totalizando 42,6 % dos estabelecimentos, apontam que um dos fatores são o bom momento de mercado, o reconhecimento social e o aumento do consumo. Entretanto, apenas 4,8% dos alambiques produzem a bebida a mais de 40 anos.

A cachaça faz parte dos produtos mineiros tradicionais, já está no reconhecimento social como o pão de queijo, o tutu, o torresmo e outros valores de Minas. Entretanto, é sabido que para se manter no mercado, tem-se de estar atento aos novos conhecimentos, adotar novas tecnologias, conhecer o mercado, entre outros, sendo necessário e fundamental o apoio das Instituições públicas de pesquisa e extensão, para participar dos processos de inovação e capacitação.

Com o surgimento de novos estabelecimentos, a valorização no mercado e a entrada de novos empresários no negócio da cachaça, percebem-se a necessidade de investimentos em novas estruturas, novos modos de produção e comercialização, cursos de capacitação visando à atualização dos conhecimentos, devido às demandas pela competitividade e qualidade que o produto exige. Desta forma, o Estado apoia o produtor por intermédio do Programa Mineiro de Incentivo à Produção de Cachaça - Pró-cachaça, que tem como objetivo a capacitação dos produtores para que haja o fortalecimento do setor da cachaça de alambique. Apoia a formação de cooperativas no intuito do aumento da produção e renda e está vinculada à Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – SEAPA.

Os produtores de cachaça, segundo apresentado no diagnóstico realizado pelo SEBRAE, sejam certificados ou não, estão à procura de capacitação por considerarem importante a informação e apoio na qualificação dos produtores pela EMATER, a CETEC, IMA, BDMG e universidades mineiras com projetos de pesquisas. Dentre as análises dos dados apresentados pela SEBRAE estão:

As fontes de informações sobre novos conhecimentos relativos à atividade são as mais variadas. Os vizinhos, contudo, representam

a principal fonte de informação para os entrevistados: 29,9%. Relativamente, a importância dos vizinhos como fonte de informações para a atividade de produção de cachaça é maior nos estabelecimentos da faixa B (32,6%) e menor nos da faixa C (25,4%). Também é interessante notar que, em todas as faixas produtivas, os estabelecimentos sem registro recorrem mais a vizinhos que os registrados, provavelmente por terem menor acesso às fontes mais especializadas de informação. De fato nota-se, em todas as faixas e no grupo total de alambiques, que a participação dos não registrados em cursos /treinamentos é bem inferior que a dos estabelecimentos registrados. Dos estabelecimentos pesquisados, 37,8% afirmaram não terem realizado consultas a nenhuma fonte, nos doze meses que antecederam a pesquisa. Com relação à assistência técnica aos estabelecimentos pesquisados, nos doze meses que antecederam a pesquisa, a EMATER aparece mais uma vez como a principal prestadora deste serviço. A mesma foi responsável por 62,9% da assistência técnica prestada aos alambiques no período considerado, seguida de empresas particulares (19,4%), Universidade Federal de Lavras (4,8%) e Universidade Federal de Viçosa (3,2%). Com relação ao grau de escolaridade dos proprietários de alambiques no estado, nota-se maior concentração na faixa de formação compreendida entre o curso primário incompleto e o ginásial incompleto: 56,6% do grupo total de estabelecimentos pesquisados, 63,5% na faixa A, e 56,3% na faixa B. Na faixa C, contudo, a maior frequência de entrevistados se situa na faixa de formação igual ou superior ao colegial completo (SEBRAE, 2011).

### **3.6. Os saberes das famílias produtoras de cachaça de Rio Pomba**

*“Antes a gente fazia sem técnica, né? O produto era excepcional, só que tinha muito prejuízo na produção. Todo o tipo para colocar na fábrica, para moer a cana. O jeito que a gente moía a cana no engenho ia prá fermentação e não extraía o tanto certo. Tinha todo o custo para colocar na fábrica e a gente ficava com o “brix” que vinha do campo, aí não conseguia hominizar (homogeneizar) a produção”. (Família Moenda – Berto Moenda).*

*(...) é difícil um ano que não saio para fazer um curso, às vezes em Juiz de Fora, em Viçosa, no sindicato rural daqui, aonde tem na sua área vai procurar uma informação dentro da sua área que ainda não assimilou bem. (Família Dorna – Vair Dorna).*

O município de Rio Pomba tem como principais atividades rurais a, o (s): bovinocultura de leite e corte, suinocultura comercial, avicultura de corte, olericultura, fruticultura tropical, milho, feijão e cana-de-açúcar: a principal matéria-prima na fabricação da cachaça. Nessa atividade, está envolvido um número de estabelecimentos/lavouras temporárias estimado em cento e trinta e sete unidades

(137), com uma produção estimada de 2.315 toneladas no ano de 2010. Desta forma, percebe-se uma diversidade e oportunidades de geração de renda nas propriedades agrícolas, mas, com nítida convivência entre o tradicional e o informal, como se observou nos produtores de cachaça do município de Rio Pomba entrevistados (Figuras 19 e 20).



FIGURAS 19 e 20 - Tradição e informalidade.

Observando-se os dados da pesquisa realizada por Campos (2010) no município de Rio Pomba com um grupo de vinte (20) produtores rurais, quando perguntados se conheciam os órgãos de Assistência Técnica que prestam serviços ao referido município, poucos responderam que sim. Foi perguntado, também, se a propriedade recebia assistência técnica e se a mesma é programada - ou seja, se há um calendário; e se as propriedades recebiam assistência técnica para assuntos específicos, como a formação, recuperação e manutenção das pastagens. Como resultado, 100% dos produtores responderam que conhecem o Extensionista responsável da EMATER-MG/Rio Pomba. Destes, 90% recebem assistência técnica gratuita e ocasional somente pela EMATER-MG do município; enquanto os 10% restantes recebem assistência gratuita e ocasional deste mesmo órgão e também da Prefeitura Municipal de Rio Pomba – MG, com um programa gratuito relacionado à inseminação artificial de bovinos. Contudo, embora os produtores rurais recebam assistência técnica ocasional, esta ainda é considerada deficiente.

Segundo essa mesma autora, produtores relataram que quando precisam de orientação técnica para sanar alguma dúvida comparecem a EMATER-MG/RP. Pode ser observada a insatisfação de um produtor rural quanto ao programa de assistência técnica do município. Percebe-se, ainda, que a capacitação dos produtores e o acompanhamento da assistência técnica são fatores primordiais para que haja o uso sustentável das pastagens. Entretanto, essa condição não vem sendo alcançada ou devidamente promovida: 100% dos produtores rurais visitados apresentam sérios problemas de degradação em suas pastagens e desconhecem procedimentos de recuperação. Há de se considerar que o referido município tem apenas um (1) Técnico Agrícola para dar Assistência Técnica a mais de quatrocentas (400) propriedades rurais.

*“... farelo de arroz a gente usa e meu pai faz sozinho. Mede o grau brix da cana. Ele tem um acompanhamento muito rígido disto aí, quem acompanhou foi o funcionário da EMATER e é um processo muito rígido e quem ensinou foi o técnico da EMATER, agora mudou o técnico e não fazem mais”. (Família Moenda – Mila Moenda).*

Recentemente, foi realizada uma pesquisa e apresentada no IV Simpósio de Ciência e Tecnologia, organizado pelo Instituto Federal de Rio Pomba: “Perfil produtivo, Gerenciamento e Aspectos Sócio Culturais na Agricultura no Município de Rio Pomba”. Tinha o intuito de apresentar questões que afetam direta e indiretamente a vida desses agricultores no meio rural; perceber como esses produtores conseguem recursos e insumos para investir nas atividades da propriedade; como são realizadas suas atividades; entre outros. Nesse evento, foram apresentados e discutidos os resultados oriundos dos trinta e nove (39) produtores entrevistados de forma a chegar ao perfil dos produtores rurais, sujeitos da pesquisa.

É importante destacar que do universo pesquisado, dois produtores atuam tanto na pecuária leiteira, na agricultura de olericulturas e fruticultura, como também na produção da cachaça. Entretanto, 75% têm como principal atividade a pecuária leiteira. Desse universo de 39 produtores entrevistados, apenas 3% nunca frequentou escola; 38% possuem ensino médio completo; e apenas 3% possuem curso superior.

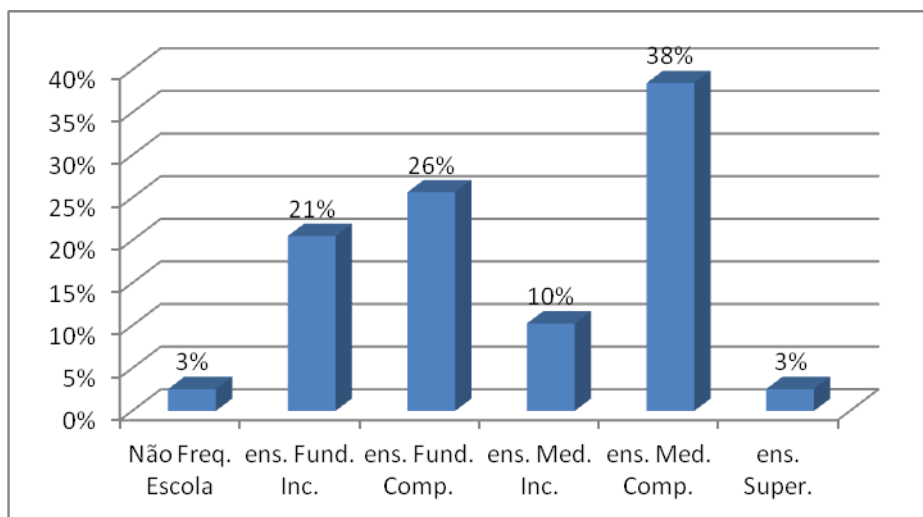


FIGURA 21 - Grau de escolaridade dos produtores entrevistados. Fonte: PINTO, 2011

Percebe-se na Figura 21, dos produtores que frequentaram as séries iniciais das escolas de ensino formal até aos que completaram o ensino médio, tem-se um total de 94%, demonstrando a importância dada ao conhecimento formal para sua formação.

### 3.7. Considerações

Ao considerar as transformações ocorridas, desde a industrialização, nos processos tecnológicos e de produção, seja nos centros urbanos e as novas formas de ruralidades, os saberes e ofícios necessariamente foram se integrando nas novas formas de se relacionar, sujeito/sujeito ou sujeito/objeto. Neste sentido, os conhecimentos antes ditos tradicionais foram se inovando e se adaptando as lógicas de mercado e suas exigências.

No entanto, hoje se concebe novas formas de interligações, sejam comercial ou social e entendem que essas integrações se processam os conhecimentos, as novas formas de atuar, novas formas de desenvolvimento local, e novas formas de construção de saberes.

Na formação das competências, busca-se um sujeito em sintonia com a busca de se qualificar, aprender e ensinar novas habilidades técnicas: seja laboral, ou intelectual existente nas concepções de trabalhos e ações sociais. Entendendo que o conhecimento é uma construção compartilhada com o outro e que se dá nas

relações diárias sejam esses aprendizados com menos ou mais complexidade; ou seja, adquira-se nas redes sociais estabelecidas no cotidiano vivido.

Para tanto, em alguma construção há a necessidade de profissionais que se identificam com os fazeres e são profissionais que se preparam para se entender e compartilhar os processos construtivos e inovadores das fabricações e dos saberes. Tendo a sabedoria que o que importa em uma construção do conhecimento é a relação de aprender a aprender é uma constante humana, esse papel seria a do Extensionista Rural, sujeito importante para a intervenção junto aos produtores rurais para um desenvolvimento rural.

O desenvolvimento rural e suas novas concepções possibilitam outras formas de conhecimentos e ofícios. Com os exemplos de pluriatividade rural, se entende novas formas de se preparar para o novo desafio rural contemporâneo.

Os produtores de cachaça de Rio Pomba estão inseridos nos alambiqueiros mineiros e seus progressos de produções. Especificamente, as famílias produtoras da cachaça do município ainda se encontram em processos de produção arcaicos em comparação com os outros já certificados. No entanto, sabe-se que outros fatores os levam a manter suas formas de produzir. O que se está observando na pesquisa realizada e em suas falas uma dificuldade de se trabalharem em parceria com as outras famílias produtoras da cachaça. Sutilmente, demonstram-se “arredios” a alguns conhecimentos, bem como, a importância da associação ou cooperativismo.

## CAPÍTULO 4

### **Análise das Controvérsias na Produção da Cachaça em Rio Pomba**

*Eu não tinha prejuízo porque na época a mão de obra era mais barata e tinha os irmãos. Para quem não tinha renda nenhuma o que tinha já era nota dez. Agora que produzo sozinho, tem seis anos, está melhor no mercado e é bem satisfatório. Os funcionários diminuíram...” (Família Dorna – Vair Moenda).*

*... se tá aqui é porque gosta, mas é engessado, não tem acesso, tem pouco estudo, o que tem mais estudo tem mais capacidade... tem medo de perder a propriedade” (Família Dorna – Vair Dorna).*

*A opção seria fazer a análise na entrega da cachaça e cada um receberia pela acidez da cachaça. Considerando que cada cachaça seria diferente da outra, gerou desconfiança. A Lene Capelo tinha a cachaça dela registrada, agora com a Lei Seca, ela não está vendendo cachaça... até pensei em terceirizar com ela, isso topo fazer com qualquer um, sem ter a engarrafadora aqui (Família Moenda – Tom Moenda).*

A análise das controvérsias neste trabalho se pautou no entendimento das semelhanças, diferenças e especificidades entre as teorias que tratam do tema e normas de legalização ou certificação, de um lado, e os modelos de produção da cachaça e as realidades das famílias produtoras de cachaça de Rio Pomba, de outro. Desta forma, sendo a cachaça um produto rural e com história de produção tradicional, é recorrente nas falas das famílias produtoras relacioná-la às questões como renda, mercado, conhecimento e confiança. Por intermédio dessas categorias observei as diferenças e as semelhanças existentes entre as famílias produtoras rurais; e com elas, as controvérsias que surgem no ciclo da produção, e nas redes sociais e na formalidade/informalidade existentes nestes contextos.

Nas falas acima transcritas, pude observar as ambiguidades existentes no que se referem à renda da Família Dorna quando essa era constituída pelos irmãos, e em sua situação atual, de proprietário produtor da cachaça em que a

produção é mais tecnicizada. No entanto, não consegue mão de obra especializada para tal função – a de conhecedor do ciclo da produção da cachaça – também, o mesmo proprietário diz estar inseguro quanto ao futuro da atividade, expressando-se com a falta de qualificação ofertada para essa atividade e o receio de não mais conseguir manter a sua família e a fazenda com a renda auferida.

Assim, os subtítulos que se seguem se deu na compreensão do tema reportado nas teorias e nas argumentações apresentadas pelos entrevistados, em relação ao ciclo produtivo da cachaça, distribuição, comercialização, certificação, influência do Estado e na representação social nesta atividade - a das famílias produtoras da cachaça do município de Rio Pomba.

#### **4.1. Produtores: Sucesso versus Obstáculos**

*Não participo de feiras da cachaça porque é uma questão de lógica. Eu vim do princípio que é o seguinte: eu não tenho renda de outro lugar e para eu participar teria de fazer um investimento muito alto. Não tenho renda para participar de feira, pois ela (a cachaça) é o seguinte, tem que tratar da minha família e crescer. Então ela cresce aos poucos (e para participar da feira) teria de fazer um investimento muito forte para participar. Tenho um gasto muito grande e não adianta. Você sair para o mercado e não atender o mercado não tem jeito. Tem que ser aos poucos. O certo seria uma cooperativa, mas não tem jeito. Não tenho renda para isso, ela cresce aos poucos. Para participar da feira não adianta você sair com um produto muito caro. O certo teria de ser uma cooperativa! (Família Dorna - Vair Dorna).*

Esta fala do produtor Vair Dorna (DP) reporta que, entre as dificuldades e sucessos, está a possibilidade de participação no mercado; contudo, o agricultor sabe que não pode investir e se arriscar demais - ao mesmo tempo em que acredita na força da cooperativa, entende que não pode arriscar em seus investimentos, pondo em risco a renda familiar.

No Quadro 3, observam-se os principais grupos estratégicos associados aos produtores de cachaça. Nas análises das entrevistas trouxe a observação da produção da cachaça pelas famílias produtoras de Rio Pomba uma característica artesanal de produção ficando marcados ao longo de suas falas, todos os pontos citados no referido quadro.

Quadro 3 - Principais grupos estratégicos associados aos produtores de cachaça

| <b>Principais Grupos Estratégicos de Produtores</b> |   |  |  |
|---|---|--|--|
|   | <b>Artesanais</b>   | <b>Empresariais</b>  | <b>Profissionais</b>   |
| <b>Fatores de Sucesso</b>                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividade fortemente associada a culturas de subsistência;</li> <li>• Baixos custos;</li> <li>• Mão de obra familiar;</li> <li>• Mercado informal (não arcam com custos fiscais, ambientais e trabalhistas);</li> <li>• Gestão comercial Simplificada (comércio regional e intermediários).</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da tecnologia;</li> <li>• Iniciativas de marketing;</li> <li>• Exploração de nichos de mercado.</li> </ul>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Experiência adquirida por sucessão;</li> <li>• Integração com outras explorações agropecuárias;</li> <li>• Relação positiva com organizações de apoio à capacidade tecnológica.</li> </ul>  |
| <b>Obstáculos</b>                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Regularização da atividade;</li> <li>• Domínio da tecnologia;</li> <li>• Impossibilidade de se organizarem em cooperativa.</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Número elevado de marcas no mercado;</li> <li>• Escala de produção insuficiente para atender as exportações.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de padronização;</li> <li>• Baixa capacidade gerencial;</li> <li>• Dificuldade de acesso aos canais de distribuição;</li> <li>• Competição com cachaça clandestina e aguardentes de baixa qualidade importadas de outros estados.</li> </ul> |

Fonte: Adaptado do SEBRAE-MG ([www.agencia.cnptia.embrapa.br](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br)). Acesso em: 17 maio 2012.

A partir das considerações reveladas entre a teoria tratada no Quadro 3 e as falas dos entrevistados, pude perceber uma semelhança quanto aos fatores de sucesso e os obstáculos que são apresentados. No entanto, dentre as estratégias apresentadas, uma das mais marcantes dificuldades das famílias é a de se organizar em associação/cooperativa. Percebi que quando se tratava das dificuldades, todos eram parceiros em defender a sua produção, ficando clara a insatisfação em “misturar” sua produção com as demais, e formar um “*blend de cachaça*”: seja do mesmo município, ou em municípios diversos. Entendi a importância da preservação da produção familiar individual de cada família, como se a individualidade na fabricação preservasse o reconhecimento social, a tradição e a qualidade do produto.

Vale ressaltar que para uma cachaça artesanal ser considerada de qualidade, deve “obedecer” a certos padrões de qualidade. A palavra “cachaça” é apenas utilizada para a aguardente de cana produzida artesanalmente. Para os mais radicais, a “cachaça industrializada” é apenas aguardente de cana. A

legislação brasileira atual (decreto nº 4.072, de 2002) define aguardente de cana como sendo toda bebida obtida do destilado alcoólico simples de cana-de-açúcar ou pela destilação do mosto fermentado de cana-de-açúcar, com graduação alcoólica variando entre 38% e 54% em volume (v/v), a 20°C. Já a cachaça é definida como uma aguardente de cana de fabricação típica e exclusivamente brasileira, também a partir do mosto fermentado, com graduação alcoólica mais controlada (de 38% a 48% v/v, a 20°C) (MARTINELLI *et al.*, 2000).

A diferença entre a cachaça artesanal (de alambique) e a aguardente de cana (industrial) também está no processo de produção, posto que utilizam técnicas e tecnologias distintas. A cachaça artesanal é elaborada em alambiques de cobre, tem colheita manual e processo de fermentação artesanal ou caipira, com destilado alcoólico simples adicionado de açúcares, hidratado para se chegar à graduação estabelecida em lei, que pode levar de 15 a 30 horas. Já a aguardente de cana é produzida nas grandes indústrias, em alambiques de aço inox, em coluna de destilação contínua (equipamento para produção do álcool), a colheita é feita com máquinas e o processo de fermentação é químico, de apenas seis horas. A fermentação artesanal acontece de forma espontânea, a partir da cana-de-açúcar moída, e a fermentação caipira utiliza agentes catalisadores naturais, como o farelo de trigo, o arroz, a soja ou o milho (RODRIGUES e OLIVEIRA, 2007).

A Cachaça de Minas, tradicional e pura, é definida por Lei Estadual “como a bebida com graduação alcoólica de 38% a 54% v/v, à temperatura de 20°C, obtida pela destilação do mosto fermentado de cana-de-açúcar, em alambique de cobre, sem adição de açúcar corante ou outro ingrediente qualquer. A Cachaça de Minas corresponde à fração denominada “coração”, que vem a ser a parte destilada, de mais ou menos 80% do volume total, que fica entre as frações “cabeça” e “cauda” ou água fresca (Minas Gerais, 11/07/2001).

Para SILVA (2008), há duas versões para explicar o início do processo de destilação, etapa importante na fabricação da cachaça. Uma versão é proveniente dos próprios portugueses, que já eram acostumados a tomar bagaceira, bebida destilada, conhecida como borra, garapa azeda, garapa doída. A outra versão é que os escravos que trabalhavam na moenda de um engenho provaram o caldo

de aparência repugnante, jogado no cocho dos animais com o nome de “cagaça”; mais tarde cachaça ou aguardente brasileira. Desta forma, foi-se aprimorando seu processo produtivo e novas técnicas foram surgindo. Em linhas gerais, o processo produtivo da cachaça segue as seguintes etapas: plantio da cana, maturação, armazenamento (descarregamento e depósito), moagem e filtragem do caldo, caldo bruto, mosto, fermentação, vinho, destilação (cauda e cabeça), coração, cachaça, descanso, envelhecimento, engarrafamento, distribuição, consumo.

#### **4.2. Famílias Produtoras da Cachaça no Município de Rio Pomba: Semelhanças e Diferenças**

A história da produção da cachaça mostra que hoje essa bebida vem desenvolvendo padrões de qualidade e produtividade. O domínio da produção da bebida remete a um longo caminho de aprendizagem e de conhecimentos passados de geração em geração.

*Antes era dos meus avós, da família Moenda bisavós... do meu avô passou para o meu pai, a data é de 1893, que esse alambique foi fabricado aqui onde está mesmo. Antes dele tinha outro, do mesmo tamanho, do mesmo sistema. Mudou, sem perder o que era. (Família Moenda –Tom Moenda).*

Segundo Oliveira (2005), a cachaça é uma bebida com teor alcoólico entre trinta e oito por cento (38%) e quarenta e oito por cento (48%), dotadas de sabor e *bouquet* únicos, com fermentação natural, resultado de um processamento cuidadoso dos alambiques. De acordo com Silva (2008), para a produção da cachaça de boa qualidade e visando o atendimento aos padrões internacionais, vê-se a necessidade da interferência da pesquisa e do uso de novas tecnologias em todo esse processo.

Segundo esse mesmo autor, desde o período da escravidão, quando o produto era fermentado da cana-de-açúcar em moenda de engenhos, houve mudanças em todas as etapas da fabricação da cachaça, bem como nos procedimentos do plantio da cana-de-açúcar, preparo do solo, colheita, moagem, fermentação, destilação e engarrafamento. Para esse mesmo autor, “a tecnologia correta e empregando procedimentos regulamentados em todas as fases do

processo produtivo, a atuação do homem será fundamental para a elaboração de uma cachaça de qualidade” (SILVA, 2008: 96).

*Ela foi utilizada (vendida) em quase 90%, os últimos 10% está na estocagem e está na parte da estocagem para assim parte de fabricação. Depois vou te mostrar o lugar. Para executar as tarefas ficou menos perigosa, adaptou tudo, onde não tem mais riscos nenhum. (Família Dorna – Vair Dorna).*

A fala do senhor Dorna proporcionou observar a utilização da forma de fabricar o fermento – etapa considerada pelos produtores de fundamental importância em todo processo de fabrico da cachaça – demonstrou a técnica por ele utilizada e os novos conhecimentos adquiridos. Percebi, assim, a importância da técnica, da tecnologia e a atuação e conhecimentos do produtor ao longo de sua prática da produção da cachaça.

No entanto há de se considerar que a importância do conhecimento da produção da cachaça de qualidade, pois o maior ou menor entendimento acerca das diferenças nos modos de produção facilita ou dificulta o acesso às novas tecnologias. Leva a questão importante, pois demonstra que a tecnologia por si só não é suficiente, sem o aporte de um saber-fazer, de uma técnica que advém da experiência.

*Antigamente o engenho era movido com cavalo, agora é com o trator, com a roda d'água. De 52 (1952) para cá, meu pai passou os animais. Hoje a gente faz um pouquinho da cachaça. Recentemente veio a EMATER.e a conversa de uma cooperativa. Entrou (a ideia) em Juiz de Fora e parecia que ia funcionar e não funcionou e fomos fazendo encontros. Agora temos um funcionário do ministério lá. Para registrar direitinho o processo de fazer é mais ou menos o mesmo. O jeito de fazer a calda da cana leva para fermentar e leva para o alambique. O alambique antigo produzia menos. Hoje é de maneira mais sofisticada, dá maior rendimento, hoje é quase o dobro. (Família Moenda – Tom Moenda).*

*Na destilação perdia muito vapor e agora a gente não está perdendo cachaça. Antes dela começar perdia muito, saia muita fumaça. Agora fizemos a serpentina e houve esse aumento de produção (Família Moenda – Berto Moenda).*

*A cooperativa foi superimportante... não só para mim, mesmo não dando certo... para mim a cooperativa foi muito importante. Tive custo, mas aprimorei muito. Sabia fazer cachaça como aprendi, mas hoje faço do jeito certo (Família Dorna - Vair Dorna).*

Para Feitosa (2005) e Silva (2008), a diferença entre a cachaça artesanal e a industrial se encontra no processo de produção. O processo industrial é acelerado, da fermentação à destilação; há uma aceleração com fluxo constante, com uso de coluna<sup>6</sup>, sendo produzida em grandes quantidades e com valor de mercado quase sempre mais acessível.

*Antes a gente fazia sem técnica, né? O produto era excepcional, só que tinha muito prejuízo na produção... todo o tipo para colocar na fábrica... o jeito que a gente moía a cana no engenho não extraía o tanto certo... tinha todo o custo para colocar na fábrica... ficava com o “brix” que vinha do campo... não conseguia hominizar (homogeneizar) a produção (Família Dorna - Vair Dorna).*

Na cachaça de alambique ou artesanal, como é denominada pelos estudiosos no assunto, o processo é mais lento (Figura 22). Há o controle do mosto; a fermentação segue um processo artesanal; e sua produção se limita aos períodos do ano em que a cana-de-açúcar está mais adequada à colheita. Normalmente, é um produto de fabricação tradicional e familiar.

*A minha família esta envolvida em todo o processo, a gente fica envolvido com tudo, se precisa de mais funcionário ou não, a gente acompanha, não tem divisão de tarefas. O papai fica aqui que vou cuidar de uma coisa ali. A maior dificuldade é o fantasma do imposto, a dificuldade de legalização. A cachaça de indústria é melaço, sub-produto, vou falar para você... a gente não se iguala a uma microempresa. Todo mundo enquadra, menos o produtor de cachaça (Família Moenda – Berto Moenda).*

Observa-se na Figura 22 o fluxograma da cachaça. Há de se considerar todo o processo produtivo: as famílias entrevistadas na presente pesquisa descreveram a importância de cada uma das etapas para a qualidade do produto - desde o preparo do solo, plantio da cana, colheita, moagem, fermentação, destilação e engarrafamento; onde praticamente todas as etapas são manipuladas artesanalmente. No entanto, preocupam-se em utilizar procedimentos que

---

<sup>6</sup> Diferença na destilação da cachaça de alambique para a cachaça industrial está na destilação. Na destilação industrial ocorre por meio de “pratos” da coluna: não há “início”, “meio” e “fim” - “os pratos são alimentados continuamente com o vinho da cana, que é aquecido para gerar vapores alcoólicos para posterior refrigeração, quando então são condensados em aguardentes” (Silva, 2008:111).

atendam às exigências da produção de qualidade e aceitação do mercado consumidor.

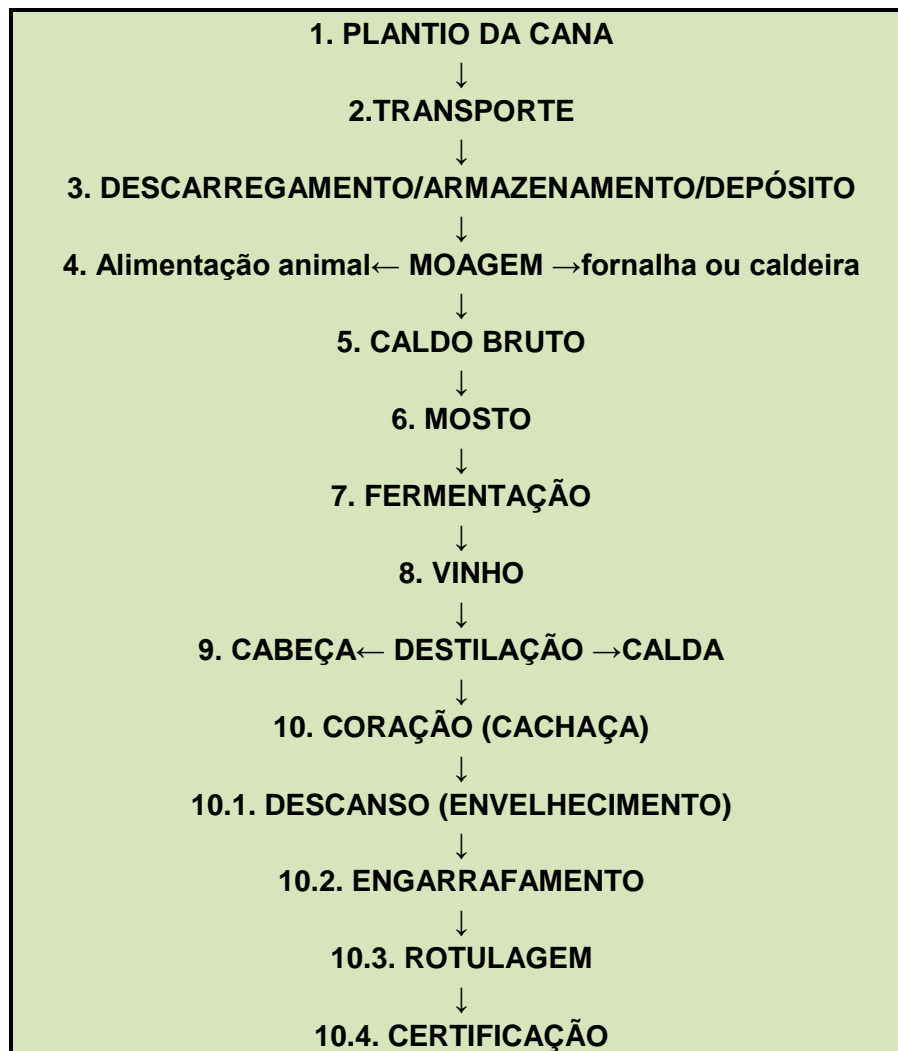


FIGURA 22 – Fluxograma de todas as etapas da produção da cachaça. Fonte: SILVA, 2008.

No Quadro 4, observa-se o processo produtivo da cachaça fabricada pelas Famílias Moenda, Dorna e Tonel, do Município de Rio Pomba: podem-se perceber as semelhanças (em cor verde) e as diferenças (sem cor) nas formas do processo de produção da cachaça. Cabe ressaltar que o processo produtivo das famílias entrevistadas é semelhante na maior parte do processo de fabricação.

| Aspectos            | Semelhança/Diferenças |       |       |
|---------------------|-----------------------|-------|-------|
|                     | Moenda                | Dorna | Tonel |
| Produção            |                       |       |       |
| Época Plantio       |                       |       |       |
| Trocas              |                       |       |       |
| Correção Solo       |                       |       |       |
| Adubação            |                       |       |       |
| Compra de Terceiros |                       |       |       |
| Transporte da Cana  |                       |       |       |
| Armazenamento       |                       |       |       |
| Moagem              |                       |       |       |
| Caldo Bruto         |                       |       |       |
| Mosto               |                       |       |       |
| Fermentação         |                       |       |       |
| Destilação          |                       |       |       |
| Coração             |                       |       |       |
| Descanso            |                       |       |       |
| Engarrafamento      |                       |       |       |
| Rotulagem           |                       |       |       |
| Certificação        |                       |       |       |

QUADRO 4 – Processo produtivo na produção de cachaça no município de Rio Pomba

As semelhanças entre as famílias (Moenda, Dorna e Tonel) ficam em:

- Época de Plantio: nos meses de outubro e novembro;
- Correção do solo: os três produtores se dizem preocupados com a correção do solo “*Uso de calcário para adubação própria para cana 25/20*” (Vair Dorna); “*calcário, adubo coloca um pouco na cova*” (Berto Moenda); “*Adubação só com calcário*” (Jo Tonel);
- Adubação: Entendem que a correção do solo se dá com a adubação;
- Transporte da Cana: o transporte da cana se dá por meio de trator, pois como explica o produtor Dorna:

*Transporte só de trator. Hoje o arado da gente é muito dividido, você perde tempo de buscar o boi, perde muito tempo em arriar (...) o tempo é o mais caro que existe! Um trator é mais caro quando você compra, mas quando você divide, sua vida útil é mais barato que o gado come (Vair Dorna – Família Dorna).*

*O transporte é com trator, antes com carro de boi. O carro de boi era barato, hoje o trator fica mais barato, dependendo da distância vai de caminhão (Berto Moenda – Família Moenda).*

- Caldo bruto - Os três produtores utilizam água. Segundo Silva (2008), no bagaço ainda tem de 25% a 40% de caldo; neste sentido, os produtores utilizam a água para fazerem o processo de “embebição”, um processo com a água e o bagaço da cana diluídos para aumentar o caldo que produz a cachaça;

- Fermentação - o processo de fermentação é semelhante. Utilizam a medição do açúcar no líquido em grau *brix*: a teoria indica que “a fermentação ideal de açúcares se dá em 14<sup>o</sup> *brix*” (Silva 2008:99). Esse valor é seguido pelos três produtores. Acrescenta à fermentação o farelo de milho (produzido na propriedade);

- Destilação – Na produção da cachaça, as três famílias utilizam a etapa de destilação por meio do destilador descontínuo e do tipo tradicional, ou seja, o alambique. Segundo Silva (2008), a forma contínua (tipo de coluna ou coluna de destilação) é utilizada para a produção industrial, de grande escala.

- Coração - A teoria trata o coração, produto retirado da destilação como sendo a segunda fração da destilação: “é a cachaça propriamente dita, ou seja, é aquela de qualidade elevada” (Silva 2008:107). Os entrevistados dizem que “*A destilação a gente utiliza só aproveita o coração*” (DP) e o (MF) “*A cabeça a gente separa, durante o período, os primeiros 10%. Se produzir a água fraca, a gente vai graduando até obter a graduação do coração*”. Desta forma, os três produtores da cachaça são iguais na obtenção do coração que se origina a cachaça.

- Descanso – Os três deixam em descanso. No entanto o produtor Dorna nos diz que: “*Tempo para consumo já sai pronta. De acordo da cachaça estocada, a gente deixa a mais nova e leva a outra, nunca enganando o cliente*”. Acompanhando o que é relatado na teoria sobre o tema, como acentua Silva, 2008:

Após os processos de destilação, diluição e filtragem, o produto obtido é constituído, basicamente, de álcool, aldeídos, ácidos, cetonas e ésteres. (...) a qualidade da cachaça é afetada em todas as fases do processo, a começar pela matéria-prima. (...) o descanso é a primeira fase de estocagem da cachaça, deve ser de dois a quatro meses. Neste período, a bebida, (...) fixa seu caráter e consolida sua personalidade” (SILVA, 2008:115).

Assim, observei a preocupação dos produtores na qualidade e na melhor forma de manter seu produto - a cachaça.

- Engarrafamento e a Certificação estão detalhados no subtítulo Distribuição – gargalo: produtores ou atravessadores. Só constato que há semelhanças entre os produtores.

As diferenças ficam nas fases produtivas de:

- Trocas – Os produtores Moenda e Dorna se assemelham quando se dizem fazerem trocas de produtos com os outros vizinhos. O exemplo utilizado pelos dois fabricantes da cachaça se deu na troca de favores “Hoje o arado da gente é muito dividido” (DP); nos favores de moer a cana do vizinho e dividir os custos e a renda entre os parceiros. No entanto, entre os dois fabricantes as trocas não acontecem. Foi percebido o respeito á produção do outro, mas não há trocas de conhecimentos ou maquinários.

- Compra de Terceiros – A família Moenda diz que o plantio da cana não é suficiente para a produção anual, desta forma, compra cana de vizinhos ou em Visconde do Rio Branco, cidade próxima ao município estudado. Já os produtores Dorna e Tonel produzem toda a sua cana, em suas propriedades.

- Moagem – As diferenças entre as moendas e moagens nas famílias produtoras se dão nos maquinários utilizados para tal função (a moagem da cana) e nas vezes de que se dedicam a moagem. A extração do caldo de cana na fazenda Moenda é feita em duas vezes e na fazenda Dorna uma só vez, pois tem dois cilindros o seu maquinário.



FIGURAS 23 e 24 - Moendas: Fazendas Moenda e Dorna

- Rotulagem – A rotulagem nas fazendas foco da pesquisa se dá da seguinte forma: na Fazenda Moenda não há rótulo, já na fazenda Dorna e Tonel a rotulagem se dá de forma artesanal - são rotuladas, mas não possuem registro ou certificação do produto.

Por meio da fala do produtor Vair Dorna (“DP”), pude identificar uma sequência de produção. Deve-se ponderar que todos os entrevistados descreveram sua forma de produzir; a escolha do produtor “DP” foi feita por mim pelo fato de considerar que, além de valorizar tal atividade, particularmente quando diz: *“Eu gosto de ser produtor, as coisas que trabalhei na roça foi a cachaça o que me deu mais renda...”* (DP). Dentre os entrevistados é o único que sobrevive prioritariamente da produção da cachaça. A renda da atividade é para subsistência de sua família. Foi possível identificar em seu depoimento a satisfação e o orgulho ao reportar o seu processo produtivo, mesmo considerando as dificuldades existentes neste processo.

Ao ser questionado sobre o processo produtivo da cachaça, DP expôs que o uso da terra é feito de forma orgânica; ou seja, não utiliza “agrotóxicos” e adubos químicos para a correção do solo. Não tem o hábito de arrendar terras de outros agricultores, considera que:

*A margem de lucro da cachaça é pequena, se você for arrendar estou perdendo. O que for investir, eu invisto na compra da terra e vou trabalhando e o que for investir, eu invisto no canavial, para*

*mim é melhor, pois está esta perto do engenho. Toda vez que você aplica na sua terra, você está melhorando os canaviais. O preparo da terra continua o mesmo como eu trabalhava com hortigranjeiro (Família Dorna - Vair Dorna).*

A preocupação com o processo da produção da cachaça, como explicita “DP”, dá-se a partir do melhoramento do plantio da cana-de-açúcar. Explica que a sua área de produção é de dezessete a dezoito (17-18) hectares de cana; afirma que o plantio depende da “época de chuva”: há a preocupação com a época seca, pois “*se tiver uma seca vai diminuir o açúcar.*” Faz questão de dizer que usa o calcário para correção do solo, e se responsabiliza por todo processo desde o plantio, o manejo com o trator, e a colheita de julho a novembro. Não há compra de cana de outras propriedades.

O transporte da cana até o engenho é feito por trator:

*(...) o arado da gente é muito dividido, enquanto você ‘perde’ tempo de buscar o boi, perde muito tempo. O tempo é mais caro que existe, um trator é mais caro quando você compra, mas quando você divide a vida útil dele é mais barato que o gado come. (Família Dorna - Vair Dorna).*

No entanto, para o armazenamento, o entrevistado considera automático e que seu engenho não é industrial, “*mas bem adaptado*”; ou seja, considera que toda a reforma efetuada no alambique está apropriada para receber a cana e começar o processo da moagem.

O bagaço derivado da moagem, segundo “DP”, é utilizado para combustível de sua fornalha, e não como alimento animal. Considera seu engenho bem planejado e o uso do bagaço gira em torno de quinze por cento (15%); o restante é vendido para uma fábrica de queijo da cidade. Dentre as utilidades encontradas para o bagaço: “*Tivemos a ideia de fazer uns cubos para usar nas padarias, mas não temos uma máquina para prensar, o excedente fica ali, a gente queima e usa a cinza para adubo, sei que não resolve o problema, mas ele é útil*”.

De acordo com “Vair Dorna”, o caldo bruto derivado da moagem é colocado em tanques, onde acontece a fermentação, dando origem ao mosto; posteriormente, é mensurado o grau *brix*. Em seguida, o mosto é destilado e o sub-produto recebe o nome de vinhoto (utilizado como adubo nas áreas do

canavial). Em seu alambique, do coração se faz a cachaça e, da calda e a cabeça, faz-se a “relambicagem”.

O descanso da cachaça após a fabricação, no caso da produção de Vair Dorna, fica em tonéis por até seis meses. Disse que em até noventa (90) dias ela (a cachaça) ainda ‘sofre’ alterações químicas; desta forma, utiliza-se da produção do ano anterior para a realização da venda, que se dá durante todo o ano.

O engarrafamento da cachaça dos produtores de Rio Pomba é feita de forma informal. Quanto à forma de venda, fica restrito às garrafas “pet”, garrafas de setecentos (700) ml ou um (1) litro; ou garrafões de cinco (5) litros.

Em entrevista com “Cidinha Moenda” no restaurante da família, do qual é a responsável, em relação à importância da rotulagem da cachaça, expõe que:

*Não sei (fala bem pensada e tom baixo), mas tem gente vendendo cachaça rotulada e disse que não compensa. Eu não deixo a cachaça ali... (aponta para um local do restaurante exposto) a minha cachaça fica ali (em um local “fechado”). (Família Moenda – Dinha Moenda).*

Quando perguntada se a forma de se divulgar a cachaça “boca-a-boca”, seria para eles (produtores) uma forma mais fácil de divulgação da cachaça, a resposta foi positiva. Justifica-se dizendo: “*Forma mais tranquila com a rotulagem, é uma pena não ter o rótulo para quem faz coleção, né? Pois diferencia*”. Diz também que o seu sogro (“Tom Moenda”), tem vontade de registrar o produto. No entanto, justifica-se novamente: “... *mas tem hora que o trabalho da gente é tanto, a gente é tão sozinho, tem que parar aqui para ir lá...*” (Família Moenda - Dinha Moenda).

No ciclo produtivo da cachaça há também atividades para “além das porteiras” dos engenhos. Dentre essas atividades está a distribuição, etapa que apresenta controvérsias em suas fases, seja por meio dos atravessadores, da fiscalização, comprometendo por vezes toda a produção anual.

#### **4.3. Distribuição – gargalo: produtores ou atravessadores**

As teorias sobre o momento de distribuição da cachaça demonstram que, nesta fase, encontra-se o grande “gargalo” do seu ciclo produtivo. Vide exemplo, já exposto no Capítulo III, que trata da realidade vivenciada pelo Território do Rio Pardo (TARP).

No entanto, a atividade produtiva da cachaça nos municípios do TARP, embora seja uma atividade tradicional, apresenta muitos problemas para se configurar como uma atividade que garanta uma renda segura para os agricultores envolvidos. São vários os entraves que os produtores familiares apresentam ao longo de todo o processo produtivo até chegar ao principal gargalo, a comercialização. Assim, muitos intermediários, comumente chamados de atravessadores, se aproveitam dessas deficiências e assimetrias de informações por parte dos produtores (SILVA, 2010: 12).

No entanto, quando se reporta para a realidade das famílias produtoras da cachaça residentes no município de Rio Pomba, no que se refere à distribuição, a pesquisa indicou que as semelhanças são maiores que as diferenças na forma nos procedimento na distribuição (Quadro 5).

*Isso... o lucro dele é de 160% (do atravessador). A referência da venda de cachaça é no restaurante e aqui (na fazenda). Vem gente de Petrópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, aqui vem fregueses de toda parte do país (...). Antes da crise de uns tempos atrás, estava entrosando com um atravessador de cachaça de São Paulo. Ele disse que nossa cachaça estava na lista lá. "Vê o preço que vamos comprar a produção sua" (o comprador)... mas houve uma crise, esse grande negócio é muito difícil de acontecer... ainda hoje não aconteceu, mas se tivesse uma maneira de engarrafar e levar no Rio de Janeiro, se pudesse colocar em um mercado valorizado... (Família Moenda – Tom Moenda).*

No Quadro 5 podem-se perceber as semelhanças (em cor verde) e as diferenças (sem cor) nas formas do processo de distribuição da cachaça. As especificidades encontradas na distribuição ficam na forma do atacado, doses e em hotéis e casas noturnas. A distribuição da Família Moenda se dá na forma de venda direta aos pequenos bares da cidade, onde o consumo se dá por meio de doses da bebida ou em garrafas de vidro ou "pet"; também, nas feiras populares realizadas em Juiz de Fora.

A distribuição da produção da cachaça fabricada pelos produtores das Famílias Moenda, Dorna e Tonel se dá da forma seguinte (Quadro 5):

QUADRO 5 – Formas de distribuição da cachaça pelas famílias Moenda, Dorna e Tonel

| Distribuição         | Semelhanças   |       |       |
|----------------------|---------------|-------|-------|
|                      | Moenda        | Dorna | Tonel |
| Cooperativa          |               |       |       |
| Varejista            |               |       |       |
| Atacadista           |               |       |       |
| Lojas Especializadas |               |       |       |
| Doses                |               |       |       |
| Restaurantes         |               |       |       |
| Botecos              |               |       |       |
| Bares                |               |       |       |
| Hotéis               | Não se aplica |       |       |
| Casas Noturnas       | Não se aplica |       |       |

Uma característica observada nesta família foi a demanda existente da bebida no local da fabricação. Pôde-se perceber a venda realizada de modo informal com relação às exigências dos órgãos reguladores, sendo engarrafada e distribuída aos consumidores e aos pequenos comerciantes locais e de outros municípios da região, sem nenhum tipo de rotulagem ou fiscalização.

A Família Dorna distribui em comércios locais. Em sua residência possui um local próprio onde o produto é envasado e se realiza a venda da bebida. A responsabilidade da venda fica, em geral, a cargo da esposa do proprietário do engenho. Pôde-se perceber a informalidade na distribuição da cachaça: seja nos vasilhames trazidos pelos próprios consumidores, ou nas garrafas disponibilizadas pelos produtores (Figuras 25 e 26).



FIGURAS 25 e 26 – Embalagens diversas disponibilizadas por produtores da cachaça.

O diagnóstico da cachaça de Minas Gerais, produzido pelo SEBRAE/MG (2001), ao relatar dados dos estabelecimentos, mostra que a cachaça, não é em geral engarrafada nas propriedades, mas sim entregue a intermediários, a varejo, por meio de caminhões-tanque, bombonas de azeitona, latas; ou seja, em recipientes não apropriados, da seguinte forma (TABELA 1):

TABELA 1 – Percentual de engarrafamento da cachaça em Minas Gerais

|                           |       |
|---------------------------|-------|
| Não engarrafam            | 80,2% |
| Engarrafado por terceiros | 2,3%  |
| Engarrafam                | 17,5% |

Fonte: [www.custoseagronegocioonline.com.br](http://www.custoseagronegocioonline.com.br)

O envasamento e a comercialização da cachaça em Minas Gerais, segundo o SEBRAE (2001), dá-se em garrafa de vidro de vários volumes, sendo a mais utilizada a garrafa padrão da AMPAQ, e também em embalagens de cerâmica. Utilizam alguns vasilhames reciclados; mas, no geral, são utilizadas para o comércio embalagens novas.

Uma das considerações demonstradas pela empresa é a prática da filtragem da bebida, com objetivo de padronizar toda a safra da cachaça em função da limpidez, transparência e brilho. No entanto, é na rotulagem que se destina a qualidade, a história e as informações do produto cachaça. Há de se

salientar que não necessariamente uma cachaça que está rotulada é uma cachaça certificada e autenticada pelo MAPA.

A Secretaria do Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (2008) elaborou um Plano Setorial da Cachaça de Alambique, onde tratou dos problemas de mercado enfrentados pelos produtores da cachaça. Os estabelecimentos que possuem registros junto ao MAPA têm apresentado dificuldade de comercialização: em função do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), tem deixado os produtores descapitalizados, com aumento de estoques, com produção ociosa, gerando, desta forma, aumento no preço final da bebida em função do aumento dos custos do processo produtivo da cachaça. Segundo o diagnóstico levantado pelo setor, tal situação tem estimulado a continuidade da informalidade na comercialização da cachaça (Figuras 27, 28 e 29).

Na comercialização, há algumas especificidades nas relações produtor-atravessador, como relatado pelos entrevistados:

*“... isso aí sem sombra de dúvida a gente nunca consegue vender direto para o consumidor. Aqui na cidade a gente vende em comércio, a gente vende em bar. O dono do bar reclama do preço, compra o litro, e 4 doses paga o litro, enquanto dá uns 16 a 20 doses (Família Dorna – Vair Dorna).*

*A nossa tem boa aceitação, sempre voltam. Têm outros que falam assim “já levei dos ‘Dorna e do Tonel’, mas não gostei”. Eles falam muito da ressaca do outro dia, né? Tem muitas que dá dor de cabeça... a daqui é abençoada, não dá ressaca! Em poucos dias chegou um professor de Belo Horizonte e pegou 20 litros. (Família Moenda – Dinha Moenda).*

*O copo sujo é um dos barzinhos que vende mais. O pessoal vê muito o valor. O meu marido (“MF”) faz o preço da cachaça a três e cinquenta no comércio (R\$3,50/l) e a pessoa faz a 1,80 (R\$ 1,80/l)... aí não dá, lá (falando do comércio) eles trabalham com outro fornecedor. (Família Moenda – Dinha Moenda).*



FIGURAS 27, 28 e 29 – Rusticidade e informalidade na produção e comercialização da cachaça.

#### 4.4. Certificação da cachaça artesanal: vantagens e desvantagens

A certificação e a qualidade do produto cachaça são atestadas pelo Governo Estadual de Minas Gerais por meio do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA). Segundo essa Instituição, em dois mil e onze (2011) foram certificadas trinta e três (33) marcas de cachaça na Zona da Mata (região desta pesquisa) (Quadro 7).

QUADRO 6 - Taxas para certificação de cachaça artesanal de alambique

| <b>Certificação de cachaça artesanal de alambique</b> | <b>Valor (R\$)</b> |
|---|--------------------|
| Registro de propriedade                               | 139,75             |
| Auditoria inicial                                     | 232,91             |
| Emissão de selos de certificação                      | 0,16               |

Fonte: IMA ([www.ima.mg.gov.br](http://www.ima.mg.gov.br)). Acesso: 09 maio 2012.

O QUADRO 6 demonstra as exigências do Instituto Mineiro Agropecuário (IMA) e as taxas necessárias para certificação da cachaça. Esses impostos são os destinados somente ao IMA. No entanto, relatado por dados do IMA e da EMATER local, dos três (3) estabelecimentos que fabricam a bebida do município de Rio Pomba, as famílias produtoras que foram entrevistadas relatam que:

*Para engarrafar e certificar é inviável – é a burocracia, a contadora sugere registrar como produtor de cachaça, mas disse que é muito caro, muita despesa. Se quiser aumentar a produção pode, mas com a mesma qualidade. Se pudesse colocar em um mercado em Juiz de Fora que vende a cachaça a cento e cinquenta (150) reais, aqui a gente vende a dois ou três (2 ou 3) reais. A burocracia é que dificulta demais (Família Moenda – Tom Moenda).*

A entrevistada da Família Capelo relatou sua forma de pensar a informalidade em relação às vantagens e às desvantagens de se ter a cachaça registrada e outro produtor que não é registrado junto aos órgãos e instituições legalizadores (Figuras 30 e 31).

A produtora “CP” relata sobre a questão da informalidade: *“a cachaça é considerada droga, cachaça é droga, então o cigarro... tudo que tem álcool... os impostos são altíssimos.”* A produtora se considera regulamentada junto aos órgãos legitimadores, ou seja, junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA<sup>7</sup>, a Secretaria da Receita Federal e aos outros órgãos certificadores.



FIGURAS 30 e 31 – Informalidade na comercialização da cachaça.

Os benefícios de ser registrada e cadastrada nos órgãos competentes são reconhecidos pela produtora. *“O registro indica que você está na formalidade, você está fazendo a coisa certa, você não está na “in”... está na formalidade, se me pegarem eu não vou presa”.* Segundo a mesma, não há perigo de ser presa com sua mercadoria quando é fiscalizada pelos agentes, sendo esses municipais, estaduais ou federais.

---

<sup>7</sup> O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) é responsável pela gestão das políticas públicas de estímulo à agropecuária, pelo fomento do agronegócio e pela regulação e normatização de serviços vinculados ao setor. Fonte: [www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br). Acessado: 18 maio 2012.

*A margem diminuiu muito, mas esperava com a Cooperativa ter mais lucro. Hoje eu saio para vender e hoje tenho gasto muito alto para vender só a minha. Aprendi a fazer cachaça, tinha um resultado bom, tinha um resultado baixo, mas fazia errado. Fazia cachaça do jeito que aprendi, hoje faço do jeito certo. A margem diminuiu muito e tenho um gasto muito alto, tem de ter venda garantida (Família Dorna – Vair Dorna).*

A AMPAQ (2012) disponibiliza para os produtores de cachaça, alguns passos que facilitam a organização dos documentos exigidos pelos órgãos que regularizam a atividade e a produção da cachaça, sendo necessário:

- Formatar um contrato social e registrá-lo na Junta Comercial de Minas Gerais –(JUCEMG) para se transformar em Pessoa Jurídica;
- Inscrever-se no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, da Receita Federal (CNPJ) e na Secretaria da Receita Federal (SRFB);
- Inscrever-se na Fazenda Estadual (I.E.);
- Retirar alvará de localização – Prefeitura Municipal;
- Registrar marca (s) no Instituto Nacional de Produção Industrial (INPI);
- Registrar o estabelecimento (Fazenda) no MAPA;
- Registrar o (s) produto (s) no MAPA (rótulo)
- Registrar na SRFB para obter o selo de controle do IPI.

No TABELA 2 se encontram os impostos necessários para o processo de registro da cachaça artesanal.

| Cachaça Registrada – Família Capelo (CP) | Valor | Instituição |
|--|-------|-------------|
| IPI                                      | 25%   | Federal     |
| ICMS                                     | 18%   | Estadual    |
| CONFINS                                  | 5,93% | Federal     |
| IRPJ                                     | 25%   | Federal     |
| INCRA                                    | 5,2%  | Federal     |
| SENAR                                    | 2,85% | Federal     |

Fonte: [www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br). Acessado em: 18 maio 2012.



Como exemplo, considerando apenas os impostos federais e estaduais, além das taxas e contribuições, uma garrafa de cachaça cujo valor fosse R\$10,00; sendo formalizada e tributada em cascata, o seu preço passaria para R\$21,18; ou seja, o produtor teria de vendê-la por esse valor para auferir o mesmo lucro, caso a vendesse por R\$10,00, na informalidade. Além disso, tem de ser contabilizadas despesas com o contador, mão de obra, químico, entre outros; o que elevaria o preço de custo para valores próximos a R\$30,00/garrafa, o que poderia inviabilizar a sua comercialização.

Além da questão tributária, de acordo com “Lene Capelo”, existem ainda os procedimentos questionáveis por parte de alguns produtores durante o processo produtivo, que aumentam o volume produzido, em detrimento da qualidade e de cuidados ambientais, mas que lhes auferem maior lucro. Para “Lene Capelo”, durante o processo de fabricação de sua cachaça, a “cabeça” não é aproveitada: para cada 300 litros do material fermentado (vinho), resultam em 45 litros de cachaça; outro produtor de seu relacionamento, com esse mesmo volume de vinho, produz 120 litros de cachaça: vende o produto até por R\$0,80/l. No caso dela, que tem seu produto certificado, o custo só para a manutenção e pagamentos dos tributos, taxas e despesas diversas ultrapassam os R\$10,00.

Dentre as controvérsias existentes e apresentadas neste trabalho, atualmente se discute sobre a possibilidade da certificação por identidade local e regional (IG). A IG objetiva certificar peculiaridades em determinados produtos de acordo com a especificidade da região de origem e fabricação. O intuito da certificação visando a identidade local e regional poderá agregar ao produto vantagens na comercialização e na competitividade (industrial/artesanal), assegurando aos produtores uma bebida legitimamente nacional; ou seja, uma bebida reconhecidamente “Brasileira”.

Desde o ano de 2005 há a normativa que aprova um Regulamento Técnico para Fixação dos Padrões de Identidade e Qualidade para Aguardente de Cana e para Cachaça (PIQ Cachaça). Em 2001, por meio do Decreto 4.062/2001, assinada então pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso de Melo, dispõe e definem as expressões - “cachaça”, “Brasil” e “cachaça do Brasil” como denominações de indicações geográficas.

#### 4.5. Consumo: Sociabilidade versus Contravenção

*“... é muito difícil achar um degustador ético, não existem muitos. Você tem de ir para a Escócia, o rum é mais parecido com a cachaça. Eles vão te dar um certificado. você não pode fazer mais que uma degustação por dia, ou uma de manhã e outra a tarde. A pele da boca é muito fina... a primeira não vai queimar porque está virgem a boca... você tem que ficar um pouco sem tomar. Eu já estudei tudo sobre cachaça” (Família Capelo - Lene Capelo).*

Para mapeamento dos debates para o termo “cachaça”, entende-se que historicamente o objeto em estudo foi, e ainda é tratado de forma a contrapor um fato positivo. Entendem-se, como um enfoque social negativo da cachaça, a ocorrência de problemas sociais quando essa bebida é consumida em elevadas doses. Neste caso, pode ser a causadora de desunião familiar, acidentes, doenças físicas e mentais, além de provocar uma imagem social pejorativa do consumidor, sendo tratados como “pinguços” ou “cachaceiros”.

*... e uma renda fabulosa para a família, era uma sociedade, houve, né? Eu sempre muito católica não aceitava a cachaça na minha casa. Para minha família a produção da cachaça não dava, eu não aceitava. Separamos deles e eles ficaram com a parte do alambique e nós com um apartamento. Aí continuaram ainda com a sociedade (Família Tonel – Ana Tonel).*

Nas falas descritas em uma das entrevistas com a família Tonel, pôde-se perceber o incômodo causado a “Ana Tonel” pela produção da cachaça. Ela não se conformava que o seu marido “Jo Tonel” fizesse parte da atividade de produção de cachaça.

No Quadro 7, observa-se o uso da bebida alcoólica comparada às diversas classes socioeconômicas no Brasil:

Quadro 7 - Uso da bebida alcoólica comparada às diversas classes socioeconômicas no Brasil.

| Classe socioeconômica |      |      |      |      |      |
|-----------------------|------|------|------|------|------|
|                       | A    | B    | C    | D    | E    |
| Vinho                 | 38%  | 27%  | 25%  | 24%  | 18%  |
| Cerveja               | 45%  | 61%  | 65%  | 59%  | 51%  |
| Bebida “ice”          | 2%   | 3%   | 1%   | 1%   | 0%   |
| Destilados            | 15%  | 8%   | 9%   | 15%  | 31%  |
| Total                 | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |

Fonte: I Levantamento..., 2011.

Observa-se no Quadro 7 que a classe “E” é a maior consumidora da bebida destilada (31%). De acordo com SANTOS (2005), entende-se por classe “E” a faixa da população que auferir renda salarial inferior a um salário mínimo. Na Figura 33, observa-se que a cachaça é a bebida destilada mais consumida nessa classe social.

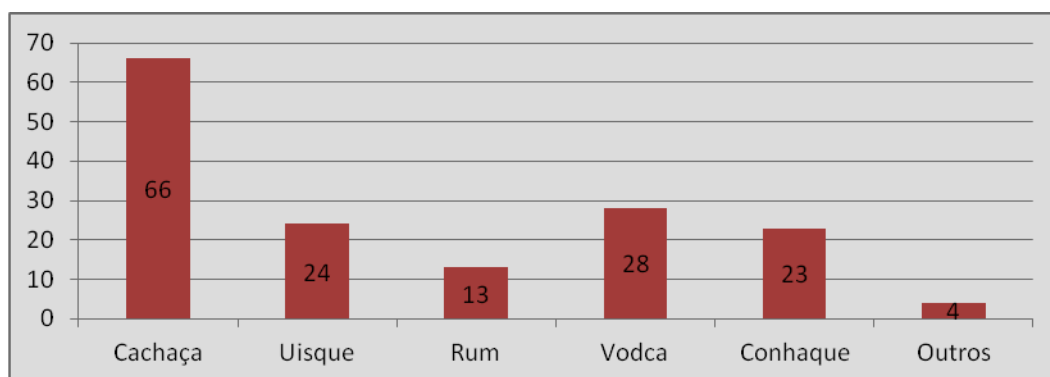


FIGURA 33 – Percentuais de consumo de bebidas destiladas na Classe “E”. Fonte: Levantamento..., 2011.

Em pesquisas realizadas nas capitais brasileiras pelo Ministério da Saúde (2009), observou-se que as mulheres estão consumindo cada vez mais bebidas alcoólicas. Segundo o produtor “Vair Dorna”:

*... os jovens de hoje não frequentam mais bares, porque eles usam outras “coisas” e influenciou na venda. As mulheres já consomem 55% da bebida. (Família Dorna – Vair Dorna).*

O mesmo fato foi também tratado no I Levantamento Nacional sobre padrões de consumo de álcool na população Brasileira, realizado em parceria entre a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD); o Centro Brasileiro de informações sobre Drogas (CEBRID) e a Universidade Federal de São Paulo:

Do uso social ao problemático, o álcool é a droga mais consumida no mundo. Segundo dados de 2004 da Organização Mundial de Saúde (OMS), aproximadamente 2 bilhões de pessoas consomem bebidas alcoólicas. Seu uso indevido é um dos principais fatores que contribuem para a diminuição da saúde mundial, sendo responsável por 3,2% de todas as mortes e por 4% de todos os anos perdidos de vida útil. Quando esses índices são analisados em relação à América Latina, o álcool assume uma importância ainda maior. Cerca de 16% dos anos de vida útil perdidos neste continente estão relacionados ao uso indevido dessa substância,

índice quatro vezes maior do que a média mundial (I Levantamento..., 2011).

Assim, observei que o consumo da cachaça no município de Rio Pomba não se dá apenas por uma normatização, também se daria por uma racionalidade, não jurídica ou normativa/formal, mas que leva em conta: aspectos econômicos – aversão ao risco e garantia de retorno financeiro mais seguro – além da razão cultural - a cachaça produzida daquela maneira tem um significado tanto para o produtor quanto para o consumidor; e aspectos sociais, uma vez que a confiança está formada - por ter um consumidor fiel e com determinadas expectativas, o que cria interdependência entre produtor e consumidor - a alteração no produto ou no seu preço poderia levar a uma quebra de confiança nesse pacto não formal entre produtor e consumidor.

A nora do proprietário Moenda (Dinha Moenda), responsável pelo restaurante da família no município – restaurante situado em local de grande trânsito e próximo à rodoviária da cidade, serve almoço tipo “pratos feitos” para trabalhadores do comércio urbano e para motoristas que transitam pela rodovia estadual (MG 133). O estabelecimento comercial não apresenta identificação (nome fantasia), com movimento diário e constante. Sem receio, sendo enfática na fala, disse que a cachaça da família tem boa aceitação no mercado, pois os fregueses sempre voltam para comprar mais. Disse ainda que outros consumidores já relataram que as outras cachaças fabricadas também no município dão ressaca e dor de cabeça - “a daqui é abençoada”. Segundo Dinha Moenda, nos feriados e finais de semana são frequentes os professores de a Universidade de Belo Horizonte ir procurar para a compra da cachaça da Família Moenda. No inverno “então” o consumo aumenta, acrescenta.

Uma preocupação com o consumidor se fez presente no relato do proprietário Dorna: relatou que não pode “misturar” sua produção da cachaça com a de outro produtor, pois a sua “perde a identidade”. Disse ainda: caso seus compradores ou consumidores soubessem que compraram a cachaça de outro, ele perderia a credibilidade no mercado consumidor - “é na confiança”, como diz o senhor Dorna, *“a gente acaba ficando amigo de todos os seus clientes, hoje não tenho*

*clientes, mas amigos. A cachaça tem o poder de socializar” (Vair Dorna). Completa dizendo a importância da confiança nesta forma de comércio e consumo “seu patrimônio é o seu cliente, você tem que confiar nele e ele em você” (Família Dorna – Vair Dorna).*

O senhor Moenda e seu filho (Berto Moenda), que o acompanha em todo processo de produção e é responsável pela parte técnica da bebida, revelam a parte comercial e de consumo. Ao sairmos para ver a parte do engenho da fazenda da família, o filho pediu licença e foi atender a um freguês que estava querendo a bebida. Foi relatado que ele é morador de um município próximo e tem um bar, mas que a cachaça que ele busca é para consumo próprio, ou vendido a um valor mais elevado aos fregueses. No entanto, no que se refere à qualidade da cachaça, o senhor Moenda relatou que esta já sai pronta do alambique, mas *“a gente deixa a mais nova e leva a outra, nunca enganando o cliente... essa é nova”* (Tom Moenda), apontando para o tanque da cachaça de fabricação mais recente. Segundo esse produtor, a cachaça fica pelo menos seis meses estocada, *“não abrimos mão disso”* diz o produtor, posto que tal procedimento garantirá a qualidade do produto e a confiança do consumidor.

Não quero tentar fazer juízo de valores, no entanto esses dados nos mostram as influências sociais causadas pelo consumo da bebida alcoólica. No entanto, constatam-se as controvérsias existentes não só na produção, distribuição e comercialização, mas também nas formas sociais de se utilizar a cachaça. Pode entender os envolvimento do Estado seja em seu controle social, ou como em sua regulamentação legal.

#### **4.6. O envolvimento do Estado como incentivador do agricultor familiar na produção de cachaça**

*A gente paga para funcionar o básico, a gente tem um conselho químico que aparece de dez a dez anos e a gente tem que pagar. A gente trabalha clandestino para ter uma fábrica de cachaça. Depois que estiver certificado, a coisa muda, aí o pessoal é muito educado. Lá no MAPA são pessoas preocupadas, estão preocupadas com a adequação ao consumo humano, estão preocupados com que se está consumindo, com a qualidade do produto (Família Dorna – Vair Dorna).*

Pode-se observar o grande número de estabelecimentos de produtores de cachaça em Minas Gerais no Censo Agropecuário (1995-1996). Contudo, percebe-se que a valorização da cachaça no meio social deverá passar necessariamente por incentivos do Estado, que visem, entre outros aspectos, a melhoria da qualidade e a maior aceitação do produto no mercado, a geração de trabalho e a possibilidade de geração de renda para agricultores familiares.

Segundo Lima *et al.* (2006), o incentivo inicial do Estado na produção da cachaça se deu com o primeiro diagnóstico do setor alambiqueiro mineiro, no ano de 1982, pelo Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais (INDI). Verificou-se que exercia um papel importante na estruturação da economia agrícola estadual, que culminou na criação da Associação Mineira dos Produtores de Cachaça de Qualidade, em 1989; e do Programa Mineiro de Incentivo a Produção de Aguardente (Pró-Cachaça), em 1992. Essas iniciativas públicas e privadas possibilitaram um potencial de valorização da cachaça mineira, como descrito no Quadro 8.

QUADRO 8 – Número de produtores de cachaça por região do Estado de Minas Gerais

| <b>Mesorregião</b>          | <b>Estabelecimentos</b> | <b>%</b>     |
|-----------------------------|-------------------------|--------------|
| Norte                       | 2.591                   | 30,6         |
| Jequitinhonha e Mucuri      | 1.874                   | 22,1         |
| Central                     | 1.467                   | 17,3         |
| Rio Doce                    | 1.192                   | 14,1         |
| Mata e Campos das Vertentes | 987                     | 11,7         |
| Sul/Sudeste                 | 197                     | 2,3          |
| Triângulo e Noroeste        | 158                     | 1,9          |
| <b>Total</b>                | <b>8.466</b>            | <b>100,0</b> |

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995-96.

No início de 1990, segundo esse mesmo autor, a Secretaria do Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA/MG), por meio de normas, criou o programa de qualidade e produtividade na agricultura para valorizar a marca “MINAS”, valorizando vários produtos mineiros, dentre eles a Cachaça de Minas. Tinha por objetivo final “transformar as barreiras não-tarifárias, impostas principalmente por países europeus e pelos EUA, em um fator de competitividade para os produtos mineiros” (LIMA *et al.*, 2006). Neste ato, surge o Pró-Cachaça para reestruturar a agricultura mineira e coordenar as ações públicas e privadas.

Dentre as ações dos órgãos competentes está a de Certificação da Cachaça de Minas. Foi assinado um convênio entre a SEAPA e a AMPAQ, com a finalidade de: preservar a tradição; considerar um produto tipicamente rural; usar a imagem do produto associada a do Estado; e padronizar a produção artesanal com produto de qualidade mínima.

Outro passo em direção à definição do padrão de identidade e qualidade da cachaça foi a publicação da Lei Estadual nº 13.949. Há também o Decreto n.º 42.644 de 05/06/2002. Lima *apud* Oliveira e Magalhães (2002:129), dissertou que este decreto regulamenta a Lei e estabelece critérios de demarcação das regiões, demonstra o processo produtivo e os controles obrigatórios, nomeia o órgão responsável pela fiscalização do setor, reorganiza as competências normativas do Conselho Diretor do Pró-Cachaça e aprova o certificado de controle de origem da cachaça de Minas.

O referido autor cita ainda a importância do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais (SEBRAE/MG), órgão privado que atua em parceria com a SEAPA e a Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais - Instituições Públicas, a finalidade desta parceria se deu no intuito de incentivar a produção da cachaça em Minas Gerais.

Silva (2010), ao tratar do incentivo na produção da cachaça no Território do Alto Rio Pardo, Minas Gerais, reporta a importância do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF – como subsídio às famílias produtoras para os custos de serviços e insumos externos, como oferta de créditos.

Os principais fatores que definem os custos estão na contratação de serviços de mecanização de solos, no transporte da cana e também na mão de obra diarista em atividades de plantio, colheita e no beneficiamento, além da aquisição de insumos diversos. O uso relativamente baixo de insumos industriais (corretivos, adubos), a falta de costume em realizar serviços de análise de solos e de compra de mudas (exceto em alguns casos de formação da primeira lavoura), faz com que a mercantilização da atividade seja reduzida, sendo desenvolvida principalmente com recursos próprios (SILVA, 2010:11).

Observa-se o incentivo concedido à agricultura familiar como política pública, tendo como proposta a sua consolidação como categoria, no reconhecimento dos sujeitos sociais rurais e em relação ao Estado. “Para tanto,

objetiva ajustar as políticas públicas à realidade da agricultura familiar, viabilizar a infraestrutura rural, fortalecer o acesso de suas organizações ao mercado” (Romano e Delgado, 2002:2). Ou seja, o objetivo deste programa é o de promover o desenvolvimento sustentável do campo pelos agricultores familiares, tendo o apoio para o aumento produtivo, geração de emprego, melhoria de emprego e qualidade de vida das famílias. Segundo o técnico aposentado da EMATER de Rio Pomba (IE1):

*O projeto de crédito é tranquilo para o produtor rural. Para fazer o crédito é com o Banco do Brasil. A gente trabalha em três (3) linhas: PRONAF, PRONAMP (Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural), e de mãos produtores que a linha do BNDES... aí o juro do PRONAF é de 1% a e 2% para investimento e de 1,5 a 4% para custeio; no PRONAMP, 6,25% tanto para investimento como custeio, ao ano, isso tudo ao ano... tem ainda outras linhas de 6,85% a 12,84% (IE1).*

*Os produtores costumam vir buscar projetos para financiamentos... mas voltado para cachaça é mais para veículos. Para transporte já tem projeto executado (IE1).*

*Até pouco tempo atrás era pouco divulgado o crédito rural. O pessoal achava que tinha que ser proprietários “grandes”. Só o ano passado a gente fez divulgação e aumentou uns 80% de procura pelo crédito rural, mas mais voltado para leite ainda (IE1).*

*O plantio de cana-de-açúcar é mais para a alimentação dos animais. O que sobra aqui faz silagem de cana. Não é um trato bom, mas é uma reserva lá, como não em cultura da cachaça ainda não buscam financiamentos para essa linha (IE1).*

Como reconhecimento comercial entre países, no mês de abril de dois mil e doze a cachaça foi reconhecida pelos Estados Unidos da América, como produto tipicamente brasileiro. Este reconhecimento favorece a exportação da bebida para esse país, já que o consumo vem aumentando a cada ano.

A projeção de crescimento do consumo de cachaça brasileira no mercado americano é grande, segundo a IBRAC. "Acreditamos que os EUA sejam, em dois ou três anos, o maior mercado para o nosso produto no mundo. Os EUA são importantes porque além de grande consumidores de destilados, são grandes formadores de opinião e nosso principal alvo. A força deste mercado pode nos ajudar com a OMC", afirmou o presidente da IBRAC. (Fonte: *g1.globo.com*, 2012).

#### **4.7. Análise das representações sociais no contexto da produção da cachaça**

Para a análise das representações sobre o objeto em estudo – a cachaça – utilizou-se a fundamentação, principal, no texto de Mary Douglas: “Pureza e Perigo”. Existe uma percepção difusa de a cachaça pela sociedade: sagrada/limpa ou profana/poluída? Baseadas nos conceitos tratados por Douglas (1976), a pureza e a impureza são estruturas simbólicas, podendo ser reivindicadas de formas diferenciadas, dependendo da conveniência social em um determinado contexto. Para essa mesma autora, as noções de poluição são inseridas na vida social em dois níveis: “um largamente instrumental, outro expressivo”.

A noção da poluição construída no nível instrumental é percebida nos comportamentos que surgem a partir das interações das pessoas e das instituições, onde cada uma delas tenta influenciar o comportamento dos outros. “Assim, encontramos suas legítimas pretensões apoiadas em crenças e em poderes extraordinários que emanam de suas pessoas, das insígnias de seus cargos ou de palavras que eles podem proferir” (Douglas, 1976:13).

Utilizar-se-á a cachaça - objeto deste estudo, para entender as noções de poluição na vida social, em seus dois níveis, como descrito por Douglas (1976:13). Observa-se que em períodos históricos, e ainda hoje, a cachaça é considerada ora como pureza nas simbologias religiosas e nas festas (crenças reforçam pressões sociais), em seu nível instrumental; ora como um “perigo” e transgressora, ameaçando infringir as regras, as normas e as leis para se garantir a ordem ideal da sociedade, quando entendida ao nível expressivo (“a ordem ideal da sociedade é guardada por perigos que ameaçam os transgressores”, p. 14-13). Transgressão esta que por vezes está associada ao consumo, mas também à própria produção, face à informalidade que a caracteriza em diversos contextos, como temos visto neste trabalho.

*Outra coisa que está tirando o sono do produtor e de quem é produtor da cachaça “tem endereço fixo”! É fácil de achar ele vem com uma cachaça, com uma cachaça usinada, de São Paulo e vai para o mercado de qualquer jeito. O produtor não está tendo dinheiro para entrar no mercado, vai enfraquecendo ele. (Família Dorna – Vair Dorna)*

Para exemplificar tal fato, Câmara (2004), no livro “Cachaça prazer brasileiro”, ao tratar da relação entre “A cachaça e a Cultura Brasileira”, em capítulo específico, descreve:

“Será na Cultura Popular *latu sensu* – incluindo a marginalidade, a oralidade, o anonimato, a tradição móvel, o contraponto do Folclore ao oficial, ao instituído, ao Estado, à cultura acadêmica – que a cachaça habitará soberana, como tema, motivo, elemento ou ornamento de uma infinidade de manifestações” (Câmara, 2004:87).

Neste sentido, esse mesmo autor entende que as festas populares estão atreladas ao calendário católico: “Na fé e no louvor que acontecem fora da Igreja, bem como nos programas profanos dessas festas – bailes, autos e folguedos, jogos – a pinga é personagem, antes, durante ou depois dos eventos” (Câmara, 2004:87).

Percebe-se também nas manifestações na Umbanda, no Candomblé e no Catimbó, o uso da cachaça como oferenda, despachos, obrigações que representam os rituais de magia e estão presentes nos amuletos e significam imagens e símbolos. De acordo com Douglas (1976, p.20), “é característica da religião primitiva não fazer uma distinção clara entre santidade e sujeira”. Ao mesmo tempo, questiona: “esta afirmação tem sido amplamente sustentada e ainda é ensinada numa forma enigmática ou outra.”

Segundo Douglas (1976), ao escrever a importância de se refletir sobre sujeira, percebe-se suas ponderações sobre a “relação entre a ordem e a desordem, ser e não ser, forma e não forma, vida e morte” (p.16), onde as noções de sujeiras devem ser analisadas em temas profundos. Segundo essa mesma autora: “Nossa ideia de sujeira é composta de duas coisas, cuidado com a higiene e respeito por convenções” (p.19). Em nome do bem viver social, percebe-se uma margem e uma permissividade a “quebra” das regras e ao aspecto convencional, que podem ser desconsideradas em atendimento à amizade.

Há de se considerar, no entanto, que o consumo exagerado da cachaça pode ocasionar situações desagradáveis e perigosas ao convívio social, como citado no início deste trabalho, onde demonstra o lado negativo da inserção da cachaça no contexto social. Apesar disso, hoje se percebe nova reapropriação e

legalização da produção e consumo da Cachaça, quando se verifica o seu consumo em locais sofisticados e com a permissão dos órgãos reguladores.

Para exemplificar tal constatação, observa-se em Camargo (2009) - “Cachaça *versus* café: A guerra das substâncias nos corpos e nas cidades (final do século XIX e começo do XX)”, uma análise na cidade de São Paulo que percorre alguns aspectos das relações sociais que perpassam o consumo de bebidas, demonstrando o dia-a-dia de uma cidade em seus costumes e ações. Essa mesma autora trata da polarização do “imaginário e a clivagem” que se destaca na cidade de São Paulo no Século XIX, trazendo medo e perigo do contágio dos odores, das águas podres, dejetos, lixos e inclusive dos bêbados, como ameaça a ordem social, proporcionando poder ao sentimento de pavor que se instaurava neste contexto.

A questão nunca tinha sido colocada de maneira tão clara. O bêbado é a doença e a imoralidade somadas, entre a libertinagem popular dos botequins e tavernas. Nos textos e receituários de saúde e higiene do período aflora a preocupação com o uso do álcool e da intemperança como propagadores do desequilíbrio orgânico e moral, das doenças e da loucura. O costume e o hábito não regrado trazem a desgraça. Na inquietação do discurso da Ciência trava-se um confronto com o sensualismo e as sensações: o desejo, a volúpia, o destempero. E disto decorre o que mais importa aqui: a acentuação da vigilância (CAMARGO, 2009:33).

Essa mesma autora relata que no final do Século XIX, houve um controle policial nas atividades das tabernas, com o intuito de se manter as regras sociais e os bons costumes. Argumenta que as tabernas desapareceram com as iniciativas de repressão; entretanto, podia se encontrar a cachaça - bebida consumida por uma população mais modesta, em estabelecimentos que mudaram de nomes, em lojas de secos e molhados, em botequins e nas padarias: mesmo com o controle policial e da saúde, os encontros persistiam de forma peculiar. Ou seja, de acordo com Robertson Smith *apud* Douglas (1976), observa-se que essa situação “utilizou a ideia de sobrevivências para dar conta da persistência das regras irracionais de impureza”.

*Eu trabalhava na informalidade também... não adianta fazer mal feito (...). A conclusão é que tudo de errado que vi dos outros eu eliminei e o que era bom eu copieei... (Família Tonel – Jo Tonel).*

*Os meus toneis são organizados e arejados, foi fabricado em cima de uma bica. Todos os tambores numerados... tem que ter um pouco mais de asseio... você viu lá no DP... (Família Tonel - Jo Tonel).*

*No “Tom Moenda” é tudo limpinho, tem contaminação? Tem, só não comentei que ele é bonzinho... (Família Tonel - TP).*

*“Gosto de tudo bem feitinho”. Empregado tem que tomar banho, lá eu quem cuido e não pode entrar sem máscara, empregado não tem cuidados... (Família Capelo – Lene Capelo).*

*Eu gastei aqui para fazer para todos e eu ganho alguma coisa? Ganho no “marketing”! Quero ajudar o pessoal, mas eles não quiseram. Seria eu a presidente e daqui a dois anos eles aparecem também... (Família Capelo – Lene Capelo).*

Ao concluir seu artigo, Camargo (2009) pondera que a discussão sobre o uso da bebida alcoólica no Século XIX “clareia o contato entre o refluxo do mal e da impureza e o projeto civilizador. Mergulhamos num mundo de adoração da racionalidade” (Camargo, 2009, p.44).

*O ditado é que “o peixe morre pela boca”... se você não fizer direito você acaba (Família Capelo – Lene Capelo).*

Desta forma, a sociedade e o indivíduo se propõem à estabilidade dos costumes, baseados nos códigos dos usos da limpeza. Durkheim *apud* Douglas (1976:34) insistia “em que regras de separação são as marcas distintivas do sagrado, o pólo oposto do profano.” Para Durkheim, citado por essa mesma autora, o sagrado era contagioso e, desta forma, as entidades religiosas “são meramente ideias despertadas pela experiência de sociedade, meramente ideias coletivas projetadas externamente, meras expressões de moralidade.” Nessa mesma citação, Durkheim comenta que “o sagrado precisa estar continuamente cercado com proibições.” Afirma que assim deveria ser sempre tratado: “como contagioso porque relações com ele restringem-se a serem expressas por rituais de separação e demarcação e por crenças no perigo de se cruzar fronteiras proibidas”.

Robertson Smith *apud* Douglas (1976:36) atribuiu à cultura humana três (3) estágios de desenvolvimento: a) magia; b) religião; e c) ciência. Nessa análise, a

magia é vista como uma ciência primitiva, que pela sua própria inadequação, foi suplantada pela religião “na forma de uma fraude política e sacerdotal.” Em sequência, “da tese da magia emergiu a antítese, religião, e a síntese, ciência moderna efetiva, substituiu a ambas, religião e magia.”

Desta forma, dada a importância da ciência nos dias atuais, observa-se nos trabalhos de Silva (2010) e Oliveira *et al.* (2005), a discussão da importância das políticas públicas para a produção agrícola, as quais possibilitarão suporte à agricultura familiar na possibilidade da produção da cachaça. Isso porque os problemas relacionados à informalidade - um dos entraves apontados como crítico em todo o processo de produção e comercialização da cachaça - encontra-se na necessidade do desenvolvimento de um projeto que incentive:

- a) ao estudo da viabilidade econômica, técnica e financeira na produção; e
- b) a capacidade gerencial dos agricultores familiares envolvidos na fabricação, quer seja no preparo do solo, no plantio da cana, no uso dos agrotóxicos, nas etapas da produção da cachaça, bem como na moagem, na fermentação, na destilação e no armazenamento.

Entende-se, desta forma, a importância do Estado e de políticas como incentivadores à produção da cachaça, lembrando a citação de Douglas (1976), onde tal agente e tais atitudes significariam a “limpeza” da bebida cachaça.

O fato é que a cachaça é a bebida representativa do Brasil, nacional e internacionalmente, apesar de não se ter a distinção clara de seu posicionamento: hora santidade/limpeza; hora profana/sujeira. Dessa forma, podem-se perceber nos empenhos das certificações, das novas inserções sociais da bebida nos restaurantes de luxo, a ideia de se fazer da cachaça um autêntico símbolo nacional. De acordo com Douglas (1976), “santidade e não-santidade afinal não necessitam sempre ser opostos absolutos. Podem ser categorias relativas. O que é limpo em relação a uma coisa pode ser sujo em relação à outra e vice-versa”.

Segundo essa mesma autora, “o idioma de poluição adequa-se a uma álgebra complexa que leva em consideração as variáveis de cada contexto”; ou seja, há um contexto moral, no qual a ingestão demasiada da bebida é condenada e há outro contexto, econômico, onde a produção da cachaça é incentivada,

sancionada e legitimada, inclusive pelas políticas públicas que a reabilitam como símbolo da identidade mineira.

Oliveira (2000), em “Havana: A marca símbolo da cachaça de Salinas” reporta que o estudo das cachaças da cidade de Salinas (MG) tem passagem obrigatória pela marca Havana e a história de seu criador - o produtor Anísio Santiago. Nesse trabalho o autor descreve a trajetória da construção de uma marca em um processo baseado na simplicidade e no capricho de décadas de produção. Evidencia que essa marca de cachaça - distinguida em todo País e até mesmo no exterior como um produto de elevado padrão de qualidade - que por ser pouco disponível no mercado dada a sua pequena escala de produção, faz o seu preço ser bastante elevado: tais condições proporcionaram identidade única à referida marca.

Outro fato que deve ser destacado no processo de construção da referida marca, que se tornou um símbolo para a cidade de Salinas, deu-se na forma da produção e da distribuição dos dividendos deste produto. Segundo esse mesmo autor, as despesas da fazenda eram custeadas pela própria cachaça produzida; ou seja, os funcionários recebiam em garrafas de cachaça os seus pagamentos. Assim, estes poderiam dispor de seus produtos da forma que os conviessem. “Entretanto, vale ressaltar que para trabalhar com ele (Produtor Anísio Santiago – complemento meu) a pessoa tem de ser polivalente” (Oliveira, 2000:146).

#### **4.8. Considerações**

A análise das controvérsias na produção da cachaça trabalhada nesta pesquisa se pautou nas teorias que identificavam os ciclos das produções, como são as etapas necessárias para se produzir a bebida. No entanto, quando se deparou com a realidade das famílias produtoras da cachaça de Rio Pomba, pode-se constatar que o processo é o mesmo utilizado pelos alambiqueiros mineiros e ainda conserva sequências de produção da forma tradicional. As relações interpessoais existentes entre os personagens familiares são a grande importância para a manutenção das tradições e manutenção das hierarquias familiares.

Vide a família Moenda, uma família de tradição centenária, onde o patriarca é o centro das decisões de produção e comercialização. Na família Dorna, o proprietário produtor, com um engenho mais atual, no que se refere aos maquinários – exemplo, a moenda, maquinário onde é moída a cana de açúcar - em sua reestruturação, mas a prática de fabricação, ou seja, o processo ainda permanece o mesmo, utiliza toda a etapa demonstrada acima; no entanto, centraliza todas as funções administrativas do processo produtivo da cachaça.

Quando se trata da distribuição, vê características da informalidade, inicia-se pelo que se considera dentro do padrão de exigências dos órgãos de fiscalização. As distribuições são feitas sem notas fiscais, pois essas famílias não possuem o registro junto a Receita Federal, órgão que registra e legitima a produção da cachaça e afins. No entanto, algumas iniciativas já foram tomadas no sentido da legalização, mas os entraves encontrados pelas famílias e as exigências dos órgãos federais não condizem com as possibilidades de produção das famílias. As discussões feitas entre a família Capelo e a família Dorna acentuam bem a controversa comercial que se existe para a manutenção do registro exigido.

Desta forma, ficam as famílias, foco da pesquisa, na informalidade: seja pelos altos impostos, seja pela quantidade produzida não suficiente para manutenção da produção. As famílias produtoras da cachaça são unânimes em dizer que não compensa mais a manutenção deste tipo de atividade, a insistência se dá pela tradição e pelo reconhecimento de que a geração de renda dá para o auxílio do sustento familiar rural. Desta forma, a distribuição é realizada em garrafas *pets*, garrafões de vidro, garrafas esterilizadas e envasadas pelos próprios produtores, entregues em bares, restaurantes e vendida em feiras municipais das cidades próximas ao município Rio Pomba.

A certificação, uma das características trazidas nas literaturas sobre o tema, pode ser vista como agregador econômico. Nos exemplos e nos textos são exemplos a citar, mas nas realidades tratadas pelas famílias produtoras da cachaça de Rio Pomba não se mostra fator determinante para mudança na produção: mesmo que todas as famílias entrevistadas tenham considerado de fundamental importância a certificação para o seu produto. No entanto, ficou

evidenciado nas falas que não será uma providência a se tomar. Uma das prioridades identificada na pesquisa foi quanto à fiscalização e os impostos que tornam para esses produtores gargalos quanto à produção da cachaça.

Com relação ao consumo, neste trabalho, não se propôs fazer juízos de valores quanto às formas de consumo do objeto de estudo, a cachaça; mas demonstrar uma opção das representações sociais presentes: sejam por vezes positivas outras negativas, “tomando-a” como representação em seu tempo/espaço, nos períodos históricos, nos contextos rurais/urbanos, nas formas e manifestações culturais, religiosas, política, na qual foi imaginada, significada, identificada; ou seja, nas interligações individuais e coletivas concretizadas. As representações se dão a partir das necessidades sociais, política e econômica, no meio social onde está inserida.

No entanto, nas entrevistas pude perceber a valorização da produção da cachaça retratada pelos entrevistados Vair Dorna e Tom Moenda. Um se comovia ao falar do capelo herdado de seu avô; e o outro do espaço de armazenagem e descanso da cachaça. Desta forma, representa para esses entrevistados a forma de manter a tradição e a produção da cachaça como um fator de geração de renda e reconhecimento social. Esse reconhecimento é observado por meio das formas e modos da produção da cachaça artesanal mineira.

Vale ressaltar que a presente pesquisa teve como pretensão discutir a controvérsia do processo produtivo da cachaça e as implicações das famílias produtoras desta atividade. No entanto, a problemática social que abarca os contextos específicos das famílias produtoras da cachaça é bastante complexa, destacando-se: a geração de desconfiança entre os produtores, o que leva à resistência na formação de uma organização coletiva; a aversão ao risco; as tensões da ambiguidade formal *versus* informal; as importâncias dos saberes tradicionais à aceitação e aplicação das novas tecnologias; e, sobretudo, a valorização da manutenção de uma identidade familiar.

## CONCLUSÃO GERAL

O estudo da pesquisa pautou na observação específica de quatro famílias produtoras da cachaça artesanal, sendo três moradores na Zona Rural do Município de Rio Pomba e uma família produtora, a família Capelo, residente na área rural da cidade de Juiz de Fora. Todas as famílias se apresentaram interdependentes, constituindo desta forma, uma rede social que as entrelaçam nas relações sociais e de trabalho. A categoria que as identificam, como fator comum e de minha observação direta, era a produção de cachaça e a informalidade.

Constou como pontos de conflitos existentes nas famílias Moenda, Dorna, Tonel e Capelo em relação ao tema “Informalidade e redes sociais: famílias produtoras de cachaça do município de Rio Pomba, MG” aqueles já referidos em outras considerações sobre o tema pesquisado, sendo estes os principais gargalos: o fator econômico, a certificação, a geração de renda, os altos impostos e a necessidade de se reunirem em cooperativas.

No entanto, o que se observou, especificamente, nas famílias produtoras da cachaça de Rio Pomba, foi a resistência da formação de uma associação, cooperativa ou uma forma qualquer de empreendedorismo, possível de uni-los para fazerem parte dos benefícios institucionalizados que existem para a formalização da produção.

Observei nas falas, olhares, jeitos e trejeitos que os participantes consideravam de extrema importância qualquer forma de organização entre os produtores de cachaça; no entanto, houve apenas uma tentativa para tal. Mas ao se reunirem entre os seus familiares, percebi que o discurso se parecia – uma resistência velada quanto à preocupação com o *blend* (mistura). Em todas as discussões sobre o tema de se organizarem em cooperativa eram positivos em aceitar, mas os motivos eram justificados com receio quando percebiam a

alteração em suas produções. Alterações possíveis de modificarem a qualidade da bebida fabricada. Fechando sempre a discussão, levantava-se a desconfiança das relações com as demais famílias; ou seja, deixavam clara a importância da manutenção de sua fabricação artesanal e tradicional, como fator de identidade familiar, de saber-fazer, do reconhecimento local e diferenciado.

Ao atentar para a importância do saber-fazer, o *metiê* das famílias produtoras da cachaça, pude perceber a forma tradicional presente em todo o processo desta forma de produção da cachaça. Mesmo as famílias adquirindo novas técnicas, seja por meio de cursos ofertados pela EMATER, Sindicato dos Trabalhadores, a pesquisa sinalizou as práticas dos ciclos de produção utilizadas pelas famílias no processo produtivo ainda distante dos processos tecnológicos tratados nas teorias tratadas nos órgãos como, por exemplo, o SEBRAE, e outros livros e cartilhas disponibilizados: seja pela AMPAQ ou pelas Universidades próximas ao Município de Rio Pomba. Há de se considerar que mesmo o município tendo um Instituto Federal, e nesta Instituição ter cursos voltados para a agricultura, ainda não está preparado para capacitar os produtores desta atividade - a da produção da cachaça.

Percebi também que os extensionistas envolvidos nos acompanhamentos e parcerias com os agricultores e às famílias produtoras da cachaça ainda não se envolveram efetivamente nesta forma de produção. Considero que houve um extensionista que iniciou um trabalho junto aos familiares, abordando a etapa da fermentação, fase importante e de inovação no processo produtivo. Mas esse profissional foi aposentado pela instituição. O profissional extensionista atual admite não ter conhecimento ou empenho nesta atividade familiar, a produção da cachaça.

Desta forma, o que se verifica no ofício e nos saberes das famílias produtoras de cachaça é um conhecimento tradicional, passado de geração a geração, e atitudes isolados e individuais de empenho para novas investidas para maior e melhor produção e o uso de novas tecnologias. Entretanto, no município de Rio Pomba, o desenvolvimento rural e as possibilidades de geração de renda não estão na produção da cachaça, mas sim na pecuária leiteira. Contudo, observei que as famílias entrevistadas estão satisfeitas com a forma e o retorno

auferido a atividade de produção da cachaça. Dado o potencial e a tradição destas famílias, deveriam receber melhor capacitação para o desenvolvimento do processo produtivo e de comercialização da cachaça.

O que se percebe, de fato, é que as interligações familiares e extra-familiares, as redes sociais formadas pelos indivíduos envolvidos na pesquisa, servem como oportunidade de mão de obra, parcerias e trocas de conhecimentos e melhores produções para as famílias envolvidas na atividade do processo da produção da cachaça. A forma informal em que é praticado na comercialização, na distribuição e o não-compromisso com os tributos, levam ao aumento da renda. No entanto, as limitações quanto ao mercado receptor da cachaça fica comprometida e por vezes levam insegurança às famílias quanto à fiscalização. A informalidade existente nestas famílias produtoras de baseia na reciprocidade em todo o processo produtivo, desde o plantio da cana, que se dá na maior parte em mutirões de vizinhos, ao engarrafamento artesanalmente arranjado. Desta forma, fica confirmada, no grupo pesquisado, uma das hipóteses que “a garantia de uma renda extra e a aversão ao risco, levam as famílias produtoras da cachaça a se manterem na informalidade, porém, descapitalizadas”.

Os fatos que comprovaram a informalidade e as redes sociais construídas neste grupo de familiares produtores rurais pesquisados estão descritas no Capítulo 4: “Análise das Controvérsias na Produção da Cachaça em Rio Pomba, MG”. Nesta discussão se percebe as ambigüidades existentes em todo o ciclo de produção da cachaça fabricada pelas famílias produtoras de cachaça entrevistadas do município de Rio Pomba. Todas as etapas de produção são cumpridas pelas famílias envolvidas nesta atividade. No entanto, a discussão já se inicia no que se deve considerar formal e informal em uma atividade rural, tradicional, familiar.

O Capítulo 2 nos indicou formas em que a Sociologia Econômica vem lidando com o termo e as ações ocorridas, e que foram consideradas neste trabalho a título de observação das famílias rurais produtoras da cachaça. Ao entender a complexidade existente nas atividades rurais, busquei utilizar da compreensão para análise da informalidade como uma interligação, redes sociais, que entrelaçam as atividades e as ações sociais e econômicas de um grupo, aqui

no caso, nas famílias produtoras da cachaça e dos indivíduos que trocam conhecimentos tradicionais, podendo ser formais ou informais; ou seja, uma forma de catequização, com objetivo de geração de renda familiar e desenvolvimento local.

Dentre as controvérsias existentes no ciclo produtivo da cachaça na produção das famílias de Rio Pomba, identifiquei uma produção essencialmente artesanal, familiar e com dificuldades em algumas etapas, como no desenvolvimento do fermento, etapa fundamental para toda a fabricação da cachaça. No cuidado com a higiene como exemplificado nas teorias, mas a dificuldade dos produtores em se manterem adequados às exigências da vigilância sanitária. No entanto, tais limitações não trazem prejuízo à qualidade final do produto, apesar das irregularidades encontradas nos locais de fabricação. O destino adequado aos dejetos oriundos desta atividade, como exemplo o vinhoto e o bagaço da cana, apesar de por vezes serem utilizados na própria fabricação, ficou demonstrado que esses dejetos não são devidamente acomodados, podendo ocasionar impactos ambientais negativos.

Ao se considerar a informalidade no caso das famílias entrevistadas, a distribuição se torna um fator potencial de renda, por ser feita pelos próprios fabricantes e por venderem nas regiões próximas ao município. No entanto, ao considerar formais as normas e leis existentes, a distribuição realizada informalmente se torna fonte de grande perda, pois não podem pensar em maiores mercados, com melhores preços, além da tensão com relação à fiscalização ser constante. Por diversas vezes já foram multados e tiveram toda a sua produção apreendida. Considerando que a cachaça artesanal de Rio Pomba é fabricada por um período curto, em média por um período de seis meses, um lote apreendido compromete um ano de trabalho familiar. Mesmo assim, as famílias são unânimes em afirmar que ainda é uma maneira de continuarem na atividade.

Apesar das teorias sobre cachaça apontarem para a importância da certificação, as famílias produtoras de Rio Pomba não se empenham efetivamente nesse caminho. Reconhecem a necessidade do registro junto aos órgãos legitimados, como a Receita Federal, mas não se mobilizam para se adequarem ao “sistema formal”, instituído socialmente. No entanto, verifica-se um isolamento

entre as famílias produtoras quanto à motivação e as facilitações nos trâmites necessários a um registro ou a uma cobrança de impostos mais compatíveis com a forma de produção. O que eles mais questionam é que os impostos cobrados a um pequeno e médio produtor da cachaça são o mesmo que é cobrado a uma empresa de grande produção.

Por ser considerada a carga tributária excessiva, oitenta e três por cento (83%), no caso da cachaça, não é possível a adequação às normas exigidas. Na impossibilidade da formalização, as famílias produtoras se arriscam na informalidade. Uma das observações presentes e antes não verificada nas literaturas que envolvem famílias produtoras da cachaça, considerando-se a certificação, ficou presente nas entrevistas destas famílias a importância da identidade da qualidade da produção individual. A certificação dar-se-ia perante o reconhecimento da produção familiar, da identidade familiar, e não de um grupo de famílias.

As famílias em foco entrevistadas são bem informadas sobre todas as exigências, sejam das formalizações das empresas familiares ou das vantagens nas padronizações. No entanto, sentem-se “ameaçadas” quando se trata de uma forma de não se fazerem presentes nas produções coletivas, como é o caso de *blends*, onde não se sabe quem é o produtor. Desta forma, ficou evidente que as ações do Estado devem levar em consideração as simbologias existentes nesta forma de atividade.

Ao conhecer a evolução na produção da cachaça no município de Rio Pomba, a história local da fabricação e o perfil dos agricultores familiares deste município, entendem-se a representação social da cachaça por meio dos agricultores familiares, nos dias atuais e em tempos diferenciados. Compreendi, também, a representação social como um debate político, social e econômico, não determinados por contextos dos “poderes momentâneos”, mas na racionalidade local, das necessidades existentes no contexto que por vezes não coincidem com uma observação hegemônica, seja acadêmica, política, econômica ou social vigentes, mas na força das percepções individuais e coletivas construídas socialmente. Como se vê as iniciativas realizadas neste ano em relação a novas

regulamentações sobre a comercialização e reconhecimento da cachaça como um produto nacional.

Desta maneira, como funcionária de uma Instituição Federal de Educação e Pesquisa, sugiro a inserção das famílias produtoras da cachaça nos programas lançado pelo Ministério da Educação, como o Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO). Possibilitaria a pluriatividade rural para o município de Rio Pomba, com a possibilidade de capacitação dos agricultores produtores da cachaça e outros interessados em entrar na atividade.

Sendo assim, a partir dos diagnósticos decorrentes desta pesquisa, podem-se apontar contribuições de possíveis elaborações de políticas públicas cabíveis à realidade dos produtores da cachaça do Município de Rio Pomba e de outros municípios interessados nesta forma de atividade familiar tradicional – a produção da cachaça.

Contudo, para que os objetivos, as linhas de ação, as propostas de políticas públicas e as formas de gestão se tornem factíveis, é preciso que haja participação das instituições políticas nesse processo, para que os resultados econômicos e sociais sejam sustentáveis, com a promoção efetiva do desenvolvimento humano. Caso contrário, por melhor que possam parecer, essas estratégias não alterarão a condição atual dos produtores de cachaça do município de Rio Pomba.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: UNICAMP, 1992.

Associação Mineira dos Produtores - AMPAQ. **Etapas para a produção de cachaça**. Disponível em: [www.ampaq.com.br/arquivo/etapas\\_para\\_produção.pdf](http://www.ampaq.com.br/arquivo/etapas_para_produção.pdf). Acesso em: 25 abr. 2012.

APPADURAI, Arjun. A produção da localidade. In: **Modernity at Large: Dimensões culturais da globalização**. Minneapolis: Universidade de Minesota, 1996, p.237-637.

ARBACHE, Jorge Saba. **Pobreza e Mercados no Brasil**. Comissão Econômica Para a América Latina e o Caribe – CEPAL. Brasília: Documento Elaborado no âmbito do Convênio CEPAL/DFID. LC/BRS/R.135. Mar. 2003. Disponível em: [www.eclac.org/publicaciones](http://www.eclac.org/publicaciones). Acesso em: 08 out. 2011.

ARROYO, Miguel. Paulo Freire e o projeto popular para o Brasil. In: SOUZA, Ana Inês *et al.* (Org.). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, p.260-278, 2001.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2010.

BOURDIEU, Pierre. O Capital Social. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI (orgs.) **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 320p.

BRESSAN, V. G. F.; BRESSAN, A. A.; LIMA, J. E.; BRAGA, M. J. Análise da alavancagem das empresas de capital aberto do agronegócio brasileiro: uma abordagem usando Logit Multinomial. **Revista de Economia e Agronegócio (REA)**, vol.6, n.1, 2008.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisando as noções de Espaço, Lugar, Paisagem e Território, Sob Uma Perspectiva Geográfica. **Revista de Ciências Humanas**. 41, n. 1 e 2, [www.cfh.ufsc.br](http://www.cfh.ufsc.br). 2007 p.141-155. Acesso em: 19 maio 2012.

CALIARI, Márcio *et al.* Diagnóstico da Produção de Cachaça na Região de Orizona, Estado de Goiás, Brasil. Goiânia: **Pesquisa Agropecuária Tropical**, v.39, n.1, p.61-71, 2009.

CÂMARA, Marcelo. **Cachaça: prazer brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004, 144p. Disponível em: [www.books.google.com.br](http://www.books.google.com.br). Acesso em: 12 nov. 2011.

CAMARGO, Deyse. **Cachaça versus Café: A guerra das substâncias nos corpos e nas cidades (Final do século XIX e começo do XX)**: São Paulo, UNESP. v.5, n.1, p.30-46, 2009. Disponível em: [www.assis.unesp.br](http://www.assis.unesp.br). Acesso em: 13 nov. 2011.

CAMPELO, E. A. P. Agronegócio da cachaça de alambique de Minas Gerais: panorama econômico e social. **Revista Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.23, n.217, p.7-18, 2002.

CAMPOS, S. A. **Diagnóstico sobre uso, conservação e estádios de degradação das pastagens do município Rio Pomba, MG**. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba. 2010. 79p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: perspectivas para uma nova Extensão Rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.1, n.1, p.16-37, 2000.

CARNEIRO, M. J. Novas identidades em construção. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 35, 1997, Natal. **Anais...** Brasília: SOBER, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEQUER, Karina L. **Pluriatividade no circuito da cachaça: agroindústria e turismo rural entre os agricultores familiares na região metropolitana de Belo Horizonte/MG**. Viçosa, MG: UFV, 2004. 88p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - UFV, 2004.

COELHO, France M. G. **A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos**. Viçosa: Editora da UFV, 2005.

Conselho Estadual de Política Agrícola – CEPA / Câmara Técnica de Cachaça de Alambique. **Plano Setorial da Cachaça de Alambique (2008)**. Disponível em: [www.conselhos.mg.gov.br](http://www.conselhos.mg.gov.br). Acesso em: 02 out. 2011.

COSTA, Luciano R. **HOMENS DE OURO: Trabalho e Conhecimento entre os Garimpeiros Clandestinos de Ouro da Região de Mariana**: 2002. 125f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais.

CUNHA, Manuela Ivone P. Formalidade e Informalidade: Questões e Perspectivas. **Etnográfica**. [online]. vol.10, n.2 [citado 01 Novembro 2011], p.219-231, 2006. Disponível em: [www.scielo.oces.mctes.pt/scielo](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo). Acesso em: 11 out. 2011.

FAVARETO, Arilson. **A abordagem territorial do desenvolvimento rural-mudança institucional ou "inovação por adição"?** [online]. Estudos Avançados. São Paulo, Vol.24, n.68, 2010. Disponível em [www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo). Acesso em: 02 fev. 2012.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DIAS, Marcelo M. **Condicionantes da Ação Extensionista como Processo de Interação**. Material didático da disciplina ERU 451, Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2012. 17p.

DUBAR, Claude. **A Sociologia do trabalho frente à qualificação e à competência**. Educação e Sociedade. Vol.19. n.64. Campinas, 1999. <http://www.scielo.br/scielo> Acesso em: 28 fev. 2012.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAVARETO, Arilson. **A abordagem territorial do desenvolvimento rural-mudança institucional ou "inovação por adição"?** [online]. Estudos Avançados. São Paulo, Vol.24, n.68, 2010. Disponível em [www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo). Acesso em: 02 fev. 2012.

FEITOSA, Patrícia C. L. **A Cachaça Como Identidade Cultural**. UNB, 2005. 70p. Dissertação (Monografia em Turismo) – UNB, 2005.

FERREIRA, Toniel; VITORINO FILHO, Valdir A. Teoria de redes: uma abordagem social. **Revista Conteúdo**, v.3, n.3, p.3, 2010.

FONTELLA, Odil Matheus. **Sociologia econômica: épocas e eventos (quadros estéticos, 1887-2009)**. [online]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS. 2009. Disponível em: [www.ufrgs.br/sociologia.de.economia](http://www.ufrgs.br/sociologia.de.economia). Acesso em: 15 dez. 2011.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. JOSCELYNE, Vera M. (trad.). 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes. Petrópolis, RJ, 2007.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil Moderno**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2005.

**I Levantamento Nacional** sobre padrões de consumo de álcool na população Brasileira. Elaboração, redação e organização: Ronaldo Laranjeira... (*et al.*);

Revisão Técnica Científica: Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte. Brasília: Secretaria Nacional de Antidrogas, 2007. 76p. [www.uniad.org.br/index](http://www.uniad.org.br/index). Acesso em: 27 out. 2011.

Instituto Mineiro Agropecuário – IMA. **Certificação da Cachaça Artesanal Mineira**. Disponível em: [www.ima.mg.gov.br](http://www.ima.mg.gov.br). Acesso em: 14 jun. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Aspectos Geopolíticos**. 2007-2008. [www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/) - Acesso em: 22 fev. 2012.

KAGEYAMA, Desenvolvimento Rural: conceito e medida. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**. Brasília, v. 21, n. 3, p. 379-408, set./dez. 2004.

KAPLAN, Abrahan. **A conduta na pesquisa**: metodologia para as ciências do comportamento. Tradução HEGENBERG, L; MOTA, O. S. São Paulo, E.P.U: USP, 1975.

KUENZER, Acácia. **As mudanças no mundo do trabalho e a educação**: novos desafios para a gestão. São Paulo, Cortez, 2001.

LELIS, Juliana L. **Territórios da Informalidade**: as diferentes estratégias reprodutivas das famílias inseridas no comércio informal de Viçosa-MG. Viçosa, MG: UFV. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - UFV, 2011, 214p.

LIMA, Dalmo de Albuquerque; WILKINSON, John (Org.) **Inovações nas tradições da agricultura familiar**. Brasília: CNPq/Paralelo 15, 2002.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. **Fomento do Agronegócio**. Disponível em: [www.agricultura.gov.br](http://www.agricultura.gov.br) Acesso: 18 maio 2012.

MARTELETO, R. M.; SILVA, A. B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, v.33, p.41-49, 2004.

MINAYO, Maria C. S. O Desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely F. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Vozes, revista e atualizada. Petrópolis, RJ, 2007.

Ministério da Saúde. **Consumo de álcool**. Disponível em: [www.inca.gov.br/inquerito/docs/consumodealcool.pdf](http://www.inca.gov.br/inquerito/docs/consumodealcool.pdf). Acesso em: 27 out. 2011.

NORONHA, Eduardo G. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. São Paulo: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n.53, 2003. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci). Acesso em: 25 out. 2011.

OLIVEIRA, C. R.; GARÍGLIO, H. A. A.; RIBEIRO, M. M. **Cachaça de alambique: manual de boas práticas ambientais e de produção.** Belo Horizonte: SEMAD; FEAM, 2005. 72p.

OLIVEIRA, Elias Rodrigues. **A “Marvada Pinga” – produção de cachaça e desenvolvimento em Salinas, Norte de Minas Gerais.** Lavras: UFLA, 2000. 178p.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as Competências desde a Escola.** MAGNE, Bruno Charles (trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. 90p.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China: informalidade, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil.** São Paulo: Hucitec; Anpocs, 2011. 340p.

PORTUGAL, S. **Contributos para uma discussão do conceito de redes na teoria sociológica.** Oficina do CEAS, nº 271, p. 01-35, março, 2007.

ROMANO, Jorge. A fome que dá lucro. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**, v.1, n.12, julho de 2008.

ROMANO, Jorge; DELGADO, Nelson. **Os planos municipais de desenvolvimento rural como processos sociais.** In: Mundo rural e cultura. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N. B. Pluriatividade e Ruralidade: falsas premissas e falsos dilemas, IN: CAMPANHOLA, C.; GRACIANO DA SILVA, J. (eds). **O Novo Rural Brasileiro: novas ruralidades e urbanização**, v.7. Brasília: EMBRAPA, 2004.

SANTOS, José Alcides Figueiredo Uma classificação socioeconômica para o Brasil. **Rev. bras. Ci. Soc.**, vol.20, n.58, São Paulo, 2005.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Estudos de Mercado SEBRAE/ESPM. **Cachaça Artesanal.** Série Mercado. 42p. Disponível em: [www.biblioteca.sebrae.com.br](http://www.biblioteca.sebrae.com.br) Acesso em: 25 set. 2011.

Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – SEAPA. **Programa de qualidade e de produtividade de Minas.** Disponível em: [www.agricultura.mg.gov.br/](http://www.agricultura.mg.gov.br/). Acesso em: 18 mar. 2012.

SILVA, Jairo Martins **Cachaça: o mais brasileiro dos prazeres.** 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008. 202p.

SILVA, Sandro Pereira. Análise da Produção Familiar de Cachaça no Território Alto Rio Pardo – MG. In: **Anais...** 48<sup>o</sup> Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia. 2010.

SOUZA, D. **Constelações de Desenvolvedores**: a influência dos fenômenos mentoria e Rede de relacionamentos nos executivos do RAPidão Cometa. *In*: II CBPOT, 2006.

VILELA, E. F. Depoimentos. **Jornal “O Tempo”**, Belo Horizonte, 4 dez. 2003. Caderno de Agronegócios. p.f 12.

VINCENT, Joan. A Sociedade Agrária como Fluxo Organizado: Processos de desenvolvimento passados e presentes. *In*: BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987.

WANDERLEY, Fernanda. Avanços e Desafios da Nova Sociologia Econômica. **Soc. Estado**, v.17, n.1, Brasília, 2002. Disponível em: [www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo). Acesso em: 19 nov. 2011.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Estudos Sociedades e Agricultura. Vol.15, [www.bibliotecavirtual.clacso.org](http://www.bibliotecavirtual.clacso.org). 2000, p.87-145. Acesso em: 18 jan. 2012.

WEBER, Max. Conceptos sociológicos fundamentales & Poder. *In*: Economía y Sociedad. Mexico: **Fondo de Cultura Económica**, vol.1, 1964.

## **ANEXOS**

## Questões Orientadoras das Entrevistas

### 1. Identificação do produtor de cachaça:

1.1. Nome:

1.2. Idade:

1.3. Local de Nascimento:

Cidade -

Estado-

1.4. Escolaridade: Quantos anos de escola?

### 1.5. Quantos membros tem a família (Pai, Mãe, Filhos)

| Nome: | Idade: | Parentesco | Dependente (S/N) | Ocupação | Escolaridade | Residência (R/U) |
|-------|--------|------------|------------------|----------|--------------|------------------|
|       |        |            |                  |          |              |                  |

1.5.1. Quais membros da família contribuem para a renda familiar?

1.5.2. Atividades (agrícolas e não agrícolas) mais importante para a renda da família:

1.6. Condição do Alambique (Proprietário; Arrendatário; Meeiro; cedido; Outros)

1.7. Há quanto tempo produz Cachaça?

1.8. O que o motivou a entrar na produção e comercialização da Cachaça?

a) Dar continuidade á atividade desenvolvida pela família – ( Avó; Pai; Irmão; Outro)

b) Possibilidade de obtenção de renda

c) Outro motivo - Qual?

1.9. Quem da família começou a produzir cachaça? ( Quando e ano)

### 2. Uso da Terra (Proprietário; Meeiro; Arrendatário; Terra cedida; Outros)

2.1. Área total do estabelecimento:            há

2.2. O que o senhor (a) produz? (produto e área).

2.3. Utiliza irrigação?    Se sim: Área            ha; Cultura (s):            Método:

2.4. Há quanto tempo vem explorando esse terreno?

2.5. Ele foi: Comprado    ou Herdado;

                  Comprado (            ha), Herdado (            há)

                  Cedido; Arrendado ( ); Assentamento ( ).

2.6. Se a terra é arrendada, quando iniciou o arrendamento? Início:            Término:

### 3. Associativismo – Cooperativismo

3.1. Participa de alguma associação de classe? Ex: (Associação Comercial, Ampaq, Aspaq, Cooperativa ou outras).

Sim, Qual?            Não, Porque?

3.2. Quais as vantagens e/ou desvantagens de participar ou não de uma associação destas?

3.3. Que produtos comercializa com a (s) cooperativas (s)?

3.4. Que benefícios adquire através da (s) associações ou cooperativa (s)?

3.5. Qual a sua opinião sobre a (s) associações ou cooperativas (s), a que faz parte?

3.6. É filiado a algum Sindicato? Qual? Porque?

3.7; Qual a sua opinião sobre a atuação do Sindicato ao qual o senhor está filiado?

3.8. Tem utilizado Crédito bancário para as atividades agropecuária?

a) Sim, Qual Banco? Qual Programa? Para qual atividade?

b) Não Porque?

### 4. Força de trabalho ocupada e o tempo de ocupação:

4.1. Distribuição da mão de obra

Pessoa

Parentesco

Sexo

Idade

Forma de pagamento

|  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
|--|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|------------|
| Quantos dias trabalha no mês   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Atividades do ano/mão de obra ocupada: Família (F); Permanente (P); Temporária (T)       |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| <b>Produto:</b>  | <b>Jan</b> | <b>Fev.</b> | <b>Mar.</b> | <b>Abr.</b> | <b>Mai.</b> | <b>Jun.</b> | <b>Jul.</b> | <b>Ago.</b> | <b>Set.</b> | <b>Out.</b> | <b>Nov.</b> | <b>Dez</b> |
| Arroz  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Feijão   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Milho  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Gado   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Cana   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Alambique  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 4.2. Origem da Mão de obra temporária (Local/Região; Outros Municípios; Outros Estados)  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 4.3 Mão de obra de profissionais especializados, contratados pela propriedade num ano:   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 4.4. Os empregados recebem algum tipo de incentivo ou participação?                      |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 4.5. Os empregados recebem algum tipo de treinamento? (Qual? Em que período? Onde?)      |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 4.6. O senhor tem recebido assistência técnica na produção de cachaça?                   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| <b>5. Aspectos Gerenciais e Mercadológicos</b>   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 5.1. Como o senhor planeja a produção do alambique?                                      |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 1. Quantidade Produzida:   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 2. Contratação de Mão de obra:   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 3. Despesas:   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 4. Comercialização:  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 5.2. O senhor calcula o seu custo de produção?   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Quais as dificuldades encontradas no cálculo do custo de produção da cachaça?            |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 5.3. Qual a sua opinião sobre as outras marcas de cachaça que concorrem com a sua?       |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 5.4. Como o senhor faz a divulgação da sua cachaça?                                      |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| <b>6. Informações agrônômicas sobre a cana-de-açúcar para produção de cachaça</b>        |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.1. Área Cultivada: há  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.2. Época de plantio:   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.3. Preparo do Solo (tração animal ou tração mecânica)                                  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.4. O senhor faz correção do solo com calcáreo?   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.5. O senhor faz adubação química? Qual adubo? E a quantidade/há?                       |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Em que época, no plantio, após o corte ou nenhuma?                                       |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.6. O senhor faz adubação orgânica? Qual adubo? E a quantidade/há                       |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| Em que época, no plantio, após o corte ou nenhuma?                                       |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.7. Qual (is) variedades de cana o senhor cultiva?                                      |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.8. Qual a produção em toneladas por hectare?   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 6.9. A cana utilizada é toda produzida na propriedade ou o senhor compra cana de fora?   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| a) Qual a quantidade comprada?   |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| b) Por quê o senhor não expande a sua produção de cana para evitar a compra?             |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| <b>7. Processos Industriais e Comerciais da Cachaça</b>                                  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1. Característica do Produtor  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1.1 - Sua Cachaça possui registro? Em que órgão (ãos)? Desde quando? (data por órgão). |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| a) Quais as vantagens de ter a cachaça registrada?                                       |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1.2. Se não possui registro, quais os motivos principais?                              |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1.3. O senhor vê alguma vantagem e não registrar sua cachaça?                          |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1.4. Qual a capacidade de produção de seu alambique, em litros/dia?                    |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1.5. Qual foi a sua produção em 2010?  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1.6. Quanto o senhor espera produzir em 2011?  |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |
| 7.1.7. Rapadura - quantidade produzida em 2010 (consumo próprio: ou comercialização)     |            |             |             |             |             |             |             |             |             |             |             |            |

|  |
|--|
| 7.1.8. Melaço - quantidade produzida em 2010: (consumo próprio: ou comercialização)  |
| 7.1.9. Tipo de produção: (própria; em parceria para terceiros)   |
| 7.1.10. Qual o tipo de moenda utilizada? Como é o seu racionamento?<br>Qual é a sua capacidade de moagem em tonelada por hora? |
| 7.1.11. Quanto á destilação qua é o seu sistema de alambique?<br>E o destilador, qua a sua capacidade em litros?               |
| 7.1.12. Quanto ao sistema de armazenamento, como o senhor armazena a sua cachaça?  |
| 7.1.13 Destino da produção (consumo próprio: ou comercialização)   |
| 7.1.14. Como o senhor comercializa a sua cachaça? ( atacado ou varejo)   |
| 7.1.15. Compradores:   |
| a) comerciantes  |
| b) enfarrafador  |
| c) bares/restaurants   |
| d) supermercados   |
| e) hotéis  |
| f) outros  |
| 7.1.16. Local da comercialização:  |
| a) município   |
| b) na região   |
| c) outras regiões do estado  |
| e) exterior  |
| 7.1.17. Qual a época da venda?   |
| a) na safra  |
| b) na entressafra  |
| c) o ano todo  |
| d) outra.  |
| 7.1.18. O senhor pretende investir para incrementar/melhorar a sua produção de cachaça?  |
| 7.1.19. Que tipo de apoio seria necessário?  |
| a) gerencial   |
| b) financeiro  |
| c) tecnologia agrícola   |
| d) tecnologia industrial.  |
| 7.1.20. O senhor faz algum tipo de controle da qualidade da sua cachaça?<br>Por quê?   |
| 7.1.21. Qual é a sua opinião sobre o mercado da cachaça?   |
| 7.1.22. Quais os principais problemas enfrentados como produtor de cachaça?  |